

**A VIDA
VERTIGINOSA
DE CHIQUINHO
ZANZIBAR**



**SEXO,
DROGAS,
CORRUPÇÃO
E FUTEBOL
ALVA BENIGNO**

VOLUME 1

VERTEX

A VIDA VERTIGINOSA DE CHIQUINHO ZANZIBAR



**SEXO,
DROGAS,
CORRUPÇÃO
E FUTEBOL
ALVA BENIGNO**

VOLUME 1

VERTIX

Copyright © Alva Benigno, 2017

Todos os direitos reservados

Coordenação editorial

Fernando Gomes de Carvalho

Capa, projeto gráfico e revisão

Erasmo Dias

Benigno, Alva, 1965

A vida vertiginosa de Chiquinho Zanzibar – Sexo,
drogas, corrupção e futebol

Editora Vertex, 2017

ISBN 978-85-919298-2-4

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem
prévia autorização

1ª Edição

2017

AGRADECIMENTOS

À Vertix, por acreditar na possibilidade de uma literatura alternativa que envolvesse o futebol e rompesse com os paradigmas óbvios deste segmento na produção de livros.

Ao blog Panorama Tricolor e sua equipe de direção, por confiarem na realização deste trabalho com a mais absoluta liberdade, concedendo o franco espaço para publicação e divulgação.

A todos os torcedores do Tricolor que compreenderam a importância desta proposta de livro, ousada e talvez inédita no Brasil, muitos deles já tendo prestigiado o trabalho na internet.

Meu respeito permanente por todos os que toleraram e o propósito do meu trabalho nesta obra: expor um esboço que poderia ser de qualquer time, grupo social ou país, para que todos reflitamos sobre muitas e muitas coisas que andam pairando pelos ares do Brasil. E, claro, ao verdadeiro Chiquinho Zanzibar por tudo, ao lado de Esmeralda, Arcanjo Calabouço e grande elenco nessa viagem diferente no mundo do futebol.

Estes são os dias de nossas vidas.
Com todo amor.

A.B.

**“Odeio gente
que acha que
tem o bigode
do Sarney,
mas tem é
pentelho
embaixo do
nariz.”**

Chiquinho Zanzibar

APRESENTAÇÃO

O QUE É A VIDA?

Esta é uma história possível. E real. Ou surreal. Ou talvez. Da vida como ela é. Ou não é. Ou talvez devesse ser. E fala de um personagem real, que está perto de qualquer um de nós, a qualquer hora, em qualquer lugar, mas num só Tricolor. Esta é a história de Francisco Igrejas Valenzuela Zanzibar y Zanzibar. Ou o Francisquinho Zanzibar. Ou o Chiquinho Zanzibar. Ou o Chuck. Ou o serelepe menino Zanzi, com seus 60 e poucos anos.

Esta é uma história praticamente real. Os personagens são falsamente fictícios. A sauna é real. Descartar essa realidade é irreal.

Esta é uma literatura real, sobre uma história que poderia ser real, que envolve os mais variados personagens

que poderiam ser reais, nenhum deles mais real e, ao mesmo tempo, surreal do que o protagonista.

Ou seja, Chiquinho Zanzibar é o mais singelo fruto da realidade imaginária. Ele não existe mas, se existisse, bem poderia estar ao seu lado.

O resto é *pulp fiction*.



1 - DISSECANDO CHIQUINHO ZANZIBAR, O ZANZIBOY

Um vilão de si mesmo, ele é uma espécie de símbolo do que há de mais atrasado no Brasil contemporâneo (e aqui falamos de 2017): racismo, exclusão, desejo de supremacia financeira, ética seletiva e absoluta amoralidade quando o assunto é vantagem pessoal.

Tendo vivido seus tempos de glória nos malfadados “anos de chumbo”, CZ é uma *viúva* (sem trocadilhos) da ditadura de 1964, das remoções de favelas no Rio de Janeiro, do DOI-CODI, do AI-5, do ufanismo militar, dos primórdios dos choques de ordem, dos favorecimentos ilícitos de toda sorte.

Obcecado por sobrenomes ricos, colunas sociais, altas rodas, caiu em decadência financeira após a queda de seus mentores, seja pela inevitável chegada da morte ou a sua prévia em vida: o ostracismo. Vivendo de rendas com aluguéis de imóveis deixados por um tio generoso – e corrupto até a última ossada exumada – às custas de estranhos favores –, no entanto é uma pessoa de extrema avareza – típica de seus semelhantes – e procura sempre caçar oportunidades nas quais possa viver o mundo dos ricos como se fosse um deles: uma festa, um jantar, uma bocada num camarote de carnaval, até mesmo uma porção de salgadinhos carregada no bolso depois de um vernissage, onde naturalmente não vai para adquirir qualquer obra, exceto se houver a chance de uma boa lavagem de dinheiro. Na atualidade, tenta recuperar

o cargo de assessor fantasma do mundo político, enquanto sonha encontrar um padrinho que banque sua candidatura a vereador – e, se for o caso, é claro que mentirá para os eleitores sobre tudo o que pensa.

Vive desde sempre em Copacabana, mas detesta a parte menos abonada do bairro: por ele, só teria a avenida Atlântica e olhe lá, sem os malditos prédios de quitinetes. Defende a volta dos elevadores de serviço para não se misturar com o que considera “a criadagem”. Entende que a intervenção militar seria a responsável pela volta do Brasil à condição de país que vai para a frente. Gosta de parecer sofisticado, utiliza expressões em inglês e francês, mas na verdade canta em “embromation” debaixo do chuveiro. Embora não conte para ninguém, a

biblioteca que mantém na sala de seu apartamento foi comprada pronta, por encomenda, num tradicionalíssimo sebo carioca. Detesta livros, mas, ao mesmo tempo, renega o povão que, por outras razões, está afastado daqueles. Contraditoriamente, gosta de Truman Capote.

Já na terceira idade (ou perto dela, dependendo da nova aplicação de botox), carrega imensa culpa por conta de sua homossexualidade enrustida, ainda que vivida intensamente. Tem um casamento de fachada, para manter as aparências e não ser “falado”. No entanto, em raros dias de chuva não se furta em praticar eventuais traições conjugais com mulheres. Não tem netos, mas sonha em parecer um avô respeitado em breve, sem pensar nos *glory days* que viveu em templos gays

cariocas, tais como a Galeria Alaska em Copacabana e a boate Holigay, no velho prédio do cinema Plaza no Passeio Público.

Para nosso azar, de forma alguma pela orientação sexual, mas pela sua personalidade mais do que controversa e com facetas malignas, é um torcedor fanático do Tricolor e figura constante nas dependências da sede, em especial a sauna de Orange City – por ele apelidada de “Pecadópolis” em alusão a um compartimento do admirado sítio de Roberto Burle Marx, localizado em Pedra de Guaratiba. Foi presença marcante nos tempos do baile carnavalesco “Vert, blanc, rouge”. Adora as festas, churrascos e convescotes, onde se impõe como um prócer da ética e da moralidade. Vai sempre na boa.

Acompanhou o time ao vivo muitas vezes, geralmente num jabá de camarote do antigo Maracanã, mas se afastou na era atual. “Tem muita gentinha, pobres sem sobrenome, uma miséria que não é de bem”. O que lhe importa é o poder e a chance de prosperar economicamente caso o club lhe dê uma brecha, nem que tenha de fazer o papel de menino de recados de poderosos interesses. Pelo poder vale tudo e que se dane a Lei de Gil!

Ainda que admire os corpos dos jogadores de futebol, vê neles a figura de serviçais, que deveriam voltar a entrar pela porta dos fundos do club, e não pela entrada principal de Achavs. Mas continuariam a treinar no gramado centenário: uma vez ou outra ele os espia das sociais, sempre com relativa discrição. Fã ferrenho dos *capos* da

contravenção carioca, vê neles o espectro de homens de verdade, elegantes e luxuosos, pouco importando a verdadeira lista telefônica de crimes cometidos pelos bicheiros. Também um admirador profundo de homens como Eduardo Cunha e Mendonça Filho, assim como no passado esteve espiritualmente próximo de personagens como Chagas Freitas, Ário Theodoro, Sandra Cavalcanti, Ronnie Levinsohn, Wilson Leite Passos, Álvaro Valle, Sergio Fleury e João Baptista de Figueiredo, dentre muitos outros.

Lacerdista roxo, udenista convicto, arenista, anticomunista, vê na privatização das praias cariocas o primeiro passo para a volta de seu Rio de Janeiro. Isso não o impede de desafiar convenções conservadoras entre quatro paredes - às vezes, ao ar livre -,

tais como fumar “Arthur” e cheirar o “fubá mimoso” às escondidas, utilizando os mais diversos veículos, incluindo aí supositórios de sete polegadas e salamaleques curiosos. Em suma, um escroque notável – pelo que tem de pior.

Chiquinho Zanzibar é um personagem imaginário (?), mas com mais características em comum com seus parceiros de sauna e carteado do que eles gostariam de ver e saber.

2 - UM ESPECTRO RONDA A ORANGE CITY

Pelos ermos caminhos de difícil acesso, Chiquinho Zanzibar anda acabrunhado. Ele é visto, sentido, mas nunca assumido. Do contrário, não seria ele. Está dentro de muitos, mesmo que morando como um incômodo inquilino que não anda lá em dia com o pagamento do aluguel. E, ainda mais, depreda todo o imóvel.

Anda pensativo porque gostaria demais que o seu time vestisse a camisa canarinho, de preferência com a folhinha do café semi-*plantation* da gloriosa revolução redentora de 1964. Não conseguiu repor seu perfume importado, mas teve alívio ao ver no Youtube uma série de episódios do TV

Mulher. Amava Clodovil, ao mesmo tempo em que sua mãe a Marília Gabriela. Não tinha pudores em imitar o mestre que jamais conseguiria viver na vida real. Fora preparado para casar com mulheres brancas, finas, de bom comportamento. Mulheres que conheceu nas altas rodas. Vivia seu dilema erótico por ser misógino, e, diariamente, ver campanhas nas redes sociais pelo respeito a esse ser humano desprezível. Torcia para um time com inúmeras delas colorindo as arquibancadas, o que o deixava com muita raiva desde muito pequeno. Raivinha e nojo. E, agora, além de presidir o país, ainda votavam, vejam vocês, nas eleições de seu club! Muita audácia!

Seu tio era generoso. Tinha apartamentos que passou para o seu

nome, como agente do DOI, de propriedade de comunistas, inimigos da pátria, essas pessoas ressentidas que tomaram um sossego leão pra sempre. Não gostassem do Brasil, então que o deixassem em paz! De dentro do seu apartamento, herdado depois da morte do amado tio, pensava que havia algo de estranho pairando sobre sua mente. Os aluguéis estavam baixos. Afinal, havia herdado outros imóveis. Como, então, poderia se manter um nobre? Trabalhar era impensável! A bajulação dentro do club não estava mais dando certo. Colocar jogadores obscuros para dentro de elencos das categorias de base e do time profissional não estava mais fácil. Tinha havido uma crise de egos e, como sempre, Chiquinho, ao som de Zanzibar, se encolheu debaixo de suas neuras.

Escrevia para os blogueiros comunistas tricolores, essa raça que deveria morrer pelas mãos dos amigos do seu afável tio, em letras garrafais, os xingando de todos os tipos de nomes sujos que só havia escutado da boca de pessoas de cor, desqualificadas, dessas que tinha orgulho de não serem vistas com frequência em seu dileto club.

Com um novo técnico, as portas de Chiquinho se fechavam, ou ao menos não estavam mais arrombadas. Seu mundo estava abalado, já não bastando conviver com tanta gente desqualificada nos aeroportos, as novas rodoviárias, os pardieiros da mobilidade social. Estava sem alvo, por isso, andava atirando para tudo o quanto era lado. Sempre em letras em caixa-alta, como se os

supostos ofendidos pudessem escutar seus impropérios virulentos.

Sua torcida era paradoxal, haja vista que as vitórias de seu time, com um novo técnico, que, certamente, não daria entrada para seus arranjos com empresários, lhe traria felicidade e mais amargor. Por que, então, Chiquinho Zanzibar torceria com toda a força do seu rancoroso mundo pelo sucesso do time, agora, sob nova direção?

Se desgraça alheia consola... Chiquinho estava muito feliz em ter conseguido, com seus lobbies de fofquinhas de alcova, driblar a democratização do seu club – argh! Que nojinho! –, e fazer que a festa do lançamento dos novos uniformes fosse fechada para VIPs, famosos e os não

menos afamados “quem?”. Só quem tivesse abadã poderia entrar na vetusta sede. Golaço de Chiquinho! Claro, sempre tem alguém desagradável perto do presidente, que não mais lhe dava a mesma bola de antes. Nem ao menos um olhar. Pessoas de cor? Só como serviçais desfilando com os novos uniformes, que ele conseguiu de graça, para seu delírio de propagador da meritocracia.

Mas, e agora? De noite, ele viveria um sonho ou pesadelo?

3 - MAL DE SAÚDE

Chiquinho Zanzibar confessou estar bem mal de saúde. Quando criança, fosse na fazenda de café em Vassouras, fosse no apartamento de puro andar na Zonal Sul do Rio, era atendido pelo médico da família. Doutor Astolfo curava tudo. Só não curava seus pesadelos e suores noturnos, e a baba que amanhecia na amassada fronha do travesseiro. Nos últimos anos, havia se acostumado em não pagar plano de saúde particular, só para gente de sangue azul. Sua esposa e seu casal de filhos também tinham direito a participar do genial *apartheid* dos cuidados médico-hospitalares em nossa enorme e generosa democracia racial. E nem queriam saber como o pai

conseguia essa estranha regalia, uma vez que não exercia função remunerada alguma, muito menos era ligado ao mundo dos cuidados de si pela saúde. Viva da renda do espólio do DOI, alugando apartamentos e lojas.

Ah, mas tinham os amigos do club, os caras da sauna, das rodas de carteados. Hum... Chiquinho conheceu um médico, um doutor, afinal de contas! Era um torcedor fanático, de pele clara, logo, um ser humano, para ele, digno de com ele entreter relações. Desses que contrariam a música que tanto o incomodava, nas tardes-noites de Maracanã: só ia de “cadeira numerada”, para jamais se misturar com a gentinha das arquibancadas! Era alguém do bem. Dizia estar acostumado em fazer fortuna em momentos da desgraça alheia, e

fazia metáforas com os clubs de futebol nas divisões inferiores. Isso tocava fundo no coração de Zanzibar. Por isso, decidiu que esse nobre comerciante das doenças e do mal-estar alheios teria voz e força no seu seletor club *afrikaner*. E quando Chiquinho bate pezinho, ninguém segura seu beicinho se for contrariado.

Zanzibar era também uma herança dos que melhoraram sua condição de nobreza durante a revolução redentora de 1964! Não tinha Vandrê que duvidasse disso! Não havia *paintball* de jovens universitários no Araguaia foi capaz de deter a ele e aos seus!

Sua capilaridade em Brasília não era de ser desprezada, e poderia cobrar

alguns favores. Era um meritocrata! Assim como ele, muitos de seus amigos do Opus Dei estavam nos corredores da Câmara e do Senado, agindo sem parar para evitar que cafuzos, mamelucos e seres de confusão sexual perturbassem a paz da high society conseguida com tanto suor das multinacionais, canais de televisão, jornais e generalatos. Ora, essas! Chiquinho se empenhou ao telefone, e nos almoços, jantares e coquetéis no DF, para barrar o avanço do Sistema Único de Saúde. Era preciso fazer a limpeza social de vez, deixando a pobrada afro-indígena-nordestina-ralé morrer. E o novo Mengele, como o chamava elogiosamente, como se o tivesse concedendo um título nobiliárquico, seria o líder disso em seu próprio club!

Chiquinho conseguiu! Anos e anos de higienização social lhe renderam passagens aéreas, convites para festas da elite da moral e dos bons costumes, conversas sobre as novas técnicas de se usar creolina nas portarias, como lidar com vassalos nordestinos indolentes, e também como atualizar suas declarações de Importo de Renda. Sobre esse ponto, Mengele o ensinou de tudo um pouco. Afinal, como assim dar dinheiro para produzir mais pessoas indesejáveis? Não, negativo! O dinheiro tinha que ficar entre os seus, os eleitos! Se nasceram ricos, isso tinha uma propósito.

A vida de Zanzibar estava por um triz há anos. Mengele não mais comandava Auschwitz, e deu lugar a outros tantos. Mas Chiquinho, em seu

pânico nodal, passou a ter que pagar planos de saúde para pessoas de casta mais baixa do que a sua. Isso já o deixava doente! Suas orelhas queimavam ao pensar quem o atendida no *call center*, levava sua xícara inglesa sorver café depois de fazer exames de sangue, assim como seus chocolates e biscuits do primeiro mundo. Mas ele confessou a mim que sua doença sempre se manifesta quando vê a conta e seu código de barras tinindo, na mesa da sala.

Seu dilema: pagar ou ir pro SUS?

4 - ÓDIO DAS RUAS

Nem parece que o Tricolor venceu e está em uma final. Chiquinho Zanzibar está em crise. Será mesmo que ele gosta de futebol? Comemorar gols de negros e nordestinos, vestindo uma camisa repleta de tradições de sangue azul, era paradoxal para ele. Como pensar que futebol seria esporte da turba popularesca de pele escura e cabeça grande?!?

A fazenda de Vassouras, que desde o áureo século 19, existia com escravos sendo civilizados pela bondade de seu bisavô. Dar a eles roupas, abrigo, e comida era um favor. Claro, assim como na Revolução Gloriosa Redentora de 1964, houve excessos. Mas não se

conversa com animais! Seres superiores têm que manter a superioridade e mostrá-la de modo eficaz. Formou-se como cidadão de bem com filhos e netos de escravos, brincando aqui e acolá com seus suores, instintos eróticos e sem entender porque não conseguia engravidar. Hierarquia é uma coisa, racismo é outra! Se esses seres deliciosamente repugnantes não tornavam-se elite, por que é que coisas assim andavam a ocorrer no seu club?

Num flash, se lembrou de quando ia ao Maracanã ver a Máquina petulante. Anos 1970, boate New York, escondido do pai e da mãe. Gente animada, branca, sem ninguém pra incomodar. Mas também tinham os bailes proibidos no subúrbio carioca, de

funk e soul music. Só de escutar a voz de Ademir Cara de Borracha ou de Monsieur Limá, seus mamilos se endureciam do mesmo modo como nos jogos da Máquina dos homens fortes e viris. Esfregava-se nas pessoas, numa espécie de delírio sexual do qual não poderia se conter. Tudo naqueles clubs cheirava a sexo e sacanagem. Liberava sua libido, sem regras de etiqueta que não fosse a do gozo multirracial entre dominantes e dominados. O cheiro da pobreza o excitava, e tinha dia que queria ser homem e mulher ao mesmo tempo. As estações de trem, se falassem, contariam muitas transas intensas de Zanzibar depois dessas catarses sonoras. Hipoglós não era suficiente, nem sentar no gelo. O farmacêutico do bairro já sabia que receberia um agrado

para lhe vender o tradicional remédio para gonorreia. Gostava de tomar tapa na cara, e surra de pênis mole, com gotas de urina. Lambia os lábios. Sentia seu coração sair pela boca. O ânus duro. Sua picardia suburbana era um segredo para sua família e amigos, quanto mais os do club.

Tinha agora essa de ir pras ruas! Fazer o quê na porra das ruas? Só isso já está errado! Conspirar, sim, claro, óbvio. Isso é coisa da gente nobre. Nas festas e nos jantares em Brasília, na Suíça, em Manhattan é que Zanzibar resolvia algumas coisas. Mas era sempre um capacho dos grandões, dos verdadeiros machos de saco roxo que mandam nas coisas. Agora, pedir golpe? Coisa de gente que compara relógios pra

ver qual é o mais caro. Pedir democracia? Tipo de gente rancorosa porque não nasceu rica, que não veio ao mundo para ser uma pessoa humana. Convocar multidões para ficar gritando e xingando? Ah, meus saís... Chamar as atitudes dos homens de bem, brancos, ricos, de corrupção?

Numa espécie de micro surto, Zanzibar se lembra de, como nos anos 1980, só conseguia ir ao Maracanã ver o casal de ébano jogar por seu time depois de se aplicar um saboroso supositório de cocaína. Ali liberava suas tensões e o fazia tremer por horas, ao ponto de conseguir transar numa boa com sua esposa recatada e branca. Mas tinha um detalhe: só fazia isso escutando os discos de vinil do Trio Los Angeles e do

Genghis Kahn! Isso era inegociável!
Ficava com o desejo à flor da pele.

Danem-se as ruas! Dane-se a
final! Dane-se a chapa única! São todas
coisas de gente desqualificada,
vermelha, de pele escura, que sonha
com chocolate Lindt de freeshop!

5 - O GATO ANGORÁ

Moreira esquenta seu colo. O robe de chambre de cetim lilás toca seu corpo nu, de forma delicada. Sentado à meia luz, escuta o Réquiem, de Mozart, pensando na morte de suas práticas mais usuais. Estava enlutado. Um Centro de Treinamento em bairro de seres desagradáveis, emergentes e pobres, perto de favelas, das milícias, dos pagodes, de Soweto, o desagradava. Suas vísceras se embaralhavam só de pensar que deveria passar a se deslocar até esse novo lugar para sabia lá como para refazer seus esquemas. Em casa, somente o estilo de música autorizado acariciava seus ouvidos. Nada de música de corvéia! As pantufas esquentavam seu coração nobre de neto

de fazendeiro escravista. Amava-as porque se lembrava do Museu da Família Imperial, em Petrópolis: sempre quando chegava, a funcionária se comportava como a escrava vassala e o empantufava. Entrava em êxtase vendo pessoas curvando-se na sua frente.

Moreira, o gato angorá de Chiquinho Zanzibar, rival do outro bichano da casa, Pompom, ronrona alto e possante sob sua genitália. Tudo treme. Numa das mãos, um copo de conhaque, e não da cachaça mais barata dos bailes da juventude, vai inebriando todo o seu corpo tenso. Olhos cerrados diante da TV, observa furioso o homem de fala simples e direta, cheio de ironias, narrar a nova fase de seu time. Se ele ia bem, Zanzibar

ia mal. Aprendeu a fazer grana na desgraça alheia. Seu tio do DOI-CODI o havia ensinado as manhas.

Época de declaração de Imposto de Renda sempre mexia com ele. Administrava os imóveis herdados, com a ajuda de Arcanjo Calabouço. Chiquinho agora me vem com essa! Não bastasse me entorpecer com suas ideias hitlerianas, fanfarronava de amigos do presente embolorado de sua vida moribunda. Calabouço era o braço direito de seu tio, depois servindo de muleta para suas picardias e para lavar sua renda, tornando-o um homem branco de bem da zona sul carioca tradicional. Casas alugadas para bingos administrados para falir os pensionistas

vetustos, e também para diretórios de partidos políticos.

Ocorre que Calabouço andava perturbando a alma de Zanzibar ao ter que lidar com o travesti que lhe achacava.

No final dos anos 1970, havia se apaixonado por uma dançarina na Galeria Alaska, ainda confuso se assumia ou não seus desejos eróticos para sua família. Vivia intensa paixão, quando descobriu que a Pantera Negra tinha outro amante. Homem de dedos grossos e coberto de ouro, sapato de cromo alemão, costeletas espessas, não poupava sua força na hora das festas de Baco. Um homem acaboclado, da pele encerada. Uma espécie de Calígula

suburbano, araponga barra pesada, trabalhava para o jogo do bicho além de zelar pela família, pátria, moral, bons costumes e propriedade privada. Domou a Pantera, obrigando-a a ser somente sua.

Anos mais tarde, telefonemas misteriosos assolaram Zanzibar. A música muda. Entra Maria Callas e as ideias não me chegam muito bem. Árias de Elektra, isso mesmo! É o que eu escuto. Uma voz grita com Zanzibar, que chora como mocinha pudica, palavrões ecoam se misturando ao da soprano.

Não era fácil assumir comportamentos sexuais alternativos aos dos machões dominadores ou das mulheres recatadas, naqueles tempos.

Amores e tesões proibidos alimentavam as sombras das criaturas da noite. Desse cenário de perturbação total, de gozo secreto, de vidas múltiplas, surgiram muitos dos Chiquinhos. Infeliz daquela pessoa que não vive plenamente seu erotismo... Rancores inevitáveis e ressentimentos praticamente incuráveis transbordando pelo mundo real e, nos dias atuais, pelo virtual, também, do tamanho de letras garrafais. Agora, Pantera ressurge querendo ajuda de Zanzibar. Diz que dele possui imenso dossiê, construído por anos com o intuito de se proteger de futuro incerto para pessoas com a sua conduta sexual.

Maravilha! Mas Chiquinho volta dos templos gregos e torna sua tragédia o centro de nossa miserável

comunicação... Não tendo como competir com Calígula, perdeu sua paixão e resolveu fazer o papel de homem. Uma espécie de identidade de super-herói ao inverso. Sentiu-se castrado no seu amor que tentava viver e até mesmo assumir. Agora, Moreira esquenta e embala a nova castração do ébrio Zanzibar, assombrado pela alegria do novo e firme comandante, pelas ameaças da Pantera e da imponente figura de Arcanjo.

6 - DEMOCRACIA?

Pronto. Só faltava mais essa... Falar sobre democracia dentro do seu club. Era a conversa que atrapalhava o carteado e a animada sauna, rituais sagrados para Chiquinho Zanzibar. Um baita anticlímax! Ele me diz que havia avisado à turma que não seria boa ideia abrir as eleições para qualquer pé rapado ou emergente sem tradição votar. Programa de fidelidade parecia essa coisa de bolsa pra beber cachaça e fazer filhos, tornar o lugar marcado por vagabundos. Era sair do litoral e ganhar o continente, o sertão miserável e nefasto. Chegou a ver índios com a camisa do seu club, e sentiu nojo! Voto é censitário e também por sobrenome, é algo do sangue azul que jamais deverá

se avermelhar! Zanzibar berra tudo isso pra mim!

Já era duro, mas sofrido mesmo, de chorar, ver o menu do club virar cardápio, vinhos conviverem com cerveja barata, caviar com pão na chapa, patê de ganso com mortadela, imaginem ver jogador entrando pela porta da frente, ganhando rios de dinheiro, dourando as peles enceradas com bijuterias de puro mal gosto, chinelos de dedos pilotando carros sem chofer. Que gente cafona! E mais agora, com esse senhor, o mais afrontador de todos, fazendo essas piadinhas depois das vitórias que não deixam mais que os garotos de Chiquinho possam ao menos passar umas semaninhas entre o time principal. Vender esses seres, para

Zanzibar, era pagar as dívidas com Arcanjo Calabouço, bancar a Pantera, que havia ressurgido com suas chantagens, e fazer um favor a eles, civilizando-os!

Estava cansado das ameaças contra seus haitianos, na fazenda de Vassouras. Vivia com medo, imaginem só?!? Denunciariam a qualquer momento que sua caridade era crime de colocar pessoas (como assim?) sob trabalhos em condições análogas à escravidão. Que nome pomposo! Respeitava as raízes culturais haitianas e ainda alimentava seus naturais, dava água quase limpa, um jogo de roupas por mês, papelão seminovo pra dormir, estopa como travesseiros e trabalho para dignificá-los. De benfeitor da

civilização passaria a criminoso. Que ridículo! E estava pensando em lhes permitir urinar e defecar quando quisessem, a partir do próximo mês. Quiçá escovarem os apodrecidos dentes, no outro. Francamente! Hum, agora essa de... Como é mesmo? Tricolores pela Democracia. Manifesto? Agora essa de pessoas sem classe e sem sobrenome digno, vira latas, gente sem estilo, que nunca tiveram um senhor de escravos na árvore genealógica falar de política. E ainda mais se manifestarem! Manifesto é pros fracos, pros reclamações que não entendem, porque não tem capacidade mesmo, coisa de classe, sabe? Gente doente que cisma em acabar com as nossas tradições, que agora que ter todos os dentes na boca, ter medicamento para HIV de graça, e

uma porção de regalias pra viver mais. Ora, bolas! Viver mais? Pra quê? Por que proibir de colocar creolina nas portarias? Isso não entra na cabeça do raivoso Chiquinho...

Crédito pra porteiro andar de carro financiado. E as tradições? Onde estão? Se morar perto do serviço, claro, porque isso é coisa de serviçal, e não do trabalho, tem que ser numa favela. Aliás, é fundamental ter uma por perto para que a doméstica já chegue pro batente com o pão fresquinho. Imagina se Chiquinho se dá ao desplante de pisar em padaria. Boulangerie, meus amigos, e olhe lá! Mesmo que com a Pantera comesse, lá pelos anos 1970, sanduíches de pão com sardinha, isso não importa mais! O que importa nesse

país é que gentalha quer andar de carro, e não mais de trem e ônibus. Comer carne e iogurte? Se perfumar, comprar roupas, financiar casa própria? Só pode ser piada... Doméstica com carteira assinada, porteiro com essa coisa de... Sindicato!?! Não poder chamar mais ninguém de macaco molambento? Isso ainda mata Zanzibar novamente, e, assim, ele não vai desencarnar. Vai continuar a me perturbar. Minha única saída é escrever, como num transe, o que ele me diz. Isso é uma tortura pra mim!

Chiquinho anda inconsolável... Tricolores pela Democracia? Quem disse que isso é bom? Sabem escolher, desde quando? As instituições são feitas por pessoas de bem, que já nasceram assim,

por mérito. Querem picadeiro, e fazer o club de Zanzibar virar circo. Só podem estar querendo brincar com tantos sobrenomes, tanta gente que não precisa provar nada sobre competência sobre qualquer coisa. Basta ter nascido, e bem, claro, pra ocupar uma posição. Degenerados sempre existem, e aos montes! Chiquinho guardava a coleção de um rapaz de íris clara, cheio de ideias estranhas pra gente de sua estirpe. Na juventude, escutou algumas de suas composições. Viu seu nome entre os detratores da fidalguia, e nem pestanejou: pegou todos os seus discos, empilhou. Depois de comer vatapá, caruru, e outras coisas da senzala com as quais seu nobre aparelho digestivo não reconhecia como alimento, despejou com toda a fúria o jato fecal, pintando

os olhos azuis e o ridículo sorriso
branco de marrom. Por ora, isso basta!

7 - PLANTAÇÃO DE BEBÊS

Início dos anos 1980. Arcanjo Calabouço estava nas bocadas do bicho, mas também muito ocupado com o final da lucrativa indústria da morte. Ele e seus colegas de ofício andavam indignados com o possível final do período da gloriosa revolução redentora.

Chiquinho me contou que andavam a se organizar para atos de tomar juízo contra os idiotas democráticos de plantão. Seu protetor queria porque queria que Zanzibar arrumasse uma brecha no seletor cartado para um apostador de mão cheia. Dinheiro não faltaria nas rodadas, assim como uísque do bom, caviar e cascata de camarão. O Jockey

era uma boa opção. A ideia era fazer disso um trampolim para pongo o malandro para dentro do club, e, quem sabe, ajudar os amigos a se preparar para possíveis vacas magras. Era necessário construir a imagem de um benfeitor, nada mais do que isso. E, claro, como sempre, aproveitar a péssima fase do time bem como o ambiente caindo pelas tabelas de grana.

Chiquinho havia casado, após perder o amor da Pantera para o Calígula de Cascadura. Passou a ir ao Maracanã, incólume, nas arquibancadas só pra tacar copinho de urina nos geraldinos. Esperava o Careca passar e mandava ver. Era sua terapia. Mas era pouco. Casar-se era sua autopunição, já que não poderia jogar napalm nas gerais

do Maracanã. Talvez essa limpeza étnico-racial apaziguasse seu coração. Uma pena...

Mas veio o casório, e nada de Chiquinho comparecer à satisfação dos desejos erótico-afetivos de dona Esmeralda. Filha de imponente dono de joalherias, com tentáculos no Araguaia adentro, era pura sedução nas altas rodas das vetustas famílias de bem cariocas. Sedutor, Zanzibar se apresentou como um verdadeiro Don Juan. Já ele, o marido machão, desfrutava de um esquema do DOI de lhe avisar quando prendessem na Patamo alguém que aceitasse suas luxúrias. Chiquinho pagava, e caro, para dar um rolê de devassidão num camburão, com o meliante, pelas ruas

do subúrbio. Se despinguelava todo de prazer e tesão. Depois, bochechava com a vodka russa que carregava em sua garrafinha, entrava no club e descursava no conselho, inflamado ainda com resquícios dos orgasmos.

Alguns anos se passaram e nada de vir um rebento. Chiquinho me diz que só mantinha relações com Esmeralda com as luzes apagadas, mas com o fio terra bem ligado. “O que é que você vai fazer, domingo à tarde? Pois eu quero convidar você para sair comigo. Passear por aí numa rua qualquer da cidade! Vou dizer pra você tanta coisa que pra ninguém eu digo.” Sim, caros leitores. Zanzibar pensava na Pantera enquanto escutava esse bolero, de Nelson Ned, e só tinha ereção nessa

condição. Era um terror para a filha de um dos Curiós do Brasil, Ame-o ou Deixe-o Querido fazer amor, assim, e ainda engravidar. Mas a chave para entendermos a operação Jockey de Zanzibar está exatamente aí! Ele está aqui em meu ouvido, gritando “é tão triste passar o domingo sem ter um carinho!” E que seu filho não fala com ele faz muitos anos. Arcanjo e o Dedal de Ouro, o cara do bicho, ofereceram a ele uma criança. Vinha já prontinha, lá da Argentina, onde tinha descoberto uma plantação de crianças dos Motoneros. Coisa fina, mesmo. Bebês de alfajor, vinho, doce de leite e carne de primeira. Seria a solução para que os boatos do carteado e da sauna parassem de uma vez por todas. Bastava Chiquinho e Esmeralda passarem um

tempo fora do Rio, enquanto providenciavam a criança e o concomitante entrosamento de Ouro nas rodas das canastras e dos pôqueres. “Se você, também vive tão só, sei que vai me entender. Sem amor, é sempre mais difícil a gente viver.”

Zanzibar se amargurava com a falta da Pantera, com as pressões para provar sua masculinidade ao seu sogro e dar uma ocupação da boa família branca de bem à Esmeralda. Vivia uma fase assombrada, desde que largou seu emprego de assessor do Mobral, trabalhando diretamente com o Coronel Passarinho e nas noites na Alaska.

E assim a boa sociedade carioca ganhou o mais novo herdeiro, limpando

cada gota de sangue, depois de seu MBA
forjar ideologia para tanto, de cada
grama de ouro nas lojas deixadas por
seu avô.

8 - A GALERIA DO AMOR

Chiquinho tem vivido dias de contradição. Alegre por demais com o golpe travestido de mecanismo constitucional, por outro lado crê que a nova guarda é insegura, trêmula, sem a força necessária para aplicar o verdadeiro choque de ordem tão necessário ao País, já que Temer não é Médici. Chega de comunistas de merda: é hora dos liberais de corpo e alma, quase uma autorreferência.

Queria ir ao jogo, mas não com a gentilha das arquibancadas de Volta Redonda, fedida e desprovida da estirpe tricolor segundo sua caótica visão de mundo. Por ele, todos estariam proibidos de entrar nos estádios, uma

gente sem sobrenome, sem berço, capaz até de incomodar Lucrécio, um efeminado aspirante a escritor de futebol que, respeitando-se as fantasias da alma, atíça-lhe os instintos mais primitivos. Coisas do sexo sem fronteiras.

Assim sendo, não foi para o Raulino. Preferiu ver o jogo sozinho, em casa, usando seu indiscreto robe grená e bebendo *on the rocks*. Poderia ter ido ao club mais cedo, talvez para pegar uma sauna gostosa, mas o sábado lhe consumia como chama à vela acesa. Para piorar, enfrentando um time de paraíbas. Quanta cafonice! Simultaneamente, seus princípios excludentes se chocam com o interesse de poder andar logo de VLT no Centro

do Rio: ele quer sentir o veículo cheio, de modo a perceber em si as roçadas masculinas que tanto apreciava no metrô, a ponto de se submeter ocasionalmente à Linha 2, sempre cheia e, por isso, convidativa às insinuações físicas que Burle Marx adorava em Pecadópolis.

Perturbado por seus delírios homoeróticos permanentes, obcecado pela misoginia e não reconhecendo em terceiros o direito às três cores, entendendo que as mesmas não podem vestir gente do povo, apertou um poderoso becão para tragá-lo durante o primeiro tempo. Irritou-se com os populares que surgiam à tela incentivando o Tricolor, mas logo seu fascismo tupiniquim sossegou. Estava absolutamente sozinho quando começou

a noite de sábado, sentado na cama e vendo a partida em sua TV de 60 polegadas, trazida por um funcionário que ele chama de criado, numa ocasião de roubo de um caminhão cheio de eletrodomésticos. A única coisa que importa no homem é a contradição.

Ficou nervoso com o gol do Santa Cruz mas não disfarçou para si mesmo que Grafite, o atacante adversário, mexeu com a linearidade sentimental de seu ventre. Achava que ele bem podia ser um soldado da PE, um guerreiro do Bope, um cowboy dos velhos tempos da Galeria Alaska – e ele mesmo, Chiquinho, pode ter sido um personagem de inspiração para os versos de Agnaldo Timóteo nos anos 1970, para a canção “Galeria do amor”:

“Numa noite de insônia saí/ procurando emoções diferentes”. Por um instante, voltou ao passado: pensou na boate Katakombe e no famoso espetáculo “Gay Fantasy”, estrelado por Rogéria, a sua Liza Minelli *undercover*.

Valente, o Tricolor sofreu o revés em Volta Redonda, mas imediatamente virou o jogo. Chiquinho chegou a comemorar os gols, embora preferisse em seu íntimo que tivesse sido marcados por homens brancos de bem, daqueles que sempre povoam seu imaginário. A contradição invade sua alma 24 horas por dia, sem trocadilhos. No fim, o Tricolor foi novamente garfado e, se não havia jeito de garantir a vitória nem de banir a tal gentinha do estádio, o que sobrou foi admirar discretamente

na TV a estampa de Grafite, que mexia profundamente com sua educação moral e cívica, mas também com sua intimidade conturbada: parecia-lhe o segurança dos sonhos, perfeito se pudesse estar ali e tirar-lhe o robe, depois fazendo-lhe uma massagem com creme Nívea e, depois, surrando-lhe com total virilidade até que a jorra do amor lhe alagasse num romance privado e respeitoso. O artilheiro fez um gol de pênalti e ali estava outra contradição: mesmo sendo prejudicado como torcedor, para o personagem *chiquínico* o que é roubado é muito mais gostoso.

Terminado o jogo, chegou a hora de voltar para o armário: um jantar na Fiorentina do Leme (como convidado 0800) estava marcado, com Dr. Olavo,

seu afilhado Max e também o casal Pereira de Paula. Pessoas brancas, de bem, segundo seu fascismo social. Era preciso vestir novamente o personagem da macheza, aparentar o que não é, sorrir com ódio por dentro, mas também, muito discretamente, admirar de esguelha os garçons do famoso restaurante.

Um macho fascistoide sempre atormentado com as palavras de Oscar Wilde: o amor que não ousa dizer seu nome (nem morta com farofa), o que não é de hoje nem nunca será.

9 - O PASSIVO DE AMY WINEHOUSE

Chiquinho Zanzibar acordou no domingo pela manhã, com alguma chuva, e logo ligou a TV exatamente na hora de um pênalti para o Botafogo diante do Santos. Sentiu náuseas ao ouvir que o cobrador tinha o nome de Néilton, deixando aflorar todo o seu preconceito chinfrim: “Como pode ser feliz um garoto com nome de jagunço? Que coisa de pobre”. O decadente esnobe acabou azarando o jovem jogador alvinegro, que desperdiçou a cobrança. “Eu avisei! Com um nome desses, tinha que estar catando pedra no que restou de Serra Pelada”. No universo *chiquínico*, nomes e sobrenomes definem as pessoas. Sozinho, pensou: “Se eu for presidenta

do Tricolor, acabo com essas coisas de nomes horrendos, gente gorda de óculos escrotos, feiosos, negros, chega do meu Tricolor ser vilipendiado por essa gentinha. Eu vou mandar! Mas eu não sou aquele gatão cafungante e frouxo...”

A criada desta vez estava de folga, ninguém a lhe servir, havia apenas Esmeralda, sua esposa, deitada em sono romântico, às vezes balbuciando: contrariando todos os prognósticos, os dois transaram na véspera, depois do jogo do Tricolor com a Chapecoense, um empate sem gols onde o Tricolor foi melhor, mas sem poderio ofensivo.

Nosso herói de caráter desprezível viu a partida e, por já desconfiar que teria de atender aos desejos ardentes de

Esmeralda (contra a vontade), concentrou-se em um de seus esportes prediletos: a manjada. Em vários lances do jogo, prestou menos atenção à bola do que nas elegâncias sutis de Fred, Cícero, Jonathan, Henrique e Cavalieri, alimentando suas fantasias homoeróticas a ponto de lhe causarem o *plus* para satisfazer a esposa. Também manjou jogadores da Chapecoense, mas de leve, devido ao seu horror aos “índios”. Depois do empate, transou como um verdadeiro macho e causou boas reações em Esmeralda. Ela se liquefazia e sequer desconfiava que seu homem a penetrava pensando no vestiário masculino, repleto de homens nus com as vergonhas de fora. Ou a velha Pecadópolis no sítio de Burke Marx. Ou ainda a sua inesquecível

galeria do amor, a Alaska, repleta de homens entendidos dispostos às alcovas que encantavam Oscar Wilde.

Esmeralda dormia em berço esplêndido, alimentando o sono do prazer cumprido. Era uma mulher bastante interessante, ainda com seus seios fartos e curvas desenhadas debaixo de um lençol safadinho. Ao lado, Chiquinho permanecia em silêncio e espiava o resto do jogo no Pacaembu, onde o Santos fez 3 a 0 sem apelação. Findo o jogo, mudou de canal e passou a assistir o documentário sobre a falecida cantora Amy Winehouse, no exato momento em que ela aparecia à tela ao lado do ex-marido Blake Fielder, que lhe abriu as portas do universo *junkie*. Os dois trocam um beijo

carinhoso na boca e, num silêncio íntimo, Chiquinho sonhou ser Amy. Ele queria o beijo de Blake e muito mais. Talvez usar drogas pesadas com o amante imaginário e praticar *dirty sex*, na areia mais próxima possível dos esgotos da praia de Copacabana – ou debaixo do viaduto Pedro Álvares Cabral, onde poderia se sentir uma fêmea mendiga de quatro, com os joelhos esfolados no concreto enquanto o inglês, no papel de um morador de rua, invadiria suas carnes.

Num súbito, um estalo de espanto e até falta de ar. Chiquinho caiu em si, deixando de lado a fantasia homo. Lembrou-se de onde estava, do domingo de manhã adentrando a tarde, enquanto Esmeralda navegava no sono. Em certo momento, chegou a estar com a mão

dentro da cueca, mas o tesão recuou. Podia levantar vagarosamente, tomar um banho, fumar um becão no banheiro fechado, depois deixar a ducha molhar seu corpo – e a duchinha auxiliar especificamente no traseiro. Desistiu.

Era um domingo de chuva, sem criadagem, sem grandes emoções enquanto o documentário narrava o comovente calvário de Amy Winehouse. Ali eram o amor, a doçura e as drogas devastando um talento mundial. Por alguns instantes raros, Chiquinho deixou de lado seu egoísmo, seus preconceitos meritocratas, sua adoração por ditaduras e generais. Nenhum empregado a ser humilhado. Nenhuma idosa reacionária no elevador. Nenhum desejo de constranger os humildes. Nem

queria ir à sauna do club para admirar os colegas. Em certo momento, a polícia arrombou a porta da casa de Amy e Chiquinho até se assustou: e se acontecesse o mesmo em sua casa? Tudo bem, a maconha estava bem escondida e ele, ao lado da mulher nua, seria flagrado em seu teatro de masculinidade. Quem sabe uma manchete de jornal?

Outro segundo, outro pensamento, o mesmo silêncio. Virou-se, colocou o travesseiro no rosto e começou lentamente a lamber a franha até mordê-la. Na TV, Amy fumava um cigarro. O pós sexo de treze horas nunca tinha sido tão prolongado para Chiquinho. Inerte na condição de telespectador, parceiro involuntário da

mulher que o amava sem esperar recíproca, aturdido por seus desejos homossexuais apenas ali reprimidos, ouvindo a narração tortuosa do documentário sobre a vida vertiginosa de Amy Winehouse, tendo à frente uma tarde de silêncios sem repressões a terceiros ou a si mesmo, ele atingiu seu clímax: era definitivamente um homem passivo. Um domingo de paz, sem pensar numa saracoteante segunda-feira. Relaxado e passivo.

Mas não por muito tempo. Afinal, logo cedo no dia seguinte, Gomes, o rapaz da padaria, com olhos verdes, bíceps imensos obtidos com muita malhação – sem bomba – e barba máscula padrão Cavaliere, traria cedo pão e leite enquanto Esmeralda ia para

a academia. Com cinquenta reais, meia hora e o quarto da empregada vazio enquanto ela não chegasse, tudo viraria mera e safadinha sauna do club. A verdade não perdoa a passividade de um domingo de chuva.

10 - O PODEROSO BECÃO

Depois de uma noite diferente, uma madrugada e uma alvorada diferentes, Chiquinho Zanzibar era outra pessoa, ao menos temporariamente. A patroa havia viajado com amigas para um cruzeiro de alguns dias. Estava sozinho em seu apartamento, com seu indefectível robe grená, sem a utópica fúria uterina de sempre.

Bem cedo, colocou a ração para Pompom, o outro gato (animal) de estimação da casa, normalmente recluso – não confundir com Moreira, o bichano angorá também decano do ambiente. Tomou uma ducha quente e sequer pensou no amor que não ousa dizer seu nome, mesmo quando a água brava

bateu em suas costas com vigor. Desprezou por completo seus delírios homoeróticos.

Botou a roupa, espiou o computador e imediatamente bloqueou uma subcelebridade tricolor que lhe mandara uma mensagem pela rede social Facebook. A pessoa em questão lhe pareceu pernóstica demais na abordagem, e mais feia do que a queda de um precipício. Ali, por um instante, Oscar Wilde lhe cochichou “Esse é um bofe de sexta divisão”. O preconceito é um grande campeão.

Saiu e foi caminhar na orla de Copacabana, seu lazer constante, onde sempre estava de olho em bíceps e peitorais. Ou velhos amigos

reacionários, dos bons tempos da aliança renovadora, da redentora e de boas oportunidades. Bateu-lhe a saudade dos velhos empregos fantasmagóricos, bem antes do Estado Mínimo. E, curiosamente, a vontade de ir ao jogo do Flu em Brasília.

Com todos os seus intermináveis erros e desvios de caráter, sempre fora um tricolor. Nunca tirou os olhos dos juvenis e vibrou a mil com os aspirantes. Era Flu de corpo conhecido e alma sacana, pois. E daí com os pobres do avião, com a gentinha da arquibancada, com a falta de luxo? A vontade em segundos parecia-lhe um verdadeiro tesão; no entanto, faltava-lhe o essencial para o jogo em Brasília, sua pátria amada: três mil reais de bobeira

em sua conta corrente. Não que não dispusesse de muito e muito dinheiro, mas teria que ir buscá-lo no “cofre”, na verdade um modesto apartamento num prédio estilo mafuá no Flamengo, administrado por Danilo, o síndico que lhe cobrava um levadinho toda vez que ia lá. E a avareza ali pesava: caixinha, só na semana seguinte, quando precisaria fazer uma retirada maior para a compra de ervas do Norte no atacado, com finalidades “medicinais”.

Não lamentou. Perto do Posto 4, parou e olhou fixamente para o mar e o horizonte, a ponto de desprezar um garotão suado que acabara de passar correndo a seu lado. Era um dia diferente. Tudo estava diferente. Estava completamente desinteressado em ir à

sauna do club em busca de um papo gostoso. Resolveu tomar um táxi.

Foi para um café do Rio Design Center. Pediu um suco, folheou uma revista à mesa, sorriu e se calou. Por um dia na vida, não era apenas um depravado, um lambe-saco da ditadura com vida financeira à míngua. Só pensava em Tricolor, Tricolor, Tricolor! No peito dos reacionários escroques também bate um coração. Cerca de meia hora depois, entre silêncios e pensamentos, mais outro suco, fechou a conta, pediu novo táxi e retornou para casa.

Cinco quilômetros sem raiva de pobres, sem nariz empinado para negros, sem ódio a homoafetivos

assumidos. Nenhum copo de cólera dedicado aos sofridos moradores de rua, que andam morrendo demais nas calçadas geladas. E nenhum “Viva Cunha redentor!”, “Maluf faz”, sequer a velha frase de Charlie, seu amigo mercenário estadunidense que antigamente trazia mil muambas paraguaias e passava meses na praia: “*Sárnei is bon pessoa*“. Nada de apologias ao Doi-Codi, à Scuderie Le Coq, a Mariel e Sivuca. Nenhuma louvação a Castor, Anísio e o Doutor Roberto. Algo literariamente perturbador. Um novo homem, mas até quando? Como explicar essa transformação súbita? Até na velha geral do Maracanã pensou, quase suspirando. Não se enganem: não era o arrependimento no ballet da morte,

comum entre os escroques, mas tão somente uma tarde diferente.

Ao chegar em casa e ver Pompom roncando, foi para o quarto, tirou as vestes, colocou o tradicional robe grená. Era o meio da tarde. Ligou a *gatonet* e passava um show esperto de Stevie Wonder, com sua fenomenal banda de black music. O sorriso no rosto espantaria qualquer um dos que com ele têm convivido. Chegou a cantar “My cherie amour” e “Superstition”. Que diabos era aquilo? Nada que lhe levasse a pensar na saudosa Alaska, a galeria do amor cantada por Agnaldo Timóteo, onde gente que é gente se entende.

A grana curta, a diarista já tinha ido embora e o frio era um verdadeiro

calmante de Pompom. Chiquinho foi ao computador e viu que outro homem muito feio havia lhe pedido amizade no Facebook. Deu de ombros. Voltou à sala e, sozinho, gritou “Eu quero falar com o Arthur agora! Frankenstein é o caralho!”

Na gaveta da escrivaninha, considerável quantidade de erva da boa e uma seda de alta responsabilidade. Pegou um naco firme e começou a enrolar. Na fria tarde de quinta-feira, se ver o Flu ao vivo era impossível, o jeito era fazer o pré-jogo em casa, antes só do que mal acompanhado. Definitivamente enrolado, o poderoso becão era a certeza de um bom presságio para o jogo de mais. Acender e flutuar sem tossir nem cafungar, tudo para não parecer com o belo crápula de cabelos prateados.

Fumou mas não tragou. Gargalhou. Pensou na piada hipócrita. A essência chiquínica estava à vida. A fumaça da boa maconha era seu esplendor e ribalta num teatro solitário. Toda unanimidade é burra, já disse o melhor dramaturgo. Depois mandou tudo à merda, apertou firme e começou sua intensa torcida pelo Tricolor numa jornada difícil. Liberdade pra dentro da cabeça, salve o Tricolor.

Num súbito, Pompom miou. A tarde ainda seria glória, tensão e estranheza. Mas certas coisas nunca mudam: encaixado o LP na vitrola, a agulha vociferou “Ai, ai, ai, ai aiiiiii!” – Ney Matogrosso e seu vocal inconfundível para a letra de Rita Lee em “Bandido Corazón”.

11 - NOS DOCES BRAÇOS DA TRAVESTI FERNANDA (DOWN BY LAW)

Diante do espelho do elevador em plena madrugada, Chiquinho levantava as narinas em busca de algum resquício da cocaína que havia comprado no Baixo Lapa. Cheirar lhe fazia menos culpado e mais permissivo ao aceitar que tudo começasse por um fio terra, desencapado, naquele 69 inicial que fez com Fernanda, uma travesti loura, de pele branquinha mas bronzeada, marquinha de biquíni, ariana total, que havia sido cooptada nos arredores da avenida Augusto Severo, coração da Glória, na noite de sexta-feira. Cinco gramas cheiradas em canudos feitos de notas de 500 euros, resultantes da

venda do último cordão de ouro vulgar que havia recebido de herança do seu pai. Estava à espreita dos Jogos Olímpicos na esperança de que pudesse vender escrituras do morro do Pão de Açúcar a algum turista desavisado. Nada de mexer nos imóveis herdados; o importante é vencer no mundo do crime.

Fernanda, que falava idiomas, já havia trabalhado na Europa, primeiro nas ruas de Paris. Havia sido sucesso absoluto na Avenida Champs Elysées, reinando na captura de euros entre a Place de la Concorde e o Arco do Triunfo. Posteriormente, cruzou a fronteira e dirigiu-se às ruas de Barcelona, nas cercanias do Camp Nou. Ali, seduzida pelos encantos de Javier Marrugan Goigochea, filho de

etarras bascos, nacionalista da extrema-direita catalã, além de ser uma das cabeças pensantes dos Boixos Nois, torcida organizada do club baulgrana, ela se sentiu amada por primeira vez na vida. O gato de então era um conhecido paramilitar, ex-paraquedista e entusiasta do terceiro sexo.

Por isso, passada um década, essa gauchinha que nasceu com o nome de Bráulio, em homenagem ao meia armador que nos anos 1970 jogou no Inter de Porto Alegre - e que brilhou no América do Rio campeão da Taça GB de 1974 - agora já em começo da invetável decadência física, desfila pelas ruas dos mafuás que resistem no Rio de Janeiro, e então sente uma atração especial por Chiquinho Zanzibar. O jeitão "militar da

reserva" que se transforma em uma doce fruta - sem alusão a políticos -, faz com que aquela travecona de um metro e oitenta e cinco de altura, coloque em *use & abuse* o seu codinome de Madame Triplex... Bunduda, peituda e, maioritariamente, pauzuda.

E essa mulher 3 em 1 estava revolucionando a cabeça de Zanzibar, tanto que ele pensava em repetir a dose de penicilina. Ali mesmo na garagem do motel Love Time, enquanto guardava o seu kit de perversão com direito a chicote, calcinhas de seda, vibradores, em algum lugar secreto da mala do seu carro, via Fê (assim a chamava) partir em um Uber.

Pensou em dirigir-se à sauna de Orange City, mas antes teve que parar o seu carro em frente ao Amarelinho da Glória: era preciso colocar uma almofada. Mesmo depois da utilização do gel de lidocaína, o estrago provocado pela louira era palpável. No som do carro em volume denso, Agnaldo Timóteo mostrava todo o seu talento: “Numa noite de insônia saí, procurando emoções diferentes”... “tentando encontrar um amor na troca de um olhar”... “na galeria do amor”.

Uma vez na sauna, Chiquinho vestiu a sua nudez com a capa da mentira, de carona numa garrafa de Jack Daniels, puxou assunto sobre as formas de uma fulana de tal, marafona imaginária... no fundo falava dele

mesmo, degenerada putinha que se sentia das garras afiadas de Fernandinha. Jogou conversa fora, não se preocupando com o relógio, uma vez que Esmeralda, sua mulher - agora em versão obesa e que já não se depilava há mais de uma década -, estava novamente visitando parentes no interior do estado, no Sul Tricolor. Inventou negócios, apesar de já haver certa desconfiança sobre a sua situação financeira; falava de sócios imaginários. É preciso entender que os imóveis lhe geravam aluguéis, mas a propina paga por conta das irregularidades era alta. E a crise não poupa ninguém, nem os corruptos.

Subitamente politizado a seu modo peculiar, destilava veneno,

chamando o PMDB e o Temer de frouxos: “Acaba de fazer o golpe, bota o exército na rua, seu frouxo!”, “Tem que tirar esses afros das faculdades, bota esses vagabundos para trabalhar, tem que tacar fogo nas favelas”, “Sequestra e tortura esses juízes da Lava Jato”... Chiquinho Zanzibar não tinha medo de se esconder: “Sou corrupto mesmo”... desde os tempos em que trabalhou como X-9 para o Doi-Codi, quando se sentia o maioral, dono dos destinos alheios. Foi assim que entregou seu primo em pleno 1973, só porque o parente ouvia as canções daquele maconheiro safado do Raul Seixas, que falava das pipocas ao macaco e do seu Corcel. Dessa forma, não teve medo de gritar em plena sauna: “Temos que continuar no poder,

imagina o que pode esconder a construção de um estádio”...

Silêncio absoluto, algumas indignações, outros culpavam o porre. Alguém riu.

Saiu do club e foi caminhar pelas areias de Copacabana, sua eterna veia aberta homoafetiva, transpirando sexo as 24 horas do dia. "Quem sabe se na altura do Copacabana Palace eu consiga um amorzinho para a noite?"

Chegou em casa com as mãos vazias, tinha sono, levava mais de 30 horas na brasa, pensou na eleição do club, “temos que continuar mandando, o Tricolor é meu!”...

Adormeceu...

Já passava do meio dia de domingo, quando sentiu saudades dos carinhos de Nanda... A patroa gorducha só regressaria na tarde da segunda-feira... Subiu o Cantagalo para pegar 10 pinos de 30, coisa grande e boa.

Dirigiu-se a seguir para a rua André Cavalcanti, artéria da Rua do Riachuelo, coração do centro da cidade. Fernandinha subiu ao carro, rumaram novamente para o Love Time, de novo com o som do Agnaldo... “onde se pode amar livremente”...

Fizeram sexo duro, sério, honesto e dessa vez não teve surra de pênis mole: foi tapa na bunda e bofetada na

cara, deixou-se dominar... Então ligou a televisão, justo a tempo do jogo começar...

Um teco pra cá, outro pra lá, um oral afiado e nada da bola entrar. O Levir tirou o Edson... menos um nordestino faminto, logo ele que tem nojo ao quem não seja jogador branco nascido no sul, donos da raça superior.

Gol do Sport: “Esse favelado não marca ninguém”...

Acabado o primeiro tempo, acelera outro oral para posteriormente sentir o roçar da ereção sob os próprios mamilos. A respeito do atacante Richarlison avalizou as coxas... Quem viu o Branco, que tinha

alma negra, andando pelado nos vestiários do time do tricampeonato 1983-1985, não se aflige com nada... Era só um outro "paraíba". Ao mesmo tempo, distraía seus sentimentos com o farelo brancos... inebriado pelo pó mimoso, sentia em si a plenitude de uma mulher.

Gol do "paraíba maldito". "Vamos virar!". Ao mesmo tempo que sentia falta do capitão Fred, inspiração para vários delírios homoeróticos, pensava que as contas serão a bandeira da sua continuidade no Conselho - mas, no fundo, se pudesse, decapitaria a todos e coroaria a si mesmo como a Rainha Elizabeth de A. Chaves.

Irritou-se com a falha de Gum, quis morrer com o segundo gol do Sport... Estava tenso, as eleições em perigo... “esse time é uma merda”. Mas, se merda der, o importante é estar com o poder onde ele estiver, pouco importando se rolarem traições e troca de postos. Cada um por si e uma banana para quem defende união.

Fernanda resolveu ser Fernandona, a poderosa. Voltou à atividade. Deu duas linguadas no pescoço do Chiquinho, que rosnou e ficou de quatro gritando “Arregaça... faz um filho nessa menina ariana!”. Percebam que a moral de Zanzibar é igual ao seu sexo: sempre disposto a foder com o club, sem deixar de ser o paladino da verdade e da moralidade e

passando por cima de quem quer que seja para manter velhas benesses de décadas. No fim, suspirou para si mesmo uma sentença que define toda a sua personalidade: "Buraco trancado, somente nas mesas de carteados".

Refletindo sobre a canção de Agnaldo Timóteo, "Na galeria do amor é assim!". Mas Esmeralda voltaria. A vida é luxúria e tormento.

12 – O TESÃO É O LIMITE

Em tempos de crise, os canalhas sempre arrumam um jeito de radicalizarem com o seu repertório de escroqueria. O que é carestia e endividamento para alguns, é oportunidade para outros ganharem a vida na desgraça alheia, confabulando trambiques que não veem como nada que fira à sua ética egóica e muito menos a dos seus comparsas de ocasião. Sim, claro! Um escroque não possui amigos, mas sim parceiros do momento. Nada mais do que um esperma escoando, perdendo-se por uma pia qualquer, como já dizia um famoso trecho de música do Jethro Tull sobre a criação de um ser humano desse naipe. Não há gozo coletivo, mas só individual, com o outro só fazendo

sentido de existir para lhe fornecer o prazer egoísta. As transas, de todos os tipos de arrepios e lucros, devem ter como objetivo único a complacência de camaradas fugazes na ereção provocada pelo prejuízo alheio. A dor do outro é o combustível para o meu regozijo, uma das máximas zanzibarianas.

Chiquinho é desse tipo. Eleição para síndico de um imponente edifício, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, defronte ao background do Hotel Copacabana Palace. Está numa região indecisa que não sabe se é Copacabana ou Lido, continente ou litoral, sítio dos bem nascidos ou antro de inferninhos, casas de massagem, e demais lugares de atendimento erótico privado. Até parece a encarnação

arquitetônica da conformação erótico-afetiva de nosso Macunaíma do fascismo fidalgo. Libidinosidades sorrateiras alimentam a empreitada da devassidão de Zanzibar. Candidato único com discurso moralizador, de homem branco, rico, bem nascido, carioca, das tradições, morador antigo, testemunha ocular dos descabros das administrações anteriores, queria que o prédio voltasse a ser a fortaleza moral d'outrora. Não economizar com creolina, voltar a ter meses de 45 dias para o pagamento dos servos, só depositar suas férias no meio desse período, cortar seus luxos, como água, direito de ir ao banheiro, usar ventilador no verão e agasalhos que escondessem o brasão do condomínio, que deveria ser novamente colocado na farda dos

capachos assim como os judeus eram obrigados a fazer nos campos de concentração com as Cruzes de David em amarelo. Só seriam contratados Neandertais que pudessem ter o limite de suas medidas lombrosianas respeitadas, evitando, ao máximo, a convivência dos moradores e seus familiares com esses membros de raças degeneradas e inferiores.

Conseguiu a unicidade de sua impetuosa indicação por meio de lembranças e ameaças aos demais condôminos, e seus filhos e filhas, que acusava de serem maconheiros, chinceiros, putas e micheteiros de toda ocasião, envergonhando a genética moral de sua parentela. Paradoxo erótico e ambulante, Chiquinho se

achava o deus Cronos e queria, como sempre, editar o tempo ao seu bel prazer, calando quem desejasse jamais contar sua versão dos fatos. Isso porque os corredores e as escadas da área de circulação dos serviçais, de cor ou nordestinos, gabirus e semi-humanos de todos os perfis que infectam a sua sociedade imaginada, gemiam. Espécie de casa mal assombrada do sexo que não ousa dizer seu nome, havia lugares de extrema erotização naquele edifício, jazigos de pedaços de pele do corpo ardente de sexo e paixão do candidato a mandatário máximo.

Gratidão não faz parte de sua moral. O jogo era duro, veioso, grosso, cabeludo e penetrante. Quantas vezes torceu para as criancinhas da Praça do

Lido crescerem logo, chegando pelo menos ao tamanho de gostosura, para que a lagarta macho pudesse despir-se dando luz à borboleta alegre? Empurrava o carrinho de seu único rebento, fazendo-se de pai machão e presente, mas só como subterfúgio para manjar os pré-adolescentes ainda no lusco-fusco da meninice e da curiosidade sexual. Nos primeiros beijos dessas pessoas, reparou na oportunidade para roçar coxas deliciosas na penumbra das áreas da corja de vassalos do seu castelo de mármore carrara. Entendeu que a moeda era maconha em troca de picardias estudantis, ou seja, coisas que o fizeram o mercador do amor de momento altruísta do prédio. Essas pessoas eram agora pais de família e

Zanzibar, de capacete de obras como símbolo da revolução material que simbolizaria o retorno à moral e aos bons costumes naquele ambiente, foi em cada unidade condominial reavivar a memória de cada menino e menina que foram seus ativos colegas na holding da devassidão.

Inspirado em um de seus ícones de caráter e conduta, Antonio Carlos Magalhães, levou dossiês cuidadosos com fotos da puberdade alheias, e de suas poses entre plumas e paetês, tiradas por Arcanjo Calabouço, que se masturbava bancando uma de Cartier Besson do voyerismo no encontro voluptuoso entre gerações. A proposta era simples: só Chiquinho seria candidato, e votado com unanimidade,

incluindo discursos de apoio indelével às suas propostas.

Dito e feito. Agora, sim, sua potência de tesão era o limite. Nem suas cuecas lhe cerceavam. Havia momentos em sua vida que era pura ereção. Depois da triunfante posse, com um brinde com Veuve Clicq, apresentou sua audaciosa reforma do prédio: fachada restaurada por amigos que haviam prestado serviço ao IPHAN, lustres refeitos, espelhos esmerilhados a serem novamente reluzentes, tudo brilhando. Pintura da mais alta qualidade! Sem tinta aguada, mas sim grossa e quente como gostava de falar enchendo sua boca. Nada como obras, notas fiscais sem muito rigor na conferência, o mesmo caminhão indo e vindo multiplicando uma em várias

placas e chassis, materiais doados em tom de generosidade para o bem maior da coletividade, vindas de amigos de um senhor que deixou de usar por uns meses a tintura acaju rei do cerrado para dar um ar mais vetusto à sua imagem. Zanzibar tinha ganho no milhar e ainda era saudado como herói!

Naquela semana fria de um quase inverno carioca, depois de passar a tarde no salão recolocando as cores no tom preciso de sua virilidade conflitante em cada fio de cabelo esbranquiçado e testemunha da ardência de cada nádega e cada pedaço de sua boca caliente, saiu para seu desfile triunfal pelo bairro. Sapatos de cromo alemão, meias bordadas, ceroulas arianas, calças de veludo azul Yves Saint Laurent,

sobrepele de algodão alvo bem coladinha no corpo de mamilos duros pela vitória com votos de seus ex-comidinhos, camisa verde de linho gola role Chanel, e paletó Versace também azul, mas num tom mais claro do que o da calça. Para completar, sua echarpe grená, como se fosse um maestro daquilo que estaria por ver naquela que seria a prometida madrugada mais fria de anos. A cada quarteirão que andava de seu, isso mesmo, seu castelo feudal, até a Rua Prado Júnior, deliciava-se observando atentamente, rindo de canto de boca, cada morador de rua tremendo de frio, batendo queixo, aquecendo-se naquilo que lhe restava de dignidade, sua própria urina e fezes – coisas que Chiquinho, em sua covardia necessária para ser o que era, era incapaz de fazer.

O riso aumentava a largura labial quando lembrava que a queda de produção do time faria dele uma voz ativa no club do coração, acusando a contratação de nordestinos e pessoas de cor como um dos principais fatores de sufocamento. Colocar jovens brancos, viris, coxudos, das bases do club em ação, todos de amigos empresários, era a cartada de Zanzibar para o candidato que apoiaria nas próximas eleições. Não queria saber ainda qual deles seria; somente o escolheria ao ver as possibilidades de sua naftalina poder feder menos nas supostas novas gavetas do museu de grandes novidades que estivesse por vir. O mesmo estratagema poderia ser usado como expediente, por meio da influência de Arcanjo com homens de ouro que ainda circulavam

livremente pela pós-modernidade da nova sede da CBF, para ganhar alguns trocados se, de fato, algo pelo qual torcia ardorosamente, a seleção brasileira não se classificasse para o próximo campeonato da FIFA.

Não eram tão somente os mendigos e moradores de rua que estavam à sorte de seus excrementos para terem uma noite menos ruim.

13 - COPACABANA PULP FICTION (OU BANANA MON AMOUR)

CAMINHANDO alegremente pela orla da Princesinha do Mar, mais especificamente no calçadão em frente ao tradicionalíssimo Hotel Copacabana Palace, Zanzi parecia subitamente amuado. Ao mesmo tempo em que estava em seu habitat natural, novamente livre num sábado à noite porque Esmeralda viajara mais uma vez, ele espiava os homens ao redor do quiosque Rainbow até com certa indiferença. Na verdade, mergulhara fundo em seus pensamentos sobre o Fla-Flu, na manhã de domingo, esse estranho horário que impede os frequentadores de Pecadópolis em gastar horas e horas na cama com o amor

entre iguais cantado tantas vezes num sucesso radiofônico do cantor Agnaldo Timóteo: “Senhor, eu sou pecador e venho confessar porque pequei/ Senhor, foi tudo por amor/ Foi tudo por loucura, mas eu gostei/ Senhor, não pude suportar a estranha sensação de experimentar um amor por você concebido/ Um amor proibido pela vossa lei/ Senhor, eu sou um pecador/ Pois esse meu amor está me enlouquecendo”.

E, como em tantas outras vezes, o conflito psicológico o inundava. O mal e o bem, a escrotidão e os resquícios de algum arrependimento, a moralidade reacionária e a sexualidade enrustida. Torcer para um club de futebol, ser apaixonado por ele mas fazer de tudo

para faturar um quinhão, às vezes até mesmo torcendo também para uma derrota ou prejuízo que pudesse causar alguma vantagem pessoal. Defender a política da exclusão e, ao mesmo tempo, navegar na solidão. Os escroques também têm dúvidas sobre o que vivem, mas apenas por alguns segundos.

Poderia descolar um garotão no quiosque numa boa, com relativa facilidade. Chegou a cumprimentar de longe Mr. Jack, um conhecido go-go boy das noites de Copacabana, másculo, metido a machão, sempre com polêmicas declarações públicas mas também faturando com programas pagos por senhores generosos e mimosos. O bardo estava a conversar animadamente com um suposto colega

mais velho. Num lance, Zanzi arregalou os olhos e virou de costas: tratava-se de Carlton Jimenez, um fotógrafo do club famoso por seu alcoolismo que lhe leva a situações sexualmente extraterrestres – tudo que não lhe faria sentido era ser dedurado por um empregado de Orange City, ainda mais como um competidor de bofes.

Uma vez abortado o início do flerte, Chuck Z resolveu ir embora. Não havia tanto movimento e Jimenez passara a lhe representar perigo. Deu de costas e, lépido e fagueiro, resolveu gastar as últimas horas da noite na boa e velha Prado Júnior. Zanzi tinha sua mesa vip em La Cicciolina. Afinal, o sexo passa do desinteresse à empolgação em um mísero segundo, ainda mais em se

tratando de um completo depravado, um ordinário safado que via exclusivamente no gozo o seu oxigênio cotidiano.

Lá, tinha para si o cantinho em que sentava em sua própria mão, até que ficasse dormente. Por debaixo da mesa, depois de mais de uma hora inebriando-se pelo ambiente que cheirava a sexo e putidão, com a mão que parecia não mais ter dono, masturbava-se. Trazia consigo seus próprios guardanapos de cetim, servindo como babadores para seu já canado, mas ainda altivo, *falos erectus*. E dali fazia seu trono de amores sem moral, sem etiqueta, ébrio de tesão, e ponto final. Amores que só a ele faziam sentido, amor egoísta, gozo com porra mesquinha, que só fertiliza o ódio e a

beligerância com quem Zanzi decretasse merecedor de sua raiva.

Inesperado foi observar o ambiente e ter vontade de ficar com uma das garotas da casa. Para piorar sua contradição racista, uma mulata lindíssima chamada Desirée: algo em torno de um metro e setenta, coxas grossíssimas, voluptuosos seios à mostra, pequenos lábios e olhos levemente puxados. Uma deusa. E não é que a nossa tia velha caiu de desejo pela mulata saborosa? Desirée gargalhou ao chamado, sentou-se ao lado dele, esfregou o seio esquerdo em seu braço, mas pediu desculpas: estava a espera de seu namorado, chamado Dani. Tinha horário, era o fim de seu expediente.

“Seu Francisco, o senhor é encantador, diferente, tem um jeito diferente, mas eu tenho que ir porque meu amor está chegando. Que tal marcarmos num outro dia?”

“Eu compreendo, mas como ele é?”

“Como assim?”

“Pago por você e ele. Podemos sair os três numa boa. O desconhecido me atrai.”

A espetacular garota era danadinha e sorriu, para depois passar alguns delicados segundos em silêncio. Pegou o smartphone, passou algumas mensagens, sorriu de novo.

“Se o senhor puder esperar vinte minutos, ele vem. Pode ser?”

“Claro.”

Chiquinho tinha ficado encantado por Desirée, mas em seu inconsciente transtornado, ela era tão maravilhosa que o velho devasso pensou: seu maior troféu seria tomar o homem preferido da bela e generosa mulata.

Vinte minutos depois, Dani chega à porta de La Cicciolina. Desirée vem ao seu encontro ao lado de Chiquinho. O casal se beija, ela parecendo muito mais empolgada. Não era um rapaz de predados físicos: baixo, sem sal, pouco volume para o padrão Zanzibar de qualidade, mas uma característica era

fundamental ali. A primeira, ser o homem que fazia a garota de programa encerrar o expediente com pontualidade britânica. A segunda, a seguir:

“Doutor Francisco, que honra vê-lo aqui. Lembro do senhor em discursos acalorados no Bar do Pênis. Da sauna também. Lembra de mim? Meu nome é Daniel, mas pode me chamar de Dani.”

“Seu rosto me é bastante familiar”.

O trio subiu a Prado Júnior em direção à Atlântica. Já perto da esquina, a bela Desirée já era delicadamente deixada para trás nos passos. Zanzi e Dani eram velhos conhecidos, a julgar pelas duas referências da sede de Orange City.

Uma palavra veio imediatamente à mente de Chiquinho: “lidocaína”. O aquecimento para o Fla-Flu estava consolidado. A putaria sempre vence.

14 - SONHOS E DELÍRIOS DEPOIS DA MÁ FASE TRICOLOR

Enquanto a torcida tricolor estava total e absolutamente p*§^|€uta da vida com a derrota para o Santos e o empate insosso diante do Coritiba, o velho escroque naturalmente foca suas ideias em outros objetivos.

Chiquinho Zanzibar não dormiu uma única noite direito desde que as redes sociais repercutiram a ideia de um possível shopping center no lugar do centenário estádio das Orange City – algo a ser decidido à frente, depois de ampla discussão, aprovação dos sócios, viabilidade etc. Não porque Chuck não torça para o Tricolor, mas pelo que pode estar em jogo a seu favor, claro.

Começou a delirar em sua cobiça interminável. Um terreno valorizadíssimo, com metro quadrado altamente lucrativo. E se aprovarem? (O perigo está num grande amigo seu, preso pela Operação Lava Jato após ter voltado ao Brasil). Um lobby com amigos construtores pode significar grana no bolso via uma bela comissão de aproximação, tentando furar seriedade de qualquer maneira. Como fazer para se meter nisso e trapacear, inclusive f#-_#@udendo quem queira de verdade o bem econômico do club? E o melhor de tudo: o fim do campo pode significar o fim da gentinha que frequenta a Orange City, andando com chinelos e roupas desclassificadas atrás de autógrafo de jogador de futebol. Uma pobreza. Suburbanos metidos a tricolores. Se ao

menos manjassem os atletas de forma privada e respeitosa...

Um detalhe sórdido: se um dia houver um shopping no lugar do sagrado gramado, é claro que Chiquinho sonha com a obra contendo entrada de serviço para empregados e escada rolante exclusiva para pessoas de bem, embora vá lá se saber o que significa isso.

Mas nem tudo era leite de rosas por baixo do echarpe grená. A inauguração do CT em breve também deixa certo vazio no coração do calhorda tricolor. Ainda que pense que os jogadores só servem para ganhar jogos e não passam de empregadinhos milionários, Chiquinho sente a mudança

com ares de derrota. Quantas vezes depois de ver um craque de peito nu, não correu imediatamente para o banheiro e se liquefez como mulher de ocasião? Nunca mais pernas grossas, torneadas, bíceps definidos, tudo observado de forma tão discreta que se um interlocutor ousasse fazer um comentário jocoso, imediatamente levaria na casa versos cantados nos anos 1980 por Ney Matogrosso: “o que falam de mim são calúnias/ meu bem, eu parei”.

Num instante, Zanzi recorda as sociais de Achavs. Ali, viu de tudo um pouco: vitórias, derrotas, risos, constrangimentos. E foi onde se sentiu mais *high society* na vida: cercado por cabelos lisos e louros, sobrenomes

estrangeiros, outros idiomas. A gente branca de bem que sempre lhe serviu de paradigma. Ali, suspirava como se fosse um nobre ou senhor feudal, sem ser incomodado.

Pausa para a tristeza: o CT é na Barra da Tijuca, a terra dos emergentes, da gentinha suburbana que enriqueceu e gosta de *stand up comedy*, depois de fazer compras no Village Mall. E tendo que passar pela Rocinha... cruzes!

Faz o sinal da cruz, pensa na casa tricolor no alto do Joá com a bela bandeira tricolor hasteada, mas chega a ter náuseas: “Meu Tricolor não é favela para estar no alto do morro!”.

Espia a internet, fica aflito com as movimentações políticas das Orange City, mas apenas porque não quer perder oportunidades de negócios, claro. Que se dane quem vai ganhar: o que importa é estar com o poder onde o poder está.

Sábado à noite, a patroa Esmeralda num banho interminável, ele sonha com a sauna e todos os momentos que ela já lhe proporcionou. Ela é seu verdadeiro Maracanan. Se a mantiverem intacta, podem derrubar todo o resto – desde que o levadinho esteja garantido. Enquanto isso, as Spice Girls cantam “We are family” num anúncio da televisão.

Por um momento, sente remorso com a má fase do time. Não era para ser assim. Admira Levir, embora o ache um caipira. Lembra dos velhos tempos do zagueirão *gallant* do Santa Cruz. Quase como que num presságio de amor, recebe uma enigmática mensagem no smartphone, a ponto de afrouxar qualquer echarpe e deixar cair seu eterno robe grená. Envio feito por Boris, um velho amigo da sauna: “Zan, encontrei o Filhão na Farme e ele pediu que você ligasse. Quer te ver”.

Diante do romance sonhado, Chiquinho esqueceu até do mau empate contra o Coxa. Dependendo do que der nestes dias, vai com tudo para cima do Ypiranga. Charmosérrimo, acredita. Ele ouve Spice Girls, mas não para de

pensar em Mano Brown sem camisa. É um Macunaíma do sexo, o herói sem caráter descrito na genialidade de Mário de Andrade, também um homem à frente de seu tempo. Pega o telefone, digita e ao ouvir um discreto alô, não resiste: “Abafa, Big Son!”.

“Zan, entra no Whats.”

“Claro, amore. E as novidades?”

“Em primeiro lugar, fora PT! Andam querendo me derrubar, mas eu sou que nem a música do É o Tchan: “pau que nasce torto nunca se endireita...”

“Kkkkkkkkkkkk, pau pra toda obra. Só falta o capacete!”

“E esse Dourado novo? É bofinho?”

Enquanto o riso come solto, o banho de Esmeralda é interminável. A duchinha é um verdadeiro homem da casa, sob as águas do amor.

14 - NUM FREUD, GARRASTAZU!

A adega, diante do Shopping dos Antiquários, na rua Siqueira Campos, coração de Copacabana, tem sempre à espera de Chiquinho Zanzibar uma pequena mesa, lá no fundo, meio que na penumbra, no corner do salão. Comunica ao garçom a hora de sua chegada para que lá possa tomar seu conhaque preferido. Tornou o lugar, antes mesmo de ser frequentado pelos moderninhos, seu escritório. Recebia empresários de pouca monta que agenciavam paupérrimos jovens coxudos e espadaúdos, de baixo nível escolar, e que deveriam ser promissores fora das quatro linhas, dentro das quatro paredes, para depois servirem de comodite. Era cheio das manhas,

ganhava de pouquinho em pouquinho com porcentagens não muito chamativas, em dinheiro vivo, negociando os menudos, sempre brancos, jamais de cor ou acima do Espírito Santo. As jogadas envolviam mercados menos manjados, como Nigéria, Marrocos e países da antiga Cortina de Ferro. O teste era feito em sua garçonière, um pequeno apartamento no condomínio do Shopping, com sua coleção de discos de vinil que tanto lhe excitavam. Compunham a trilha sonora do prazer que o permitia jorrar e ser jorrado com o sulco da paixão livre e barata, fugaz, descartável: Trio Los Angeles, Gengis Kahn, Nelson Ned, Julio Iglesias, Manolo Otero, Agnaldo Timóteo, Marquinhos Moura e Rosana.

Durante muitos anos, Garrastazu, o papagaio de Chiquinho e Dona Esmeralda, trazido diretamente da Amazônia Legal, de onde vinham os materiais para a confecção das joias da joalheria do sogro, foi levado a assistir muitos destes treinamentos coletivos sexuais. Arcanjo tirava fotos por detrás da cortina de miçangas que separava a sala do quarto, enquanto Garrastazu observava tudo, aos gritos, em um poleiro especial. Zanzi dizia à Esmeralda que era preciso que o bichano visitasse um veterinário de sua confiança, uma vez que, por ser ilegal, não poderia ir a qualquer das dezenas de pet shops de Copacabana.

Assim, conseguia autorização de sua amada, mentindo, como sempre,

para o bichano fazer parte de sua tropicália sexual. O general, como era chamado por sua dona, cantava árias de ópera, imitava Maria Calas, enfim, era um artista. Logo de manhã, bem cedo, entoava “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo”, arrancando lágrimas do casal enquanto faziam o desjejum.

Contudo, o musical diário, a Broadway reacionária particular, um belo dia, acabou. Zanzi quis logo tomar bola nas costas de um menino vindo das lavouras de cana de Campos dos Goitacazes, indicado por um amigo, à época na FERJ, como produto bom e raro. Daria para zagueiro bola porco do mato que o jogo é de campeonato! Nem passou pela adega, marcou direto no boteco do Shopping, perto da entrada do

bloco em que ficava sua alcova. Arcanjo estava, desde cedo, com Garrastazu, no imóvel. A excitação de Chiquinho era tamanha que mordeu os lábios na comemoração dos gols do jogo do final de semana, só de pensar na entrada que tomaria do vigoroso rapaz. Seus beijos estavam pra lá de rachados! Já no elevador, o cenário libidinoso já estava sendo construído, com Zanzi amaciando a carne do promíscuo guloso do canavial. Sem cuecas os dois estavam, para agilizar a jogada do gol. Tudo muito rápido, assustando o general, que batia suas azas podadas pelo dono, que prontamente entrou sem as calças correndo para apoiar-se no espaldar da cama king size. Na sequência, gritos de horror! Chiquinho nunca tinha sentido tamanho impacto. Viu estrelas,

chegando ao seu ponto G, fazendo-o uivar como uma loba no cio, com lágrimas nos olhos. Tudo veloz e eficiente. O zagueiro chegou forte e preciso. No tempo certo. Mas Zanzi enganou-se com o líquido que sentia escorrer em suas coxas enrugadas e cheias de varizes. Não era esperma, mas sim sangue! O general estava desmaiado, o oportunista candidato a jogador com semblante sereno, esperando o resultado do teste, Arcanjo sem saber ao certo o que fazer, mas com alguma ideia pela sua vasta experiência dos porões do DOI-CODI, e Zanzi zonzinho, se contorcendo de terror, mas ainda arrepiado de tesão. O jeito foi telefonar para o ex-chefe da enfermaria da Casa da Morte, em Petrópolis, e ver se estava em seu consultório, no Rio.

Tudo resolvido, em parte. Chiquinho precisava andar de fraldas geriátricas por anos e anos, sempre que exagerasse na dose, ou risse ou tossisse com mais força. Garrastazu estava mudo, não dizia uma palavra. Isso teria ocorrido nos tempos mais felizes e endinheirados de Zanzi, lá por 1988, quando ajudou a destruir o que restava do time tricampeão carioca e campeão brasileiro. Chegou a negociar, em média, de 3 a 8 jogadores obscuros por ano, muitos que nem mesmo chegavam a esquentar o banco, quanto mais serem titulares. Apenas participar do elenco já dava crédito a uma negociação. Depois, abandonava o menino, que mal sabia falar o português, quanto mais outras línguas, à sua sorte em lugares inóspitos. Arcanjo nunca mais falou

sobre o ocorrido. Esmeralda ficou perplexa e inconsolável com o lapso de voz que nunca parecia terminar. Era fim de papo para Chiquinho.

Eis que, nos tempos atuais, o general foi levado a uma sessão de psicanálise! Esmeralda havia tentado de tudo, e apelou para o conselho de uma amiga acerca de um novo veterinário e psicólogo de animais que havia aberto uma *pet* bem transada, na Rua Ministro Viveiros de Castro, esquina com a Belford Roxo. Por que não tentar incentivar uma conversa entre o Freud da bicharada e Garrastazu?

Depois de reuniões e mais reuniões, muitas, aliás, em ano eleitoral, lá pelas 20h eis que Zanzi chegou em

casa. Vinha frequentando um grupo há anos, espécie de Opus Dei tricolor, denominado Tricolores Associados. Eram verdadeiros rituais de toda a monta, no estilo De olhos bem fechados, de Stanley Kubrick. Mas essa é outra história que Zanzi ainda está por me revelar. Voltando à vaca fria, ou quente, como queiram... Fazia tempo que não via esposa a tão feliz. Foi quando soube que o general passaria a fazer sessões de psicanálise freudiana duas vezes por semana! E mais! Estaria sendo preparado para sessões de hipnose! Boquiaberto, foi correndo ao banheiro. Não deu tempo. Sorte estar com a fralda. Também vomitou. Era uma catarse de medo, pânico, na realidade. Depois de um dia de intensas reuniões, e de quase conseguir colocar um boy no

elenco desse senhor petulante e metido a piadista, um assunto já encerrado voltaria à tona. Desculpou-se com Esmeralda, dizendo que havia comido algo que não teria lhe batido bem, no Bar do Tênis, depois daquela delícia de sauna e do banho da alegria. Fingiu estar feliz com as notícias. Foi pegar um copo de água na cozinha. Ao passar por Garrastazu, encarou-o com seriedade e olhar ameaçador. Pegou o telefone, e, alto, para que o general pudesse ouvir, disse: “Arcanjo, por acaso, você sabe torturar papagaio ou faltou a essa lição no curso da CIA?” Naquele momento, o chão da área de serviço ficou sujo como nunca com os excrementos do bichano. Aquilo não poderia ficar por menos, pensou Zanzibar!

Dormiu pensando que era seu dever relaxar, mas não através da plenitude de seu desejo por ser mulher por alguns momentos. Era coisa de cabeça, da cuca mesmo, das ideias. Eureka! Num estalo, logo ao despertar, decidiu que era preciso adiantar o encontro do seu grupo de estudos de Minha Luta, livro dos mais importantes para Chiquinho e alguns de seus colegas fálicos, brancos, do bem e muito bem nascidos para mandar. Telefonou e todos toparam ir ao escritório de um dos participantes, aonde ocorriam as reuniões do grupo, no Edifício Avenida Central. Ufa! Ao menos ganharia tempo para refletir com sábias ideias, naquela tarde. Vinha chumbo grosso por aí, e Garrastazu não perdia por esperar!

15 – O CORVO SOB ESCOMBROS

Enquanto o Tricolor tenta recuperar o rumo depois da conquista da Premier League, da perda do ídolo Fred, e da má fase atual do time – tomara que vença o Vitória neste domingo de qualquer, mas qualquer jeito -, torcedores, dirigentes e transeuntes tentam consolo em outras searas. Uma delas é o badalado centro de treinamento tricolor, há muito tempo esperado e louvado pelas gerais.

Outra é a promessa de um novo estádio, a ser erguido na Zona Oeste, em Jacarepaguá, ideia que não propriamente constitui novidade – vem dos tempos do lacerdismo: no ano de 1947, a área escolhida pelo prefeito do então Distrito Federal, Mendes de

Morais, para construir o querido – e hoje falecido – Maracanã foi amplamente questionada por seus opositores políticos à época, dentre eles o jornalista e deputado federal Carlos Lacerda. Em vez do antigo terreno do Derby Club, hipódromo desativado com a construção do Jockey Club, na Gávea, Lacerda defendia com unhas e dentes a construção do estádio em Jacarepaguá, na zona oeste da cidade. Numa manchete de capa do Diário Carioca, também em 1947, o “Corvo” vaticinou: *“Se o estádio tiver de ser no Derby Club, é melhor que não haja estádio”*.

Outro jornalista, no entanto, foi importantíssimo na campanha em favor da construção do estádio no bairro do Maracanã: Mário Filho, irmão do

dramaturgo Nelson Rodrigues e um dos decanos jornalismo esportivo brasileiro. Proprietário do Jornal dos Sports, Mário Filho fez de seu veículo de comunicação uma titânica coluna em defesa do estádio.

Há poucos dias, o escritor Paulo Andel publicou uma coluna no blog Panorama Tricolor mencionando brevemente o caso do nascimento do antigo Maracanã. Não é necessário se aprofundar sobre os pensamentos de Chiquinho Zanzibar a respeito do autor: *“Esse é um comunista de merda; escrevo muito melhor do que ele, com aquela imitação barata de Armando Nogueira e Nelson Rodrigues, aquela poesiazinha barata para conquistar garotinhas da arquibancada que não me*

interessam! Quem sabe de futebol sou eu! O melhor de todos sou eu, com minha literatura rebuscada (?) e detalhista! Quem esse gordo pensa que é? Paredão nele já! Pelo menos um sanatório de Barbacena lhe caía bem. Todos esses blogueiros vermelhos do Tricolor são sujos, desprovidos do sangue azul, gentilha metida a intelectual. Comunistas de merda, merda, merda! EU SOU MUITO MELHOR”.

Coitado, é um Joselito.

Passada a raiva contra o escritor tricolor, é claro que nosso crápula oficial não está nem aí com a história. O que lhe importa é: se o Tricolor vai passar a treinar e jogar em Jacarepaguá, é preciso fazer um bota-

abaixo no estádio das Orange City, fazendo algo que seja muito lucrativo e, CLARO, o velho Chico do Acaju sonha em agir como lobista e faturar uma grana esperta. *“Ora, porra, qualquer campo serve! O que importa é não ter gentinha. Se vai ser no subúrbio ou não, que se dane! O que interessa é que os ingressos sejam caros para que a ralé não venha com suas sujeiras para cima das cadeiras acrílicas. Meu Tricolor não tem espaço para favelado e pobretão. O dinheiro move o mundo”*.

(Nestas horas, a autora desta obra pensa em assassinar seu personagem, pouco importando se ele é fictício ou assustadoramente real. Pensa mesmo. Em sua mente, vem a imagem do artista Rogerio Skylab dizendo uma de suas

frases marcantes: “A faca é mais humana que o revólver”. O que vale nesta terra um sujeito escroque, pedante, arrogante, racista, preconceituoso e corrupto? A única qualidade que Chiquinho Zanzibar realmente possui é seu estranho amor pelo Tricolor, cuja tradição e glória não se coaduna com o deplorável ser humano que alimenta as páginas deste livro dos dias. Mas o amor não se escolhe, e quem é amado não pode impedir o amor do outro. Aqui, o Flu é o refém dos sentimentos amorosos de um completo canalha).

“Não quero saber se estão fazendo isso pelo bem do club, da gestão, das contas, o caralho de quatro: o que me importa nisso é tirar a gatinha do

caminho e trazer meu levadinho. Eu não criei este mundo, eu não vou mudá-lo, é a vida como a vida é. Não me encham o saco com lições de falso moralismo. O mundo é movido a dinheiro e poder. Com o dinheiro onde o dinheiro está, com o poder onde o poder está. Se tiver uma brecha, é claro que eu vou entrar nessa. Quem quiser, que se faça de bonzinho. Eu quero é mais!”

“Aos amigos, tudo (isso enquanto tiverem alguma serventia). Aos inimigos, o rigor da lei.”

“Se fui criado nos salões nobres, no vert, blanc, rouge, no luxo com pessoas brancas, de bem, com sobrenomes importantes, porque deveria me nivelar por baixo e acatar gatinha?”

Estes Silvas, Souzas, Ferreiras, essa gente fedorenta de trem que vive se amassando? O que eu tenho a ver com isso? Nenhuma culpa. Gosto do que é bom, apenas isso. Viva o luxo! Viva a noite!”

“O que vocês queriam em Volta Redonda na quarta? Um monte de gentinha, de pobreza?”

Alguém me escreveu num inbox: “Só dando mesmo muita porrada nesse arrogante acaju da terceira idade, que se acha melhor do que os outros. Sou contra a violência mas, neste caso, umas pancadinhas caem bem”.

II – O IMPÉRIO DE KAPACETÓPOLIX

A nossa bossa recente do Tricolor é o centro de treinamento a ser inaugurado em breve, uma obra esperada há décadas, fruto pessoal do supertricolor Peter O Anthony. O CT é praticamente tão admirado quanto um Fred de concreto e aço, isso para quem pensar ingenuamente que a fundação do club foi em 2011 como se diz no baixo meretrício da internet – e quem discordar dessa tese aí sim pode avistar o equipamento colossal como se fosse um Pinheiro, um Félix (o grande goleiro, por favor) ou elegante como Marcos Carneiro de Mendonça. Preguinho, pregão.

Para visitar o canteiro de obras, é necessário e natural utilizar um capacete de segurança, de acordo com as normas técnicas do setor de construção civil. E aí, amiguinhos, é que Chiquinho Zanzibar fica completamente LOUCO: quer ir lá a todo custo, tirar fotos, ser reconhecido como um representante da nobreza tricolor, garantir vaga no Conselho Deliberativo com o melhor estilo Marco Maciel e, quem sabe, até um carguinho nos próximos governos. É situação, mas se a oposição pagar mais. *“com o poder onde o poder está – não se luta contra a vontade do dinheiro”*. É um desgraçado.

E o ideário, as convicções e a dignidade de Zanzi logo depois de acordar? Ele olha com firmeza para o

espelho acima da pia do banheiro, dispara o “foda-tel”, escarra na mesma pia, deixa a água carregar o catarro vil e dispara uma gargalhada. Vira-se, encosta seu traseiro, pega o sabonete e suavemente começa a roçá-lo na cloaca, num misto de nojeira e prazer, alegando para si mesmo o argumento da “higiene”.

Onde Zanzibar pisa, o delírio do sexo é permanência. Capacete é masculinidade pura, é testosterona, é mara! Mexe na internet, visita os sites, vê as fotos e sua por demais ao pensar na elegância dos visitantes tricolores – calores de desejo ardente. Homens brancos, de bem, com capacetes, símbolos de sucesso numa espécie de Olimpo da masculinidade, deuses do

poder e do erguimento de um futuro que se avizinha, libertadores da América do bem. Céus! (O que será que pode acontecer nos alojamentos? Uma versão bruta de Pecadópolis?)

Começa o delírio homo megalômano do escroque: *“Não, agora, não: é preciso manter as aparências, pois um grande império começa a mostrar ao mundo a razão de sua existência. Viva a pureza da raça, a graça da riqueza, a ostentação de bem, branca, limpa! Viva o império de Kapacetópolis, âmbar da conquista, balneário dos mistérios da força, onde a carne também pode se perder em emoções diferentes e safadinhas, danadinhas na cama. Vai uma “selfie” aí?”*

Peter O Tony, o tricolor apaixonado e dedicado que permite a realização do sonho construtivo de Chiquinho, não tem a menor culpa de ter um fã tão destrambelhado em todos os sentidos. Na Terra, muitas vezes não escolhemos os que nos serão próximos ou até íntimos. O amor do outro não se escolhe nem se controla. O mundo dá voltas. O parceiro de ontem é o inimigo de logo mais, o desprezo da semana passada é a paixão de agora. O importante é ser sócio, seja do amor, dos projetos ou de uma relação privada e respeitosa.

Um cínico.

E a música? Naturalmente, uma cena do cinema mental de Chiquinho

Zanzibar com homens viris de capacete só pode reportá-lo a um dos clássicos dos anos 1970, interpretado por um dos mais emblemáticos representantes da *disco music* estadunidense: “Macho Man”, do Village People. Mais especificamente a do cantor David Hodo, que interpretava um operário nos shows da banda. Abafa, garoto!

Esmeralda parece interessante com seu *peignoir* vermelho intenso, sentada na poltrona da sala. Olha para o smartphone e dá uma gargalhada. Chiquinho pergunta “O que foi, amoreco?” – “Nada não, meu príncipe. Bom, acho que vou deitar.”

III – EMBALOS DE SÁBADO À NOITE

Chega de sonhar com os capacetes por caminhos inenarráveis.

Completamente entorpecido depois de mandar ver um tremendo becão aditivado de alta performance no banheiro, no melhor estilo “misto quente” de Tim Maia – o charutão da marola -, com Esmeralda adormecida no último estágio do sonho profundo, Chiquinho revê na tela da televisão uma de suas permanentes obsessões cinematográficas: “Pulp Fiction”, o clássico de Quentin Tarantino, mais especificamente naquela que é a cena mais impactante do filme – o estupro de Marsellus Wallace – o chefe do crime em Los Angeles interpretado por Ving

Rhames – cometido por um tira gay e o dono de uma loja de armas. O desfecho dessa história é sangrento, vingativo e honesto, mas Zanzibar não está preocupado com nada que não seja a cena de estupro e seu desejo homoerótico de encarnar Wallace, ainda que ele seja negro – algo difícil de digerir no patético universo chiquínico. A cada estocada criminosa que Wallace recebe de seus algozes, o bardo da canalhice acaju quase treme de prazer mórbido.

Terminada a cena com o alívio tenso de Butch Coolidge, o personagem interpretado por Bruce Willis, ao testemunhar a vingança de Wallace e acertar um pacto com ele a seguir, o velho de cabelo acaju não resiste: coloca a mão dentro da ceroula grená e começa

a fazer amor por seus próprios meios. Mas por pouco tempo, já que o telefone fixo começa a tocar, um sinal especial ou de preocupação:

“Alô, Zanzi? Tudo bem?”

“Ai, meu filhoso! Que te deu para ligar a essa hora (risos)?

“Ela está aí?”

“Dorme feito uma porca, com seus peitões de fora. Agora deu pra tomar banho, vixe!”

“Seguinte: você tem tempo na terça-feira para a gente bater um papo? Pensei em nos encontrarmos na sauna e depois jantarmos perto do Edifício

Argentina. Nada de Bar dos Guerreiros para não chamar a atenção, ok?”

“O que você pede que eu não te dou com amor?”

“Um abraço. Até lá.”

Telefone desligado, a estranha mistura do interlocutor com Marsellus Wallace provoca delírios na cabeça perturbada e sexista do velho trambiqueiro classe alta. Num súbito, olha para o teto e vê a figura imaginária de Washington, o deus africano do Tricolor, artilheiro de tantas conquistas e companheiro inseparável do lendário Assis no inesquecível Casal 20. Sua memória vagueia por trinta anos atrás e encontra um cântico de arquibancada.

Então, desliga o *abat-jour*, a televisão, mantém distância regulamentar do corpo nu de Esmeralda, puxa a colcha de chenille para cobri-la num estranho sentimento de preocupação, deita-se um tanto encolhido, faz dos seus pensamentos um verdadeiro caleidoscópio de sua alma atormentada, mistura ruindades com glórias e a obsessão por capacetes, até que começa a cantar baixinho, quase sussurrando em tom bossanovista: “Ão, ão, ão, na cabeça do filhão!”

IV – O TELEFONE TOCOU NOVAMENTE QUASE À MADRUGADA

“Oi, filho.”

*“Filho porra nenhuma, tá maluco?
Não sabe quem tá falando?”*

“Peraí...quem tá falando?”

*“Chorei e o cacete pra deixar
a parada nos conformes e você vem com
historinha? Me passa o número do
Teixeira que eu preciso falar com ele, ok?
Ou o Teixeira ou o Ávila servem.”*

“Du?”

*“Adianta aí que eu já tenho que
desligar.”*

“Cosê? Sorry, my lord.”

*“Passa logo que a mulher já tá com
os olhos arregalados aqui do lado.”*

*“Ah, mas e o levadinho, amigo?
Lobo não come lobo.”*

*“Tem certeza do que você está
falando?” (risos)*

*“Seu maconheiro de merda! Fuma,
mas não traga” (gargalhadas gerais e
finais)*

*“Maconheiro é tu, que fica
enganando tua mulher! Escuta, tem
alguma coisa lá que a gente possa fazer
de trabalho ou nada ainda?” (acréscimos
do árbitro)*

*“Vamos prospectar! Não é mole
assim.”*

“Tem que administrar.”

“Um gol sofrido não vai nos abater.”

“Abate de cu é rola!”

16 - VEM, MAMILINHO!

PARTE 1 - FRIDAY NIGHT

Sexta-feira à noite e meu telefone toca na hora em que me reparo para ver TV e relaxar depois de uma intensa semana de trabalho: notícias, contas, pessoas desagradáveis, vida. Quando vejo, lá vem a mona da cafajestagem na tela do smartphone. Minha rainha diaba, minha Madame Satã de Achavs.

Chiquinho Zanzibar falando em verdadeiro êxtase, a ponto de eu sentir do outro lado do fone a sua gesticulação quase esquizofrênica. E dessa vez não tinha muito a ver com suas tradicionais ânsias por negociatas, mamatas e oportunidades de trambique. Quero

dizer, não por enquanto, pois um picareta como ele sempre vai aprontar alguma na próxima esquina.

Primeiro, estranhamente animado com o jogo do Tricolor em Edson Passos. A ponto de deixar todos os seus preconceitos espúrios de lado, mudar de opinião e resolver ir ao jogo na Baixada Tricolor. Contou-me que Boris, um amigo das Orange City, antigo frequentador da Alaska 1977, dispôs-se a reservar um Uber para a ocasião. É CLARO que o rei das mamatas não ia perder uma oportunidade dessas, ainda que não possa usar seu echarpe grená para a ocasião:

“Inhaí, queridona? Desculpe, Alvérrima, mas desta vez vou com total

discrição. Eu, Boris e o motorista Clayton que, vou te contar, é um dum dum daqueles de abalar estruturas. Você sabe que não é bem o meu feitio, mas às vezes, quando o prato é saboroso, concedo a mim mesmo algumas pequenas contradições. RÁ, RÁ, RÁ, RÁ, RÁ. Ele parece um daqueles deuses de ébano dos musicais da Broadway, meus saís! Tudo bem que esse jogo é lá no quinto dos infernos, mas eu não vou ficar perto da gentinha: o Boris tem um esquema lá. Só espero que não tenha escurecido muito ao sair de lá, porque... CRUUUUUZES!, é um perigo danado. Se bem que o dum dum impõe respeito na condução, RÁ, RÁ, RÁ, RÁ, RÁ. Mas eu vou no sapatinho, acho até que Esmeralda vai comigo, isso se ela não

tiver aula de tênis com o professor Marcondes.”

“Só espero não passar perto desses blogueiros sujos, comunistas de merda. Se eu pudesse, mandava proibir todos eles. Quem é essa gentinha para querer posar de jornalista e escritor? Só me faltava essa. Não chegam aos pés de um Reinaldo Azevedo ou Marcantonio Villa. Jabor? Nem pensar? São uns metidinhos a besta que usam a internet para pegar mulher, cruzes! Sei que lá é o lugar de pobres que nem eles, mas confesso que estou animado. Chegando lá, eu nem olho para o lado, só me concentro nos bofinhos do gramado, mas sem dar bandeira que a Esmê não merece. Tem também um ou outro bofão da arquibancada, mas só de olhar 43.”

“Ai, amiga, nem te conto: um babado forte desses lá no club, estive na sauna ontem. Disseram que um desses garotos da internet, daqueles que se acha proprietário do Tricolor, foi visto na Augusto Severo, ali perto da Lapa, sabe?, conversando com a Enfermeira, que é uma trans lourinha de óculos, conhecida, sempre de branco. Pegou na mão dela e tudo. Esses bofes ficam pagando de machões no computador e se revelam tão doces quando é o amor que não ousa dizer seu nome, sabe? E depois ficam esses ebós na televisão falando de cura gay, santa hipocrisia. RÁ, RÁ, RÁ, RÁ, RÁ.”

Quero saber das novas, se tem alguma coisa que preste para o Flu, as novas contratações. Então aquele êxtase

vira uma completa ferveção bate-estacas como se estivéssemos num club das absurdettes:

“Meodeuz, você não sabe? Estamos fechadérrimos com o Mamilinho, que já está chegando e vai causar calooooooooooooooooores, Alveta! Daqueles bofes de meia altura metidos a sargentão, sabe? Do tipo que parte pra cima, impetuoso, cheio de confiança, bofinho dos bons que acha que sabe tudo, mas é meio bolachinha, poc poc. Arruma pegação, é metido com padê, só nas emoções. Acho que vem para abalar Bangu, Campo Grande e Santa Cruz juntos, céus! RÁ, RÁ, RÁ, RÁ. E ele gosta de confusão, noitada, é dos meus. Tou louco pra pedir um autógrafo. E se der, espaço, já viu... RÁ, RÁ, RÁ, RÁ, RÁ, RÁ,

RÁ, RÁ, tou precisando de um empregadinho para atender às minhas ordens. Mas esse time tá precisando mesmo de um safadão pra sacudir o vestiário e a sauna. Tem muito bonzinho, muito menino de Deus, eu quero é o Diabo! Ai, e esse nome ainda me traz um gosto de beijo na boca, senhor: foi tudo por amor, tudo por loucura, mas eu gostei.”

E o Wellings Silva? A tia má só tem olhos para o outro.

“Ai, Alva, deixa de ser cafona. Se o garoto vier, que melhore essa pomba de time e que eu possa faturar meu aquezinho. Mas você acha que precisa? Eu quero é cantar: “Vem, Danilinho, vem,

Danilinhooooooooo! O outro tem cara de pobre, não tenho confiança.”

Hora de desligar, agradeço, escuto ainda um monte de bobagens e a ligação termina sem eu precisar ficar desesperada com as sandices da eugenia chiquínica. Penso na pobre Esmeralda:

“Mona, assim que você estiver no Rio a gente precisa se ver. Quero contar uns babadões daqueles que não podem ser contados no telefone nem na internet. Papo sério de um cotrofe lá do club, de arrepiar. Beijo no coração, vida! Deixa eu ir que tá cheio de MD no Twitter pra mim, vai que tem uma emoção diferente?”

Ainda me pergunto: o que é que esse sujeito tem na cabeça?

Como se deu a formação dessa personalidade?

Por que não dar uma guinada, assumir sua sexualidade de vez, parar de enganar de vez a esposa, deixar de lado essa espécie de represamento dos sentimentos?

Mas é pouco, muito pouco diante da principal mudança: a de seu caráter volúvel, interesseiro, bajulador e oportunista. Parece que as duas coisas, a sexualidade e o caráter, sem julgamento, estão misturadas como se fossem uma coisa só.

Chiquinho sexualiza o mundo de acordo com seu caráter. Quanto maior o escroque, parece maior a paixão.

Por outro lado, será que Esmeralda sabe que dorme diariamente com um safado, um pilantra que a engana em nome de emoções diferentes, um sujeito que nem fala do filho, de família, nem sequer diz que está triste com a fase do Tricolor, resumindo o sentido da vida a picardias homoafetivas e picaretagens financeiras?

Onde foi que eu me meti para contar esses causos?

PARTE 2 - BREAKFEST

Acordo, a réstia de luz entre a brecha das cortinas me incomoda, sem olhar aperto o botão do smartphone e começam a pipocar mensagens. A primeira, maior, é do Zanzi. Começo a ler:

“Alva, meu bem, queria te pedir desculpas. Sei que às vezes eu pareço um tanto quanto insensível e indiferente aos outros, mas é questão de pragmatismo diante da vida. a gente não pode mudar o mundo e certas convenções, de modo que é preciso adaptar-se a elas. Nem sempre a gente pode ser como é porque a vida é como ela é. Tem que administrar. Eu não sou uma pessoa do mal só porque acho que tem

gente superior nessa Terra, mas foi assim desde sempre: temos os especiais, os comuns e o povo. Quando não foi assim? Acredite: eu amo minha esposa e minha família, mas de um jeito especial, todo meu, que nem sempre é fácil de ser compreendido. E amo o Tricolor, mas também do meu jeito. Estamos num país democrático, não é? Então cada um pensa de um jeito. Fui bem criado, tenho berços, boas fronhas, lençóis, talheres, por que teria que abrir mão disso? Enfim, sei que pareço confuso às vezes por causa desse meu jeito estúpido de ser. Obrigado por ser minha confidente, amiga e conselheira, mesmo que eu não faça absolutamente nada do que você recomenda. Todos nós vivemos num grande armário da alma e cada um sai do seu jeito mais aprazível. Adoro

conversar contigo e só te peço sigilo em relação aos nomes, porque são pessoas importantes, conhecidas, respeitáveis e não quero que nada macule o nosso club, ok? Fique com Deus, semana que vem nos falamos. Deixa eu descer que o filhote está aqui na porta: vamos lá para a Praia da Reserva, meudeuz! Rá, rá, rá, rá. Beijo na sua alma.”

17 - MANJA NA GARE

Edson Passos. Baixada Tricolor. Depois de tanto tempo, o fascismo e o reacionarismo foram postos de lado e lá foi o Macunaíma da Sauna para ver o Tricolor em Toda Terra.

Chiquinho trocou de motorista no Uber e chamou Clóvis, que o buscou em casa e fez um rápido trajeto com direito ao carrão preto descendo a Via Light, atualmente perigosa demais. Atravessou sem sustos. Coisa de uma hora em boa velocidade, saindo de um Rio meio frio e com ruas esvaziadas.

Em nenhum momento olhou para a paisagem. Não queria encarar a realidade dos fatos, nem a vida como ela

é. No carro, rolava *smooth jazz* de eternas divas como Sade Adu. E a vista em busca de homoerotismo partia do banco de trás rumo ao pescoço tatuado de Clóvis. Ao mesmo tempo, Chiquinho não saía da rede social Twitter, bosteando sobre todos os assuntos possíveis de modo a ostentar a intelectualidade típica dos... leitores de orelhas e contracapas de livros.

Discreto e com o tom acaju do cabelo mais aliviado, teve que passar pelo povo tricolor na rua atrás do gol. Clóvis não curtia futebol, mas foi convidado pela biba véia para assistir o jogo, aceitando prontamente. A dupla buscou os ingressos com Arlindo, o cambista oficial de Zanzi, também metido com ingressos de shows

internacionais, de teatro e até de musicais da Broadway. E primo de Arcanjo Calabouço. O picareta garantiu-lhes ingressos de tribuna sem fila. O melhor do campismo em ação.

Chiquinho foi chamado de doutor pelo policial na revista leve. Quase pediu para ser mais analisado. Seu sorriso de canto de boca chegou a causar graça em Clóvis. Entraram e sentaram-se.

O Tricolor valente em campo, jogando bem, com garra, vencendo por 2 a 0 com facilidade e segurança. Tudo corre bem, mas o velho safadão quer mais e não se controla ao gritar “Eu quero meu Danilinho mandando em campo, please!”, para depois ajeitar a velha almofadinha com escudão que

carrega há longos anos quando vai aos estádios. O pessoal por perto achou meio estranho, só comparável a um torcedor que caminhava pelos degraus parecendo um ebó, em contrapartida à bela torcida presente na nova casa alugada do nosso amor.

No intervalo, espiou discretamente jovens frequentadores sentados nas arquibancadas, mandou mensagens quentes de whatsapp para as monas da sauna e até respondeu a um áudio da patroa Esmeralda: "Queridona, vou demorrrrrrr. Besitos". Clóvis alternava momentos de silêncio com pequenas risadinhas sarcásticas. Mas gostou de estar presente ao jogo, embora evitasse olhar para qualquer lugar onde houvesse um torcedor local ou mais

humilde. Concentrava a vista em outras novas do club ou nos molequinhos da politicagem, já pensando em safadeza, claro.

Com o segundo tempo tranquilo e a vitória do Tricolor assegurada, chegou até a pensar em sair antes do fim da partida. Desistiu. Ficou até o apito final. E achou Riascos um bofe ridículo por motivos óbvios e ululantes.

Na saída, teve um rompante absolutamente inesperado. Quando ia para o carro, na contramão do povaréu feliz, mudou a direção: “Clóvis, por favor leve minha almofadinha. Faça o seguinte: siga com o carro até a Central e me espere lá. Acerto a diferença pedindo outra corrida”. O motorista

saradão atendeu e o pescoço gostoso foi embora. Chiquinho foi atrás do povo tricolor e resolveu passar por uma experiência inédita em sua vida: andar de trem. Claro, com segundas intenções.

Passou por um bar e deu ombrinho ao ver tricolores bebendo cervejas, cercados por outros torcedores animados, quase todos anônimos e até candidatos a subcelebridades série E. Chegou a quase arrotar, mas seguiu em frente: sabia que se fizesse alguma das suas, entraria na porrada sem dó – e talvez isso nem lhe fosse assim tão mau. Mas preferiu a prudência.

Comprou o bilhete, sentiu o fartum acre de sabão ordinário das roupas dos populares tricolores na

estação de trem, segurou para não vomitar, mas aguentou firme. Passou a roleta e olhou para todos os lados. E quase enlouqueceu quando viu, mesmo de longe, dois tricolores de bom porte em processo de micção privada e respeitosa em plena linha férrea: estavam apertadíssimos e não havia qualquer possibilidade de banheiro. Discretamente manjou na gare e foi um urologista da paixão distante. Imediatamente sonhou com “Outside”, o hino de seu herói George Michael.

O melhor estava por vir. Quando o trem chegou, a massa tricolor invadiu as entranhas de aço do transporte de massa. Misturado ao povo, cheirando a suor da vitória num vagão lotado, traiu seu ideário reaçã e esperou por toques,

esbarrões e até sarradas convenientes para seu *stablishment* homoerótico. Ali, sentiu-se uma secreta e realizada Madame Satã, sonhando com mil fantasias grupais enquanto todos estavam felizes com a atuação do Tricolor. Decorridos dez minutos da partida, deu um grito de guerra tão forte e másculo que a galera até aplaudiu. Era seu contraditório orgasmo solitário e enrustido. Teve quarenta minutos felizes misturado com quem tanto despreza. Ao chegar na Central do Brasil, estava tão realizado que chegou a ensaiar uma caminhada rebolativa na gare. Mas segurou a onda e pagou de senhor respeitável. Quando deixou a estação, o carrão preto lhe aguardava. Em vez da porta esquerda de trás, deu a volta e abriu a direita da frente:

“Obrigado pelo serviço e gentileza, Clóvis. Permita-me retribuir. Faremos a corrida até Copacabana, via Alto da Boa Vista, ok?”

“Doutor Chiquinho, o senhor é que manda.”

“Uhuuuuuuuuuuuuu!”

Pensou no saudoso Cine Orly. E a velha Via Apia? O resto a gente fica sabendo mais tarde.

18 - UM FAREJADOR DA PORRA

Sempre com a certeza de ser um matreiro, Chiquinho chegou antes ao psicanalista. Precisava levar um esperto *lero* com o doutor Freud da bicharada, sugerindo como deveria ser conduzido o tratamento de Garrastazu. Em algumas horas, o papagaio lá chegaria, levado por Esmeralda. Ela estava absolutamente crente de que algumas sessões de hipnose poderiam revelar o trauma que havia levado Garrastazu à perda da fala. Queria tomar seu café da manhã ao som de “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo! Meu coração é amarelo e branco, azul-anil!”.

Zanzibar pagou a manhã inteira de consultas para ter a certeza de que

teria tempo de convencer o hipnotizador, e lhe daria tempo para pensar na sua proposta: “induzir Garrastazu de que ele teria sido criado por indígenas indolentes e vagabundos, verdadeiros silvícolas das altas terras da Amazônia, e que havia participado de tudo o quanto fosse ritual de sexo xamânico, com ayuasca a dar e vender. Teria se lembrado disso ao ver Chiquinho se arrumar, todo perfumoso, para o grupo de estudos do Minha Luta, quando ainda só estava de toalhinha. A recordação da suruba cosmológica na aldeia teria vindo forte, impactante, vendo seu dono como se fosse um cacique gostoso”.

Queria desmerecer toda e qualquer frase do louro, dando um

levadinho ao doutor das almas para que dissesse à Esmeralda que qualquer coisas que fugisse desse script seria neurose das brabas, difícil de curar. Só com muitas e muitas sessões Garrastazu poderia, quem sabe, começar a melhorar. Zanzibar combinou que, se o pet, por algum acaso, se engraçasse e começasse a revelar tudo o que havia visto, tanto no apê da Siqueira Campos como nas sessões do DOI-CODI, cada um dos encontros na *vet* seria um pesadelo de torturas: penas, unhas, olhos e bico, fora o brioco cloaquento, sentiriam a fúria chiquínica de cada bofe que tivesse lhe dado um fora na sauna do club do seu coração.

Ao sair da veterinária, o ambiente erótico descabido da frondosa rua

Ministro Viveiros de Castro, beliscando o seu saco escrotal com agulhadas quase mortais do gozo encruado, lhe trouxe, como numa espécie de transe, a 1987. O time supercampeão, do casal de ébano e do craque de araque da Ponte da Amizade, deveria ser destruído. Ninguém dali queria saber de Zanzibar, e a torcida ainda tinha esperanças de que alguns títulos poderiam surgir com o que restava do poderoso esquadrão. Mas era preciso fazer caixa; afinal, a revolução redentora e gloriosa já estava com seus dias contados e as jogadas de Chiquinho. Não sabia mais como fazer, depois de mover o mundo para negociar gente obscura para renovar o elenco. Isso! Renovação era preciso! Fazer uma Aliança Renovadora Nacional Tricolor, ARENA-Tri! Queria anos de jogadores

obscuros, verdadeiros pernas de pau, quilos de esterco adubando diariamente o campo, amontoando do mais completo emputecimento o coração da torcida. Essa turba mal acostumada! Zanzibar tinha a meta de sua vida: o time ir à segunda divisão, quiçá à terceira! Aí, seria uma festa danada! Jamais a escalação do time seria cantada de cor e salteado! A cada partida, quase meio time mudaria, para pior, numa ciranda da morte do futebol jamais vista nas Orange City.

Essas lembranças faziam-no arrepiar-se, as bolas ficarem duras, e o ânus frouxo de tesão, sujando a fralda de caroço de feijão e milho. Nem ligava porque, na sua imaginação, só pensava na porra molhando suas nádegas.

Naquele abril de 1987, em plena fila da comunhão na Igreja Santa Cruz dos Militares, na missa de comemoração da revolução de 1964, ao lado de tantos amigos e conhecidos homens brancos meritocráticos de bem, teve uma ideia brilhante: começaria a plantar boatos sobre jogadores do time estarem cansados de atuar pelo club, e só ficariam mais um tempo ali se tivessem um jeton nos vencimentos. Ele havia apoiado a eleição do presidente Faraó, e feito a cabeça do amigão de que era preciso mudar as coisas para encher os bolsos. Por puro tesão pela virilidade dos homens de ouro dos tempos dos excessos necessários nas delegacias cariocas, fez o lobby para a contratação do Delegado das Alterosas para ser o comandante do time a ser esfacelado.

Naquele mesmo mês, encheu as caixinhas dos repórteres de rádio e televisão, de alguns comentaristas chegados ao pessoal de Arcanjo, aparentados, até, dos homens do bicho. Os boatos se espalharam. Muita gente feliz na corte de Zanzibar, sempre às custas do prejuízo de milhões de pessoas. Seria no jogo contra o Botafogo! Com certeza! O zero a zero estava confirmando seu plano. A chuva caía, molhando a camisa verde de Antonio, o comunista. Chiquinho ficou tão feliz que deixou as tribunas e foi se lançar às bandeiras rasgadas da torcida destemida. No túnel de acesso, sentiu a arquibancada tremer e o grito de gol. A água molha sua cara de pau, as pesadas bandeiras tremulando e a torcida, junto com o Careca do Talco, se abraçando.

Zanzibar chora de tristeza, canalhamente se misturando aos abraços emocionados com a chance de chegar a mais uma final. Os braços másculos faziam de suas lágrimas um poço de tesão, numa mistura de sentimentos que lhe atordoavam. Mais um gol! Zanzibar não aguentava mais aquilo. Foi jogado pra lá e pra cá, degraus acima e abaixo das arquibancadas. Era preciso torcer contra na final de turno, e plantar o maior boato de todos.

A semana de clássico contra o Vasco, então freguês, foi tensa para Chiquinho. Se o time fosse campeão, seus planos com Faraó não poderiam seguir adiante. Pegou empréstimo com amigos da caixinha da OBAN, e

aumentou o agrado aos formadores de fofocas: o goleiro estaria vendido! Ídolo da torcida há anos, criado no club, era mais um a ter rejeitado historicamente as chegadas de Zanzi na tentativa de filar um banho da alegria. Era hora de queimar quem não quis fazer o mesmo com a sua rosca gostosa. Um a zero até o segundo tempo e nada de o adversário ameaçar. Duas jogadas fizeram de Chiquinho a pessoa mais feliz naquele estádio! Dois golpes, muito parecidos, acabariam com uma época no club – que nunca mais voltaria a ser o mesmo. Ali, sim, começaria o reinado de Chiquinho. O Bobo da Corte viraria um fiel cortesão de Faraó e seus asseclas.

Bebeu tanto ao sair do estádio que foi parar em plena Praça do Lido, suado,

cagado, mijado. Transou sem camisinha com travestis sem dó nem piedade atrás das colunas do edifício Chopin, porque não havia grades, naquela época de ouro. Que dia! Zanzibar perdeu a cueca, e, depois de um copo de absinto, três carreiras de cocaína e um skunk no banheiro de um dos restaurantes da Atlântica, caiu de cara no chão, diante do colégio público da praça. Buscava sua cueca, pedaços dela. Mas queria mesmo era uma camisinha usada cheia de porra! Como um perdigueiro da paixão, de quatro, seminu, como um Snoopy da putaria, farejava cada pedra portuguesa em busca de preservativos masculinos. Encontrava vários, lambia, sentia o gosto de porra alheia, de paus misteriosos, outrora rijos e melecados. Um delas, chegou a passar no ânus,

enfiando de leve com o dedo anular. Depois, peidou e tirou a proteção de borracha. Foi assim, tesudo como nunca, prevendo dias de glória, até a Prado Júnior. Seus joelhos estavam em carne viva, fruto da verdadeira procissão da vitória de Zanzibar, no enlace de anos de tragédia tricolor. Nem a gonorréia dos dias subsequentes estragaria a insustentável leveza do seu ser, contemplada com uma escarrada na cara do goleiro, finalmente dispensado do club. O primeiro da era faraônica que ali se perpetuaria.

19 - DÁ PRA ELE!

O dia amanhecia tenso na suíte presidencial do Palácio do Rei Hotel, na Rua Haddock Lobo, no tradicional bairro da Tijuca. Chiquinho Zanzibar e sua cria de ocasião haviam passado a noite comemorando a vitória sobre as raposas do Cruzeiro. Mas o mal estar era latente.

Chiquinho, corroído pelos ciúmes numa intensa discussão, havia dado uma bofetada na cara do boyzinho, não parando de gritar:

“Putá que pariu... bofe desgraçado... me liga no meio da noite dizendo que queria fazer amor comigo,

tenho que mentir para a gorda da Esmeralda...”

Zanzi inventou um apoteótico acidente de jet ski, em Angra dos Reis, na marina de Lorefredo de Cantabria y Leon, neto de um banqueiro espanhol falido, para escafeder-se cheio de tesão pensando no reizinho da pele branquinha que teria pela frente, imaginando tirar a calcinha do mancebo com a sua dentadura de dentes de ouro:

“Que amor, que nada! Passou a noite toda no Twitter falando e sacaneando esse comunista desgraçado do Gonzalez! Há 16 anos você só pensa nele... Cansei, seu metido!”

Chiquinho espumava de ódio. Já não bastasse que o seu dote sexual sem aditivo já não ficava 100% ereto, ainda tinha que ter a atenção do amado em doses econômicas. Estava transtornado, muito diferente do alegre senhor que horas antes perdera a virgindade ferroviária na viagem Edson Passos x Central do Brasil.

“Vai lá! Dá o cu pra ele, já que você gosta de machão! Pede pra ele te enfiar a porrada... quem sabe se você não goza sem ele te meter?”

Há exatos trinta e cinco anos não se via Chiquinho Zanzibar tão irritado, colérico, desde o fracassado intento de explodir o Riocentro, exatamente no dia 30 de abril de 1981, quando um

companheiro seu de tortura morreu e o outro perdeu metade da densidade escrotal quando a bomba, aquela bomba, explodiu antes da hora dentro daquele Puma de cor cinza metálico.

Zanzi era um dos cavaleiros da ordem e da moral, todos eles ligados de alguma forma ao CIE, SNI e DOI-Codi, participantes da reunião no restaurante Cabana da Serra. Mapas sobre a mesa e ele havia saído, por ser o mais novo, com a missão de picar “VPR” nas placas de trânsito da Grajaú-Jacarepaguá.

Naquela noite em que nada deu certo, enquanto o grande compositor Gonzaguinha terminava o show dizendo “Pessoas contra a democracia jogaram

bombas lá fora para nos amedrontar”, Chiquinho Zanzibar chorava de raiva intensa pela falha no artefato, que explodiu antes da hora. Pelos cálculos dos torturadores, poderiam morrer umas duas mil pessoas, todas comunistas filhas da puta. Foi a maior chance da sua vida de entrar para a história da sociedade da extrema-direita carioca.

Três décadas e meia depois, agora a explosão de raiva de Chiquinho é outra: os ciúmes pela interferência indireta do troglodita entre ele e seu boyzinho da pele branquinha, tentando argumentar que só tinha olhos para o seu amo.

Ainda colérico, Zanzi deixou uma nota de 50 reais sobre o lençol, marcado por virulentas manchas marrons e de esperma. Desejava estar no club antes do meio dia, para articular a movimentação do seu grupo na impactante celebração de aniversário do *club* em plena sede.

Em sua cabeça, o plano era neutralizar o grupo dos malditos e fedorentos blogueiros comunistas tricolores, quase uma quadrilha, uma falange vermelha de *mierda*, além de apoiar integralmente a nova sociedade tricolor da ordem grã-kavernista, da qual ele se sentia, o Ibrahim Sued, expressão maior dos tempos em que o “café society”, no seu particular “Gigi, eu chego lá!”.

No incensado templo da maçonaria tricolor e seus templários, Zanzi se sentia um semideus, onde a sua perversão dava vazão ao seu alto grau de libertinagem: homofóbico do mundo irreal, machão da geração “pão com cocada”, dos baseadinhos fumados no antigo píer de Ipanema que embaralhavam as mentes daqueles garotos perversos da Farme de Amoedo, a seguir um berço esplêndido do amor entre iguais. E começou os trabalhos.

Como um bom discípulo de Eduardo Cunha, Chiquinho sentia-se responsável por colocar em prática a marcação cerrada aos comunistas do manifesto. Sabia que tinha que proteger seu boyzinho da pele branquinha, figurinha ímpar da disseminação do

ódio, valente de ar condicionado, putinha que é do Zanzibar, que também é putona de outros tantos ursos peludos das festas na rua do Catete.

Ao final da reunião, antes de se dirigir à manicure perguntou duas vezes:

“Será que eu consigo uma camisa autografada pessoalmente pelo Maranhão no vestiário? E afinal de contas, quando estreia o Danilinho, que tem carinha de bom rapaz?”

Apesar de que “cavalo não desce escada”, na máxima suediana, o gosto de Zanzibar pelos “Cocadinhas” do momento era incontrollável e apesar de que “Em sociedade tudo se sabe”, ao

sair da reunião dos templários ele subitamente começava a articular o mais abominável de seus planos: tinha feito um seguro de vida para Esmeralda A “Gorda” (para ele, dentro de seus conflitos loucos, sempre gorda)... A morte dela seria no próximo carnaval, quando a sua fantasia com mil lâmpadas LED – tal qual a Árvore de natal da Lagoa – explodiria no alto do carro alegórico na Marquês de Sapucaí, um *remember* do Riocentro, só que desta vez sem falhas.

Sem deixar terminar o dia, sacou seus poderosos smartphones e reservou duas passagens para o jogo contra o Atlético Paranaense: “Desta vez vou sozinho no sábado, para aproveitar a noite de véspera do jogo. Me falaram

muito bem da “Sauna Caracala” no centro de Curitiba... quem sabe?...”

E, apesar de não passar de um “caixa baixa” com sua eterna muquiranagem, escolheu o seu modo de ser feliz nos devaneios privados e respeitosos da homoafetividade curitibana. Mais um final de semana longe de Esmeralda.

E quem sou eu, Alva Benigno, para criticá-lo? Logo ele, o importantíssimo Chiquinho Zanzibar que está me levando ao estrelato! O conceito de ética neste mundo é realmente algo deveras elástico.

Mais um flashback de Ibrahim Sued: “Ademã, que eu vou em frente.”

20 - MEET EL PRESIDENTE

CZ sonhava e sorria. Sábado seria o dia de sua consagração. A grandiosa festa no *club* seria o marco de suas demonstrações de poder supremo. Queria ser cumprimentado pelos torcedores, bajulado pelos dirigentes, procurado pelos garotões tricolores que tanto desejava em Pecadópolis. Queria ser um Coringa de Tim Burton, um Kane de Orson Welles ou até um robertomarinho.

Passara os dias anteriores nas redes antissociais, praguejando contra inimigos, caçando blogueiros comunistas, sonhando com um lutador calvo e maduro a cobrir-lhe o corpo

trêmulo de desejos que não ousam dizer seu nome.

Era – ou acreditava ser – o dono do Tricolor, de fato e de direito. O exemplo a ser seguido. Um homem branco, de bem, contra a corrupção, defensor do Estado Mínimo e da nova ordem tricolor. Um sócio respeitável e influente, um verdadeiro líder.

- SCROOTCHTRRRRRSKOINGGGG!

Um copo espatifado no chão era a diferença entre a fantasia e a realidade. Estava de volta ao mundo real, onde era um merda, um zero à esquerda, um escroque de pequenas malandragens. Despertado, mexeu no smartphone e uma mensagem de whatsapp colocou o

terror no quarto do marido de Esmeralda:

“Seu feladaputa (sic), tá pensano (sic) o que nessa porra? Que pode fazer o que quiser, seu merda? Ficar botano (sic) foto noça (sic) em público? Fique você sabeno (sic 2) que eu sou uma selebridade (sic)o pesidente (sic) de uma poderoza (sic) página na internet; tenho fama, fãs, e poço (sic) fazer com que você seja banido da Terra. Tome vergonha nessa cara, seu pederasta safado duma figa! Eu acabo com a tua fama, sua bixa (sic) velha.”

Pensou em responder de primeira, mas limitou-se a mandar um polegar positivo para encerrar a questão. Em vez de bancar o machão, recuou. Afinal,

fazer papel de *macho man* aí seria demais.

No passado, coisa do começo, havia a explicação: Zanzi já tinha vivido emoções diferentes e pecados gulosos com *El Presidente*. Frequentaram o GGG do Scala pelo menos duas vezes em anos diferentes. E tomaram o famoso “banho da alegria” no *club* ao menos cinco vezes.

A terrível vingança contra o *poderozo* (sic) neotricolor não tardaria. E seria firme. Ninguém pode desafiar o Fred Mercury prateado de Orange City sem sofrer *retalhações* (sic).

21 - TOILETTE DA ALEGRIA

Chiquinho Zanzibar em mais uma de suas aventuras loucas na sede das Orange City, no sábado passado. Era dia de *fest* e a biba-mor não ia deixar passar a oportunidade.

Chegou cedo a Orange City, com cabelo impecavelmente alinhado e sem a proximidade do bofinho, para preservar a relação. Esmeralda, a coitada, marcou aula com o personal trainer e não o acompanhou.

Acompanhou o talk show dos ídolos, fez cara feia para o escritor comunista – mas cochichou que, se fosse liberal e desse mole, ele fazia – e admirou discretamente a boa forma de

Pintinho, o craque tricolor dos anos 70 e 80. Também ficou doido com a voz do Fiúza, capaz de provocar emoções diferentes.

Depois foi ver a tradicional pelada no gramado de Orange City – já pensando como ficaria ali o sonhado shopping center de alguns celenterados -, observando os craques do passado e fazendo scouts em sua cabeça devassa: quem engordou, quem tem ainda pernã, como eram os shortinhos dos uniformes de antigamente. E especulou com funcionários se poderia ter acesso ao vestiário. Um luxo. Sem conseguir seu intento, acompanhou um pouco o jogo para depois dar a clássica passada na sauna. Um lanchinho rápido.

Voltando para Copacabana, resolveu descansar para ter forças para a festa noturna. Ia ter show da Blitz, uma noite para dançar a valer. E bofes por todos os lados. Só que desta vez teria que segurar a onda: Esmeralda também ia ao convescote tricolor. Não teria jeito de ficar com seus *boys* no balcão superior do Salão Nobre: daria muito na pinta. Não se pode vencer todas.

Tomou banho, sonhou com grandes supositórios de carne rija, desistiu e foi relaxar. Ao entrar no quarto, Esmeralda passava pomada Minâncora no pescoço: “Me machuquei com um exercício, amor”. Ah, bom. Com a luz apagada, ela via televisão e ele fingia dormir, enquanto também

sonhava de olhos quase abertos com gatos padrão G Magazine – nada de Vampeta.

Foram para as Orange City por volta de dez da noite. Foi uma entrada triunfal: o conselheiro da viagem com sua estampa de homem branco, de bem, ao lado da respeitável esposa, mostrando a importância do casamento no high society do club, muito longe de sua verdadeira *bitchness*. Logo Chiquinho encontrou colegas e correligionários, sempre de olho nos aspirantes e juvenis. Cada aperto de mão lhe passava uma força estranha, um calor que provocava o verão. Subiu para o balcão, mas detestou o slogan “O Tricolor somos todos nós”, pensando com seus botões efeminados: ” - Que

porra é essa? O Tricolor é meu! Eu é que vou mandar aqui nesse ebó, cacete! Tão pensando que vão botar gentilha no meu terreiro?”

Foi dar uma volta pelas dependências do club, enquanto a patroa conversava com dois atletas da casa. Desceu a escada monumental e resolveu manjar o bar guerreiro à esquerda. Acenou para uma das mesas, com três antigos coleguinhas dos tempos do *abalou bangoo* e de outras peraltices no famoso bar Corujinha, símbolo LGBT da velha Copacabana: Agenor, Roger e Ney, o velho “Trio Malícia Sagaz”. Dois senhores e um bofinho em delicada *conversa a trois*. Deu um sorrisinho: “Queridões, depois me chamem no Whats! Call me!”. Saiu

do centenário prédio e foi tomar ar perto dos bustos imortais de Orange City; afinal, o casal de ébano revigora e rejuvenesce.

Na volta, permitiu a si mesmo um breve momento romântico ao abraçar Esmeralda por trás durante o show da Blitz. Em certo momento, ela deu um sorriso malicioso pensando em certa empolgação do cônjuge, sem perceber que o Macunaíma tricolor estava empolgado era com a citação a Sérgio Moro feita pelo excêntrico cantor Evandro Mesquita. “Você não soube me amar!”. Chiquinho, um pilantra cínico, sorriu. Mona falsa!

O ponto culminante da festa foi quando teve minutos de folga para

praticar seu esporte predileto: uma incansável lavada de mãos no toalete, alternando com idas ao mictório e lá praticando discretos olhares lânguidos para os transeuntes. O bofinho jamais saberia, Esmeralda era uma distraída por natureza. Num súbito, um craque guarani, com a lata cheiaça, passou a desferir palavrões para um dos comunistas tricolores, de avantajado porte físico e sangue espanhol. O clima ficou nojento, com obreiros políticos dando faniquitos. O velho Chico da Alaska não se fez de rogado: manjou o que foi possível para poder se satisfazer sozinho em casa mais tarde.

Ao sair do toalete, não teve dúvidas: ídolo à parte, a Espanha deu uma goleada no Paraguai por 22 a 11.

Brasil-sil-sil! Deu até um beijo de língua em Esmeralda. Não era Natal, mas Chiquinho sentira prazer como se tivesse peru na festa.

Pegou o táxi e, durante a viagem, chifrou o bofinho mandão do club. Sobre o banheiro? O colonizador sempre vence o colonizado.

22 - BANANA NANICA, BANANA GROSSA

Chiquinho Zanzibar acordou com a macaca. Maltratou Marialva, a diarista. Assustou Moreira e Pompom, os mimosos gatos da casa. E não telefonou para Esmeralda, que saíra cedo para ir à academia.

Jogou o robe grená no chão e vestiu a roupa sem trocar de cueca ou tomar banho. Estava possesso. Foi à rua, rumo à Avenida Atlântica. Um leão ferido, tal como o grande hit de Byafra. Ok, na verdade uma leoa.

“Fecho os olhos/ não te quero mais/ dentro do coração”.

O emputecimento da bicha crápula se deu na madrugada anterior. Para piorar, por causa de dois dos seus principais alvos de ódio: os patifes Antonio Gonzalez e Paulo Andel. Para piorar ainda mais, com um comentário do professor Luiz Alberto Couceiro, referência intelecto-social e coautor de um dos livros mais impactantes da defesa institucional do Tricolor: “Esse doutorzinho está pensando o quê? Eu é que tenho o poder! O meu time se resume em AC/DC. Antes de Chiquinho e depois de Chiquinho. Comunistas de merda, bofes que me desprezam, mas não me enganam. Ainda vou fazer os três, nem que tenha que acordar com Maria Padilha. Eu sou a rainha do Tricolor, porra! Eu é que mando nessa merda! Os súditos têm que beijar os

meus pés. Todos os outros já beijaram e lamberam minha virilidade”. Credo.

Resmungando, passou lépido e fagueiro pelo calçadão, sem muito tempo para abafar diante de garotões da praia. Caminhou cerca de meia hora quase bufando, então decidiu voltar para casa. Abriu e bateu a porta com força, enquanto Marialva se escondia no canto da área de serviço. Ligou o notebook e foi notificado na rede antissocial Facebook por meio de seu fake: 500 recados de parabéns para Andel, um detestável escritor. Deu um grito como se estivesse tendo um dente extraído sem anestesia e quase quebrou o computador. Ódio, ódio, ódio. Não podia ver com seu perfil original, porque Andel supostamente bloqueou todos os sócios

do club que pertencem ao famoso grupo das “Marias Saunas a Vapor”. Largou tudo e foi para a sala.

Enfim, um momento de paz. Sacou da estante um velho LP da era de ouro do rádio e colocou na vitrola. Pelo menos nisso, a bicha escroque tem bom gosto: registro de Carmen Mirandola, “Chiquita Bacana”, 1949. E subitamente começou a rodopiar na sala, cantando e fazendo evoluções como se ele mesmo fosse uma Chiquita. Tivesse uma indumentária à altura para a ocasião, seria uma *transformer* capaz de se apresentar nos palcos do Buraco da Lacraia, uma de suas filiais de Pecadópolis. “Chiquita Bacana lá da Martinica/ se veste com a casca de banana nanica”.

Quando mais desmunhecava e rebojava, a festa foi interrompida: Esmeralda chegou e abriu a porta, depois de intensa atividade física. Ela lhe deu um beijo na testa e o maníaco fingiu contentamento: detestava o suor feminino, pior ainda da ex-obesa. Antes de tomar banho, Esmeralda avisou ao marido esquisitão: “Amor, o notebook está tocando com vários recados para você”. E foi para o toalete da alegria.

Chiquinho correu para o quarto, sentou-se levemente roçando o veterano traseiro na almofadinha, como se sentisse calores do sexo, sonhando com recados de amor: um conselheiro discreto, um soldadinho de chumbo da militância ou até mesmo um ex-dirigente com barba de entendido que

lhe desse o famoso “banho da alegria”. Ou de algum companheiro de torcida que lhe apoiasse na tese estapafúrdia de que o Tricolor deveria perder o jogo contra o Ypiranga pela Copa do Brasil, para obter vaga na Copa Sul-Americana. Afinal, o que é entregar um jogo para quem dá tudo o que pode em nome de dinheiro, poder e escrotidão?

Muitas mensagens de alerta no notebook. Num segundo, tudo mudou ao abrir a primeira que viu, na rede antissocial Twitter, advindas do indivíduo conhecido como *Nego Maligno*.

Apesar de seu racismo evidente, os olhos de Chiquinho saltitaram: o perfil era quase uma declaração de amor. Uma imagem máscula, viril, ideal

para o amor que não ousa dizer seu nome. Nem o racismo impediria sua paixão: gamou.

“Oi.”

“Tudo bem, filhão?”

(Brasil-sil-sil)

Enquanto Esmeralda tomava uma demorada ducha, aliviando-se da vigorosa jornada na academia, o pilantra de acaju só tinha olhos para seu novo amigo virtual, que poderia se tornar até um sobrinho ou um afilhado em breve. Esqueceu dos blogueiros comunistas de merda. Esqueceu até do jogo do Tricolor, ainda era cedo. Para que pensar no ódio por laranjas vermelhas tendo em mãos

uma suculenta e vistosa banana africana?

Carmen Mirandola na vitrola deu sorte. A tarde da nossa querida bichona reacionária estava só começando. Se o time ganhar, banana para comemorar. Se perder, banana para esquecer.

23 - HOMENS SEXUAIS

Manhã de sábado, imediações do quiosque Rainbow, a popular “bolsa”, point certo de encontros de bibas e sandalinhas no bustier de Copacabana, com Chiquinho Zanzibar presente para pegar uma cor (mas não muita, de modo a não dar confiança aos que combatem o racismo). E comemorar o fim da era Césio 137 Barrios na antiga investidora do club: “Com ele fora, se eu derrubar o abat-jour posso até sonhar em ser o verdadeiro (sic) presidente. Uhuuuuuuu! Mandarei e desmandarei. *I’M THE QUEEN!*” (céus com cinquenta tons de cinza e, não provoque!, é cor de rosa *shocking*).

Em sua cadeirinha florida de alumínio, Chicona espiava o mar e os homens seminus que desfilavam em seu paraíso de areia. Ao mesmo tempo, lia um jornaleco popular e pensava em ir a Edson Passos, até porque a ferveção da politicagem se intensificou mais do que grosseiramente e, na cabeça do presidente de honra do G.R.E.S. Unidos da Floobabaca, é preciso lançar mão de todos os recursos para se manter no poder, mesmo que isso custe atacar um de seus principais objetos de amor não identificado e evidentemente jamais correspondido: ninguém menos do que o baluarte tricolor Antonio Gonzalez, um blogueiro sujo de esquerda, um comunista lutador que ameaça as pretensões de traquinagem e picardia do nosso *vilão vilã*. Aliás, Gonzalez tem sido

violentamente caluniado por Chiquinho que, não aceitando a rejeição do lutador fortão, mente descaradamente para gerar ódio contra seu amado – e pensa que, se toda a torcida odiar seu símbolo sexual, ele poderá lhe corresponder amorosamente. Sim, sabemos: nosso personagem exótico é um completo idiota em acreditar nessa possibilidade. E Gonzalez não tem culpa de despertar uma tórrida paixão jamais correspondida a um escroque reacionário tricolor. O Tricolor nos fascina pela imperfeição de seus homens, até mesmo quando são *homens sexuais*.

Mas o ódio de Chiquinho também atinge a diversos blogueiros tricolores, não somente os politicamente de

esquerda. É sabido seu ódio sem precedentes pelo escritor Paulo Andel, ainda mais por este produzir poesia em larga escala para leitoras: “Esse gordinho branco me despreza. Ele usa a grande audiência para sabotar a mim e meus beninos, mas não nego que é um senhor bofe! Altão, charmosoooo... Eu faço!”.

Alguém percebe que, curiosamente, os odiados por Chiquinho Zanzibar em seus discursos possuem uma característica comum: todos têm no mínimo um metro e oitenta centímetros de altura, bom porte físico. Nem todos são homens brancos de bem, como prefere – ou diz preferir – a Madame Sauna, mas mexem com seus hormônios confusos em busca da

satisfação da viagem adquirida. A bonecona pira, eis a verdade. E é curioso perceber que toda a escrotidão do caráter de Zanzibar se encolhe quando ele nutre admirações homoeróticas em qualquer ocasião. A Floobabaca fica de lado e aí brota apenas um manjador de primeira, um admirador morde-fronha. Chega a cantar sozinho para seus musos, como se pudesse agarrá-los: “Não me queixo/ eu não soube te amar/ mas não deixo de querer conquistar/ uma coisa qualquer em você!”, Caetano Veloso, “Eclipse Oculto”, 1983.

E sendo o manjar uma arte do nosso pilantrão da sauna, lá estava ele na ponta dos pés espiando um rapaz atlético, de sunga branca, pele

bronzeada, quando este veio em sua direção e pergunta-lhe as horas, olhando o Copacabana Palace com admiração. A tiazona responde de prontidão: “Dez e meia, jovem”. Um sorriso parece oferecer o caminho para as delícias de Pecadópolis, embora um tanto arriscado para Chiquinho por ser perto de casa. Mas afinal, se havia preocupação, por que ele estava no point oficial dos entendidos na praia de Copacabana? É um escroque contraditório por excelência. O papinho:

“Qual o seu nome, benino?”

“Anderson, e o do senhor?”

Mentindo descaradamente para ocultar a identidade, temendo

picaretagens num eventual “Boa noite Cinderela”, Francisco Pinóquio sentenciava:

“Muito prazer. Meu nome é Benito, mas pode me chamar de Lelê.”

“O senhor gosta de futebol?”

“Benino, eu a-do-go! Eu tenho muita influência no meu *club*, sou um sócio respeitável, mando na política que tornou o meu time o maior de todos os tempos. Faço tudo por paixão. Dizem até que a história do club se divide em AL/DL, antes de Lelê e depois. Se deixar, fico o dia inteiro falando disso, embora possamos ter assuntos mais gostosos” (risada afrescalhada)

“Também gosto muito do Tricolor, sou tricolor e meu padrinho também. Moro com ele na esquina de Atlântica com Hilário de Gouveia. Eu vim da Bahia, vixe?”

“Nosssssaaaaa, it’s wonderful!” (padrinho, hum, a senha estava dada...). E o falso Lelê continua, várias histórias depois:

“Fred era o maior ídolo de todos os tempos, mas ele me decepcionou e deixou de ser. Também, ídolo para quê? Temos CT, teremos estádio e o melhor time de todos os tempos. Eu SOU o Tricolor, modéstia à parte. Vai por mim: eu sou o príncipe da sauna”.

“O senhor trabalha, Seu Lelê?”

“Hã? Hum, bom... isso é uma longa história. Já percebi à primeira vista que seremos grandes companheiros. Conversaremos sobre isso. Anderson, eu queria ir ao jogo amanhã e estou sem companhia. Você gostaria de ir comigo a Edson Passos? É meu convidado: banco tudo!”

“Bom, preciso conversar com meu padrinho antes e pedir-lhe a bênção, mas acho que não terá problema. Ele provavelmente vai querer um agrado por eu deixá-lo sozinho, um mimo, sabe como é Seu Lelê?”

“Hummmmmmmmmmmmmmmmmmmmm,
entendi, claro. Eu providencio isso. Sou um mestre dos agrados”.

Conversa, conversa, conversa. E falaram a valer dos jogadores do Flu, dos dirigentes – Chiquinho é absolutamente louco pelo presidente do club, um *gallant* para ele! – de grandes jogos e até de tristezas. Nossa bichona reaçã quase revirava os olhinhos na conversa praiana até que resolveu partir de vez rumo à chance de pegação, mudando totalmente o foco e radicalizando, bem ao seu estilo:

“Posso te recitar um poema, Anderson? É de Allen Ginsberg, o grande poeta da Geração Beat, que libertou milhões de jovens da caretice.”

“Claro, seu Lelê. Eu gosto muito de poesia. Manda ver com vontade.”

(O garotão dando molinho, já pensando no cachê pago pela biba, naturalmente)

“É forte, tá? Poderoso.”

“Vem que eu encaro, não se avexe!”

Sacando um *pocket book* esperto da mochila rosada, o velho safado finalmente tentaria uma aproximação máxima com seu símbolo sexual súbito, por meio de uma cantada enrustida em forma de poesia. Ronroneou, pigarreou nervoso e mandou ver em voz baixa o mais radical poema gay da história do Ocidenteeeeeee, “Por favor meu amo”, de Allen Ginsberg, um dos próceres da *beat generation*:

*por favor meu amo deixa eu tocar teu
rosto*

*por favor meu amo deixa eu me ajoelhar
a teus pés*

*por favor meu amo deixa eu baixar tua
calça azul*

*por favor meu amo deixa eu contemplar o
teu ventre de dourados pêlos*

*por favor meu amo deixa eu tirar tua
cueca devagarinho*

*por favor meu amo deixa eu desnudar
tuas coxas para meus olhos*

*por favor meu amo deixa eu tirar minha
roupa sob a tua cadeira*

*por favor meu amo deixa eu beijar teus
tornozelos tua alma*

*por favor meu amo deixa eu colar meus
lábios na tua coxa dura lisa musculosa*

*por favor meu amo deixa eu grudar o
ouvido no teu estômago*

*por favor meu amo deixa eu abraçar tua
bunda branca*

*por favor meu amo deixa eu lamber tua
virilha de pêlos louros e macios*

*por favor meu amo deixa eu tocar com a
língua teu cu rosado*

*por favor meu amo deixa eu esfregar o
rosto no teu saco*

*por favor meu amo, por favor, olha nos
meus olhos,*

*por favor meu amo me manda deitar no
chão,*

*por favor meu amo manda eu lamber tua
pica grossa*

*por favor meu amo põe tuas mãos
ásperas no meu crânio careca cabeludo*

*por favor meu amo aperta a minha boca
contra o coração do teu pau*

*por favor meu amo aperta o meu rosto
contra o teu ventre, me puxa*

lentamente com teus polegares fortes

*até tua dureza muda chegar à minha
garganta*

*até eu engolir e sentir o gosto do teu pau-
tronco cheia de veias de carne quente
delicada por favor*

*meu amo empurra meus ombros me olha
bem nos olhos e me faz debruçar sobre a
mesa*

*por favor meu amo agarra minhas coxas
e levanta minha bunda até a tua cintura*

*por favor meu amo tua mão áspera no
meu pescoço palma da outra mão na
minha bunda*

*por favor meu amo me levanta, meus pés
apoiados em cadeiras, até meu cu sentir*

*o hálito do teu cuspe e teu polegar
girando*

*por favor meu amo manda eu dizer Por
Favor Meu Amo Me Fode agora Por Favor*

*meu amo lubrifica meu saco e boca
peluda com doces vaselinas*

*por favor meu amo unta teu caralho com
cremes brancos*

*por favor meu amo encosta a ponta do
teu pau nas pregas do buraco do meu eu*

*por favor meu amo enfia devagar, teus
cotovelos envolvendo o meu peito*

*teus braços alisando o meu ventre, teus
dedos tocam no meu pênis*

*por favor meu amo mete em mim um
pouco, mais um pouco, mais um pouco*

*por favor meu amo enfia esse troço no
meu cu bem fundo*

*e por favor meu amo meu faz rebolar
para entrar a pica-tronco até o fim*

*até minhas nádegas aninharem tuas
coxas, minhas costas arqueadas,*

*até eu ficar só solto no ar, tua espada
enfiada latejando dentro de mim*

*por favor meu amo tira um pouco e
lentamente esfrega em mim*

*por favor meu amo enterra fundo outra
vez, e tira fora até a cabeça*

*por favor por favor meu amo me fode
outra vez com o teu ser, me fode Por
Favor*

*meu amo enfia até machucar o meu
macio o macio*

*por favor meu amo faz amor com meu cu,
dá corpo ao centro e me fode direitinho
como uma garota*

*me abraça com carinho por favor meu
amo eu me entrego a vós*

*e enterra no meu ventre o mesmo doce
lenho quente*

*que dedilhaste em tua solidão em Denver
ou no Brooklin ou fodeste uma donzela
num estacionamento em Paris*

*por favor meu amo entra em mim com teu
veículo, corpo de gotas de amor, suor de
foda corpo de ternura, me fode assim de
quatro mais depressa*

*por favor meu amo me faz gemer sobre
essa mesa*

*gemer ó meu amo por favor me fode
assim*

*nesse teu ritmo de roça-enfia e tira-e-roça
e enterra até o fim*

*até meu cu ficar mole cachorro sobre
mesa ganindo de terror prazer de ser
amado*

*por favor meu amo me chama de
cachorro, arrombando, me esculhamba*

*e fode mais violento, meus olhos
escondidos por tuas mãos que agarram
meu crânio*

*e enterra fundo com força brutal
arrebentando a macieza úmida de peixe*

*e pulsa cinco segundos esguichando
sêmen quente*

*e mais e mais, enfiando fundo enquanto
eu grito o teu nome ah eu te amo*

Impactado pela descomunal força homoerótica do poema de Ginsberg, o garotão baiano ficou com os olhos arregalados e quase sem fala, enquanto Chiquinho passava a língua languidamente nos lábios e misturava todas as suas paixões enrustidas em

sua mente sexista. Então o garotão respirou e respondeu:

“NOOOOSSSSSSSA!”

“Você achou o poema forte, Anderson?”

“Bom, achei, mas... foi gostoso. Olhe, estou com fome, acho que vou almoçar. O senhor gostaria de ir comigo?”

“É claro que sim. Já é, filhão! Vamos aos acepipes.”

Uma troca de sorrisos quase sinceros passava a selar o florescer de uma linda amizade entre o cangaceiro tricolor e um filhão baiano das nossas

três cores, com a bênção do Rainbow e direito à performance de Maria Bonita. Os embalos de sábado à noite certamente iriam até a manhã na Baixada, porque nem o racismo do nosso personagem hipócrita vence sua obsessão pelo amor que não ousa dizer seu nome. O problema, claro, é Esmeralda. Mas nada impediria a linda amizade de dois homens sexuais no apogeu de suas vontades, nascida na bolsa da praia de Copacabana.

Que venha a vitória em Edsannnnnnnnnnnnnnnnnn com gols dentro e fora das quatro linhas. Enquanto isso, a campanha de Chiquinho come (e dá) solta.

23 - CONFISSÕES, LADOS B E PERVERSÃO

A MÃO FLÁCIDA

Sr. X, 48 anos, hetero, sócio

“Conheci pessoalmente Francisco da Zanzibar há cerca de um mês num sábado de manhã. Chegando ao club, logo depois da portaria social, caminhei em direção ao Fidelix quando fui abordado por ele, ao lado de um rapaz efeminado que, conforme foi dito depois, era seu sobrinho. Francisco estava panfletando para um candidato do club e falou de mil maravilhas de acordo com sua opinião particular: queria a ordem e progresso do Tricolor, um completo choque de ordem, o fim do comunismo

tricolor (que diabos era isso?) e, segundo suas palavras, uma nova era nas Orange City com base na valorização da família e do papel do homem de bem. Achei aquilo um tanto estranho, sem entender porque ele tinha de falar o tempo todo com a mão em meu ombro direito. Na verdade, parecia o papo de um fascista do caralho. Seu sobrinho parecia desapontado, até enciumado – a todo momento se abaixava para ajeitar a meia soquete e ajeitar a bermudinha quase infantil.

Zanzibar é um sujeito estranho. Sua voz grossa às vezes desafina, ele desmunheca o tempo inteiro enquanto ajeita o cabelo acaju, parece um tanto desinteressado com a fala do interlocutor e regularmente põe a mão

na parte de trás da calça, como se estivesse ajeitando ou puxando uma calcinha do biquíni do próprio bumbum na praia. E fala aproximando a cabeça de você como se quisesse se insinuar para o interlocutor o tempo inteiro. Reconheço seu pleno direito à vida homoafetiva, mas que a exerça com seus pares. Sem contar seu tom prepotente, professoral, como se estivesse diante de completos ignorantes quando expõe um ponto de vista.

Dizem que é uma figura influente dos bastidores e que usa o próprio corpo para revelar joias da base. E que tem laços de amizade com outros próceres da casa. Relatos dão conta de que gosta de louvar ditaduras, militarismo, golpes

de Estado e outras aberrações da política.

Agora, de tudo, tudo mesmo que já vi e ouvi deste sujeito, o que mais me chamou a atenção foi seu aperto de mão. Ela é flácida, frouxa, pastosa, parece em decomposição. É até difícil de explicar. Seu cumprimento é a melhor definição da palavra “pusilânime”.

SAUNA FLOO

Benino Souza, 27, atleta, hetero, sócio

“No começo do ano, eu estava lanchando um sanduichinho de linguiça no Bar do Pênis, quando um homem de cabelo acaju perguntou se podia se sentar ao meu lado, pedindo ajuda para que eu

lhe mostrasse como filmar em seu próprio smartphone. Imediatamente me assustei ao ver que havia em seu álbum virtual várias fotos de travestis nus em processo de ereção. Já me preparava para lhe dar um esporro sinistro quando ele imediatamente me pediu desculpas, dizendo que aquilo era alguma brincadeira feia por seu afilhado. Relevei.

Era Francisco da Zanzibar. Ele me convidou para conversar sobre o time, e me perguntou se eu teria interesse em participar de um grupo de estudos que se reunia semanalmente no club para debater o club. Disse-lhe que talvez pudesse ir em alguma ocasião, perguntando onde eram os encontros

para os debates. Ele pediu meu telefone de contato, passei e me despedi.

Dias depois, Zanzibar me respondeu no Whatsapp. Para minha surpresa, ou melhor, estranheza, ele me disse que os eventos periódicos aconteciam na sauna. Agradei, mas dispensei o convite.

Mais dias depois, de forma inacreditável, fui adicionado a um grupo chamado “Sauna Flu”, onde todos os integrantes atendiam por codinomes efeminados. Pulei fora e bloqueei. Deve ter sido aquele coroa filho da puta quem fez isso. Deixa ele aparecer de novo no Bar do Pênis pra sentir o sabor da linguiça.”

VELHO BICHA

Carlos Clay, 27, boxeur, tico-tico no fubá

“Esse cara é um dos maiores filhos da puta que já vi. Sempre se pendurou no club. Vivia azarando jovens jogadores, tomava banho com eles, dava calote no Bar dos Guerreiros, peidava mal a rodo dentro da Flubutik, tinha a péssima mania de alisar os rostos dos funcionários. Eu odiava quando, ao chegar na portaria, o via no Senadinho: bastava eu me dirigir a caminho da piscina e esse boiola ficava fazendo fiu-fiu. Um velho bicha asqueroso que fica assediando todo mundo, rabo de fogo do caralho.”

MISÓGINO

D., 28, ex-funcionária, hetero

“Esse homem é detestável. Grosseiro, ignorante, fala gritando com as pessoas e mistura aquele perfume barato com um fedor que parece até de cocô, insuportável.

Várias vezes o vi dando ataques comigo e outras funcionárias. Uma vez chamou uma colega nossa de “negrinha atrevida”. Ele é racista, não tenho dúvidas, mas o racismo dele parece que é só com mulheres. Nunca o vi dar qualquer alteração com funcionários HOMENS, apenas com as garotas.

Eu preciso trabalhar, mas foi um alívio sair do Tricolor para nunca mais ter que ver esse vovô porco e mal educado.”

GRANDE TRICOLOR

Agnaldo Happybath, 40, adeogado, nem assumido, nem desassumido, apenas Agnaldo

“Chiquinho Zanzibar é um dos maiores tricolores de todos os tempos. Conhece os bastidores, as internas e os segredos das Orange City. É um orgulho tê-lo em meu rol de amigos e, se um dia eu for o presidente do club, Zan Zan terá um lugar de destaque no carro alegórico da gestão. Aliás, se ele quiser, pode ser o carnavalesco, porque tem um talento

enorme. Andam dizendo que ele recebe remuneração do club para alguns negócios, mas são calúnias: ele é um homem de grupo, de elenco, conhece os caminhos e é uma grande influência para mim.”

ORDEM E PROGRESSO

Garrastazu Hitler, 69, militar, feliz

“Francisco da Zanzibar representa a autoridade, a disciplina, o rigor que o Tricolor precisa no dia a dia. É um veterano do club, tem experiência em gestão, é rodado no futebol e sabe a hora de falar grosso e falar fino. É um patriota, um homem de bem, um tricolor apaixonado e já deveria ter ganhado um

busto no club pelo conjunto de sua obra.”

LIFESTYLE

André Biron, 33, jornalista, sócio, hetero

“Chiquinho Zanzibar não é uma pessoa, mas um estilo de vida.”

24 - O HOMEM DA MALA DE HAPPYBATH + O CASO KH

Numa semana de intensa movimentação política no club, Chiquinho Zanzibar viu seu iPhone rosáceo pipocar o tempo inteiro com mensagens, mensagens, mensagens, áudios e propostas para que cativasse conselheiros a aprovarem el orçamento.

Naturalmente, os contatos mais frequentes foram feitos pelo Dr. J.C.C. Oliveira, cuja sigla esconde muita coisa. A princípio, o velho safado achou que se tratava de um trote, tendo em vista o esquisito nome do cidadão, mas o interlocutor imediatamente mandou a foto de um boleto em seu nome e desfez o mal entendido.

A seguir, Juça explicou que era um representante de ninguém menos do que Agaynaldo Happybath, o mais preocupado de todos com as contas, dizendo que Chiquinho deveria entender o momento. Só que Chiquinho Zanzibar é tricolor pra caralho, como diria o lutador careca, e não admite gente que faz merda e não assume, conforme sua ética peculiar:

– Fala para a boneca Falcon que eu não negocio com vagabundo da Baixada. Quando ele for de Copacabana, by Résidence Chopin, aí poderemos ter uma conversa. Detesto suburbano cafona metido a grã-fino. Ô, cidadão, tu não pensou em trocar esse seu nome não? Veja bem, você está telefonando para um nobre, um herdeiro de

Zanzibar y Zanzibar, tá pensando o que nessa porra?

– Seu Chiquinho, me desculpe. Eu não fiz por mal, apenas cumpri ordens para lhe procurar. Eu só faço o contato e levo a mala, se preciso for.

– Ok. Vamos combinar uma coisa: não lhe interessa como eu vou conseguir os votos, assim como não me interessa saber de onde vem essa grana. Combine com Agaynaldo no restaurante Gayviotas. Um homem meu estará de prontidão observando o ambiente. Quando ele te der um sinal mágico, você pega a mala, sai varado e venha me trazer na avenida Gomes Freire. Estarei no hotel Oh Tel, o número do prédio é 2424.

– Ih, Seu Chico, posso anotar esse número para fazer uma fezinha do jogo do bicho?

– Meodeuxxxx, que POBREZA!

Juça viajou para o Rio no dia seguinte, acertou o esquema e foi para o Gaivotas afim de se encontrar com Agaynaldo. É certo que Chiquinho daria um golpe de mestre, pois não tinha nenhum voto de coisa alguma para vender e corromper. Se embolsasse a grana, Happybath teria que engolir a seco. O que diria: que foi passado para trás porque tentou subornar alguém?

O restaurante bombando e o homem de Chiquinho Zanzibar chega à mesa onde estão AH, Juça e diversos

correligionários do bastião da moral tricolor, cerca de dez opositores do poder. Apenas para pontuar, todos eram homossexuais ali, o que sentido porque o Gayviotas é um estabelecimento para entendidos em geral. O estafeta apenas diz “O caminho está livre”. Imediatamente, Juça se levanta e, serelepe, dispara rumo à saída do restaurante com uma mala pesada, quase inarrastável. Em segundos, ele está num carro e dispara rumo ao Oh Tel para encontrar com Zanzi. Mas o que nem Juça, nem Happybath nem a sua Scuderie Le Bofe anticorrupção sabia era que, claro, o velho safado estava gravando tudo do lado de fora do Gayviotas: colocou dois bofes maravilhosos num carro filmando as cenas, ambos indicados por Mister

Filhão, um mestre na arte de bisbilhotar. Experiente, Chiquinho é um FDP clássico: acertou um suborno para embolsar dinheiro, não ia gastar um tostão com nenhum subornável, aplicaria uma tremenda volta em Happybath e, se este tentasse dizer qualquer coisa, seria fuzilado com a divulgação de um vídeo com seu homem da mala em ação.

Ao chegar no Oh Tel, o solícito Juça encontrou Chiquinho numa suíte com duas garotas de programa, muito bonitas, chamadas Sharon e Kelly. A fase do velhote pilantra mudara de vez. O homem da mala elogiou as garotas, entregou a encomenda e Chiquinho mandou uma letra, certamente usando o emissário como garoto de recados:

– Seu Jota, aqui é 100% macheza, é bucetão bem melado na boca, meu bem. Não é aquela boiolice da turminha que gosta de saltinho, nadinho, cordinha, aquele pessoal esquisito que ronda o teu patrão. Todos eles têm passado e presente mesmo casados: tem muita gente ali com duas mil horas de sauna turca. Posam de vovôs no parquinho e na piscina infantil, mas adoram um trepa trepa com pega varetas na baitolagem maçônica, que eu sei. Vão se fuder: eu sou é Futibó Club, tá me entendeno (sic)? Quem escolhe essa viadagem de esporte olímpico é porque nunca soube jogar bola. Quem estiver insatisfeito, vai pro primeiro club de regatas da esquina, e no RJ tem as duas coisas de sobra. Remo é coisa de veado enrustido, que segura em um

pedaço de pau todo dia. Se eu fosse você, deixava esses cuzões de lado e vinha de vez para o Rio, trabalhando diretamente comigo. Posso te abrir vários caminhos irresistíveis, assim como te blindar em caso de emergência, o que essa turminha jamais fará.

O recado era evidente: os espártacos do club estavam acostumados a fazer chantagens com Happybath e poderiam fechar um acordão. Mas Chiquinho Zanzibar não é Zanzibar à toa e fulmina Juça com uma proposta para Happybath: se este ficasse livre da Saramandaia financeira que fez, jamais poderia ser novamente candidato à presidência do club, e também teria que passar a escritura de seu portentoso escritório de

administración de carreras para o nome de Chico.

Durante a conversa, Chiquinho recebe uma mensagem de desculpas do blogman Mister Perdão, o sócio de Rice Powder, um militante de Happybath. Um homem sem interesses, que tem o adesivo no carro “é bom ser do bem”, que odeia dissimulação, sempre em busca de justiça. De fala firme, apaixonada e contundente. Que põe a mão no fogo por AH, tal como o diabólico ex-senador ACM fez com o ex-senador Arruda no escândalo do painel de votação do Senado Federal. MP teve desentendimentos com Chiquinho, mas ao mesmo tempo resolveu pedir desculpas numa nova fase de sua vida. Já o tinha feito com o artilheiro Golden

9, depois de tê-lo empalado em público. Paz, amor e perdão, em nome de Deus contra a corrupção. O velho Chico olha o texto e responde com um emoticon de beijinho, mas ao mesmo tempo grita para todos: “Falso feladaputa do caralho solto!”. A seguir, manda um áudio:

– Meu querido amigo, verdadeiro cavaleiro da ética e moral do club: recebo com muita alegria este texto e o aceito de coração. Mas em troca eu te peço um favor: será que você tem como interceder a meu favor para que nos intervalos dos jogos do Maracanã aconteçam leituras de trechos do meu livro, quero dizer, do livro que a jornalista Alva Benigno está fazendo sobre mim? Tem cada história, bafão, é bem polêmico, acho que o pessoal vai

gostar. Você tem influência, pode me ajudar muito. Agora, não é pra ajudar que nem na campanha desse molambo Happybath, porque de derrotado já basta ele. KKKKKKKKKKKK!

A risada caótica do velho calhorda ecoa na suíte e, a seguir, nova explosão de alegria no Whatsapp de Chiquinho: chega o vídeo gravado de Juça correndo com a mala, e é claro que o trouxa do boneco de Happybath nem percebe o que aconteceu. Num súbito, o danadinho office boy de Happybath está ocupadaço, beijando um dos seios de Sharon, uma bela mulata de 1,60 metro. Kelly, morena apetitosa e redondinha, está sorridente para Chiquinho. Os dois casais se encaminham para a confortável cama, sugerindo que a

sacanagem rolaria solta. O clima começa a ficar quente, mas Juça puxa Chiquinho e lhe fala ao ouvido:

– O senhor me desculpe, mas é que eu conversei outro dia com aquele blogayro, o Barbitchinhah Blaset. Eu tive que fazer uma entrega, o senhor sabe como é. Aí ele me contou uma coisa horrível. Seu Chiquinho, o senhor não vai KH na minha boca, né?

– Quer saber duma coisa? Vira pra cá duma vez, pra você sentir o que é ser macho de verdade nessa porra! Colega, do KH pro KY é um PULOoooooooooooo!

E uma estranha sentença desconexa:

– Eu quero o jagunção dos jagunções só pra mim! Comigo é na decisão: eu pego gostoso e faço. Ficar de nhé nhé na internet é coisa de velha e viado virgem que não vivencia seu tesão.

As duas duplas explodem em risos de putaria – Sharon e Kelly se contorciam -, enquanto o eufórico Zanzibar começa a cantar com sua voz inigualavelmente fina, desafinada e, por isso mesmo, marcante e imponente, tudo isso enquanto pratica o velho hábito – ou melhor, vício – de enfiar a mão na própria bunda por dentro da cueca e ajeitá-la:

– Vamos beberrrrrrrrr cerveja, chupar bucetaaaaaaaaaaaaaa e torcer pro Tricolooooooooooooooooooooooooor!

25 – O JATO QUENTE DO K. PACETT

I

No telefone, uma frase definitiva que Chiquinho Zanzibar disse pra Alva Benigno: “Estádio é o caralho! Só faço lobby pra essa porra sair se reformar a sauna!”

“O nome da sauna tem que ser Dr. Agaynaldo Happybath.”

“Na entrada, um painel em branco, com a legenda: uma homenagem às conquistas deste grande prócer das Orange City, à frente do comando do futebol tricolor.”

II

Dr. Rice Powder, um blogayro babovo VASELINA DO CARALHO, telefona para Chiquinho Zanzibar, uma vez que não está entendendo o piti histórico de Happybath. O nobre adevogado explica que Happybath está morrendo de saudades da cagada de tomou na cara, e do cheiro do cu de Chiquinho. ARGH!

Happybath usa como isca para uma nova noite de sexo escatológico as redes sociais e o xingamento covarde à honra do Lutador Careca. Sua risada lhe deixa arrepiado e de cu duro de tesão. A próstata parece uma pedra, a ponto dele gritar “Onde estão as tricolindas? Legenda na foto errada?”

III

Lorelaine é uma veterana GP, geralmente contratada por Agaynaldo para lhe oferecer prazer prostático, no entanto sem conseguir grandes performances nos últimos encontros. A sua fiel personal massagista não mais o satisfaz, ainda que tenha uma propaganda instigante:

“Dói em mim saber que a solidão insiste e existe em teu coração. Para os que não são fracos de alma e chupam tudo o que deve ser chupado, sem hipocrisia, disque 22 9754-14YZ e aproveite todos os encantadores momentos. Venha ser feliz neste sábado à noite”.

Lorelaine, a veterana Loirah Belzebussa, mesmo com toda sua experiência e seios fartos, moles no padrão panqueca passed away, não sabe mais o que fazer para dar prazer a Agaynaldo. Sua língua estava cheia de feridas e aftas, mas não fazia o leite de AH jorrar. Em transe, ele pedia o corpo de Chiquinho Zanzibar, a sauna da alegria, a risada do Careca. Os inimigos lhe davam o mais absoluto tesão.

A mensagem subliminar de sua baixaria contra o Careca Lutador não havia sido captada. Estava com os lábios feridos, porque escreveu mordendo com dentes de tesão. Babava no teclado. Na verdade, queria que ele e Chiquinho Zanzibar rebaixassem as suas calças, fazendo dele um homem

total, que quer muito aprender a engravidar, numa espécie de Wakigawa relâmpago da putaria.

AH sentia ciúmes dos jogadores que estiveram, por alguns poucos jogos, sob o seu comando, dividindo hotéis, concentração e, claro, vestiários com o Toureiro da Espada Gostosa. O coqueirinho não era mais suficiente, esmagando a minhoca mole de Happybath, como se fosse um misto quente de salsicha coquetel.

IV

Vingativo e serelepe como ele só, Chiquinho Zanzibar fez uma dieta especial, desta vez, para saciar Happybath. Ao invés da sopa de merda,

mandaria um kibe, fazendo com que seu próprio ânus fosse uma generosa máquina de churros. Chico consultou um nutricionista só para isso, uma pessoa em quem Happybath também havia passado a perna, como escroque que é.

O destemido machão pediu um favor ao seu novo aliado, o Sr. K. Pacett, homem de pragmatismo admirável, rico, coroa, experiente, e que odiava o inescrupuloso AH, tendo esculachado com sua reputação publicamente, sem jamais sofrer qualquer notificação jurídica.

K. Pacett deveria chamar Happybath, sempre ávido por poder e fama, o verdadeiro Pavão Misterioso,

para um acerto sobre o novo estádio tricolor. Haveria uma grande negociação de percentuais por cada tijolo, cada folha de grama, cada pedacinho de papel higiênico. Uma nota preta.

Happybath foi informado de que o encontro seria num dos possantes jatos da frota de K. Pacett. Love's in the air! Uísque, escargot e dinheiro de trambique às custas da torcida. Não havia coisa mais excitante para Agaynaldo. A situação foi montada por Chiquinho, cobrando favores eróticos de K. Pacett a posteriori. E Notório, um fidel escudeiro de Happybath, também deveria estar presente, para não despertar ciúmes na reunião do cambalacho.

O Psicólogo de Niterói seria peça chave. Todos estariam presentes, até mesmo a Loira Belzebu de Farmácia Popular e sua parceira Magali Patalógika. Jovens cracudos com HIV foram pegos a dedo das redondezas da favela do Jacarezinho, sendo devidamente banhados para uma roleta russa erótica, onde era proibido o uso de preservativos de quaisquer espécie. Sexo é risco e loucuraaaaaa.

Dia e hora marcados no hangar do aeroporto de Jacarepaguá. Todos a bordo do K. Pacett Boeing.

V

Comes e bebes liberados, heroínas a todo vapor, seringas espalhadas. Luxo, luxúria e esplendor.

Ao sobrevoar a Baía de Guanabara, finalmente sai da cabine do piloto o personagem chave. Vestido de Galeão Cumbica, o eterno personagem da Escolinha do Professor Raimundo, Chiquinho Zanzibar afronta a todos, completamente drogados, meio nus, com sua risada caótica e delirante. Em seguida, a decadente Madame Sascha sai da mesma cabine, vestida de copiloto, deixando vivas todas as suas tatuagens e saliências de celulite.

“Eu, sempre eu, sou quem direciono o avião do club, seu bando de filhasdasputa de merda. Seus otários emergentes deslumbrados de merda! Fico de pau duro vendo a decadência de vocês.”

Neste momento, Sascha pede para Chiquinho Zanzibar colocá-la em decúbito dorsal e lhe fazer gozar. Sem pestanejar, Chiquinho entra em ação, e os dois gozam rápido, sob os olhares da plateia de fracassados, atônita. Sascha pede: “Chico, aproveita o tesão do Happybath, que tá de pau bem duro, e caga na boca dele!”

O serviço de bordo chega com a voz cavernosa do Lutador Careca: “Atenção senhores passageiros, chegou

a hora do lanche especial: Kibe à la Chiquinho Zanzibar.”

O fedorento bracinho de merda vai saindo do meio das nádegas de Chiquinho, e cai direto na boca de Happybath. Seu coração cheio de heroína e uísque explode o tesão sem precedentes. Ao fundo, a risada perturbadora do Careca completa o gozo final, enquanto o inevitável fedor toma o corredor do avião. Alguns gritam, outros vomitam, outros fazem transa a três, um velho virgem finge dormir e não ver nada. Uma velha safada masturba seu cachorro de estimação. Meia hora de putaria no ar.

Já no hangar, de volta da viagem da luxúria, em todos os sentidos, os

convivas procuram se recompor. Happybath não vê sinal algum do casal que mais uma vez lhe sodomizou : mal se lembra do que fez, deixando entender que é muito menos malandro do que finge ser. Sente uma espécie de iogurte quente nas nádegas, quando tenta colocar a cueca.

Num misto de vergonha, tesão e frustração, vê como seu corpo acabou depois da provocação nas redes sociais. A senha era essa, sempre que quisesse chamar o cocô de Chiquinho Zanzibar pra sua boca nervosa. Escrever e falar merda era a sua disposição para gozar um gozo não autorizado, mas possível na penumbra do sexo que não ousa sair do lado escuro da lua.

VI

O enfurecido Chiquinho numa mensagem aos berros no Whatsapp: “Quem foi o feladaputa que pegou minha mala no avião com 500 mil dólares? Se não devolverem, vou mandar arrepiar. Tão pensando o que, seus filaputa do caralho? Aqui é em nome de Deus, contra o comunismo e a corrupção. Fora, PT, vão tomar no rabo!”.

26 – METE, FLOO

Onze e meia da noite, Esmeralda no sono depois de um sexo intenso, o velho Chico da Zanzi em sua nova e inesperada fase, vendo filme de sexplícito na TV, batendo papo com garotinha no Whatsapp e gozando a vida. Mas nem tudo muda sempre e, por isso, lá vem mensagem no smartphone:

– Oi, Zan, tudo bom? Tá sumida, mona. Tou sentindo tua falta. Seguinte: queria conversar com você sobre o Agenor Barbixota, aquele boy da revista de fofocas fechada com o Agui. Tive acesso a alguns áudios dele e de seus comparsa\$. Não sei se você ficou sabendo, mas estão com raivinha do blogueiro comunista tricolor, caldeirão

de emoções e, mesmo sabendo das tuas opções políticas que tanto admiro, como se trata de um bofão maravilhoso eu acho que deveria te participar disso. E queria saber também sobre o lutador careca. Como estão as coisas?

– Pra começar, mona é minha pica dura na tua orelha, Filhete. Mona é o caralho. Já te falei pra parar com essas porras. Eu mudei, cacete, tenho uma nova vida, um novo estilo e é claro que você não ia me encontrar. Seguinte: fiquei sabendo do comuna sim, de quem discordo politicamente, mas é um homem de fina estampa que merece meu respeito. Deixa essas bonecas barbadas escreverem o que quiserem, elas morrem sozinhas afogadas na própria purpurina. Não tenho visto o

lutador, mas sei que ele está no blog dos comunistas também, anda levando cantadas, é também um homem de respeito. Já tivemos nossas diferenças, mas hoje sabemos respeitar nossos espaços. Pretendo em breve chamar ele para tomar um drink e conversarmos numa boa , em nome de Deus, da pátria e contra a corrupção.

– Olhaaaaaaaaaa! Kkkkkkkkkkkk.

– Ô, débil mental, vá tirar teia de aranha da buceta da tua bisavó. Eu quero conversar com o lutador numa boa, no respeito, na paz. Se você está pensando em pederastia, que a guarde para si e faça bom proveito. E vê se para com essa porra de kkkkkkkkkkkk que isso é coisa de retardado, embora você seja

mesmo. Vá arrumar uma mulher ou homem porque tá tarde. Esta semana conversamos. Abraço.

– Tá bom, brutão. E tira o olho do meu caldeirão. Rárárárá.

A GUERRA DA BARBIXOTA

Agenor Barbixota edita uma revista de fofocas tricolores e é blogayro nas horas vagas. Ávido por poder e prazer, justiceiro do tititi no melhor estilo Batman anos 1960, encontrou no blogueiro comunista do caldeirão um grande inimigo no discurso político do club, mas no fundo, no fundo mesmo in too deep, deepeche mode, a grande questão é que o pretenso malandro da cara peludinha é fechamento

fechadérrimo do tipo come-na-mão-e-muito-mais-muitas-coisas de Agaynaldo Happybath, o grande – e esquisitíssimo – desafeto major de Chiquinho Zanzibar e eterno candidato a Queen Elizabeth de Orange City. Por sua vez, AG nutre verdadeiro ódio pelo blogueiro comunista do caldeirão na terra em que, se plantando, laranja dá. AG já está em plena campanha subterrânea para 2022, que ainda só não decolou porque depende de um componente essencial: o time do Flu ir mal pacarai. Tudo parecia “correr bem” com a perda do título carioca e a derrota para os Beatles di Montevideo, mas a vitória sobre o Santos deixou os profetas do caos um tanto broxinhas. Aí o Grêmio venceu e a curriola já comemorou. De toda forma, o plêier político já tem lançado slogans

nas internas, tais como “Democracia já: sauna para todos”, “Nem vem que não tem: meu craque é Frankenstein”, “Meu blogayro é o terrô (sic)”, “Meu camisa 9 faz sobancelha sim”, “Analflubetos com orgulio (sic)”, “Por um mundo com mais CNPJs” e a clássica “Não sou não! Nãoooooooooo!”. Estranhão, mas nem tanto.

Barbixota também tem uma questão pessoal: não engole (embora não tenha cuspidido) o fato de ter sido temporariamente impedido de fazer seu programa de fofocas em Orange Center City por certo tempo, sob a acusação de ser chiliquenta, torcer descaradamente contra o Flu e promover o ódio entre tricolores – o que os homofóbicos chamam como “coisa de veado”. Chegou

a ser defendido inclusive pelos malditos comunistas tricolores, mas, como boa bisca que não é, ao ver que os vermelhotes malditos de merda não encampariam seu candidato-o-o-ó ao pleito do club (sem deixar a blunda de lado), pulou fora e mostrou todo seu rancor por não colocar a boquinha onde mais desejava. Uma de suas frases ficou famosa: “Só fico em grupos do Tricolor por trabalho\$, like\$, projeto\$ e programa\$”. No entanto, teve uma crise de pelancas pelanquérrimas quando um interlocutor replicou: “Você faz duas horas por 100 reais?”. Na verdade anda preocupado mesmo é com a queda de audiência que vem tendo em seu stand up gossip show, de tanto surrar os espectadores e leitores com caozadas vis

de norte a sul da terra onde, em se plantando, laranja dá.

Perguntei sobre estes assuntos a um escritor tricolor. A resposta foi direta: “Qualquer foto do belo traseiro da cantora Anitta tem mais importância do que todos estes caça-likes e suas opiniões juntos; sem o Tricolor como meio de autopromoção, eles não passam de famosos ‘quem?’”.

DELÍRIO ZANZIBARIANO DURANTE A SONECA

O fato de estar num novo patamar erótico de sua vida não impede Chiquinho Zanzibar de recordar suas admirações e pecadinhos. Para driblar qualquer eventual deslize gay, ele larga

o smartphone, volta a ver o filme de sexplícito na TV e começa subitamente e buscar o gozo por seus próprios meios. Rapidamente chega ao clímax e ri de alegria vendo a imagem feliz da atriz na tela. Levanta, vai ao banheiro tomar um banho para dormir de vez, e em certo momento da ducha faz a brincadeirinha do sabonete que quer ser supositório, mas corta a onda na moral – agora ele é machinho e pronto.

Veste o robe grená, volta para a cama, emplaca um peidão libertador – nem tudo muda – e se deita ao lado de Esmeralda. Começa a cochilar. E rapidamente tem um sonho – ou pesadelo, conforme o gosto do cliente. No passado, a ex-tia velha ficaria ensandecida de tesão, mas em 2017 a

cena é repugnante para um quase neo-homofóbico, por mais absurda que esta construção seja.

Chiquinho se vê com seu robe rosa e um bandeirão tricolor em seu pescoço, como se fosse um super-herói do sexo. Debaixo dele está um rapaz delgado, em posição passiva, muito parecido com o guitarrista Kirk Hammett do Metallica (e é claro que eu sei disso, mas o idiota do Chiquinho não tem a menor ideia do que seja o Metallica) sendo penetrado lentamente e urrando de prazer palavras ininteligíveis, até que em certo momento explode ao sentir a carne rija da piroca de Francisbar, o pano do robe e o roçar do bandeirão:

– METEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEEE,
FLOOOOOOOOOOOOOO! METEEEEEEE,
FLOOOOOOOOOOOO GOSTOOOOOOOOO!
NOSSAS PUTARIAS TÊM QUE
CONTINUARRRRRRRRRRRR!

O berro é o sinal para Chiquinho acordar assustado, suadíssimo e, quem diria, gozado. Ele olha para Esmeralda em sono profundo, olha para o teto e finalmente não consegue mais represar a velha risada caótica que o Brasil consagrou. Era um pesadelo sim, mas já fora sonho e dos bons. Loucurinhas!

O INESPERADO

Antes do sono final, Chiquinho Zanzibar decide não tomar outro banho, só para se sentir minimamente nos velhos

tempos. Resolve dar a última espiada no celular. E encontra a seguinte mensagem:

“Oi, Francisco, será que a gente poderia ter um encontro para tomar um drink e conversar numa boa? Tenho alguns planos para o futuro e você está neles. Saudações tricolores”.

O remetente era ninguém menos do que o grande desafeto Agaynaldo Happybath.

O neo-homofóbico perde o sono, mas não por muito tempo. Dois minutos, talvez.

SEXO MATINAL

Esmeralda nem sabe o que dizer: mal acorda e Chiquinho está atrás dela em puro cio. A brincadeira acontece numa nice, mas aí surge uma situação inesperada: o peido. Sim, o mesmo peido que para o velho Chico é libertador, naquele momento de pós-gozo vira um inacreditável desodorante de futum peniano. Nosso herói vai para o banheiro, tenta tirar o fedor de todo jeito, mas a cheirerda não é fácil de ser removida. Esmê ri sem graça.

Os delírios do sonho-pesadelo voltam à mente do velho safado debaixo do chuveiro.

CERTAS COISAS NUNCA MUDAM

Chiquinho Zanzibar tinha amanhecido mais machão do que nunca. O tesão matinal continuou, mesmo depois da mijada. Queria mulher, e gostosa, chega de Esmeralda. Madame Sascha era quase uma namorada, uma transa prazerosa. Não havia dúvida sobre quem estaria em seu caminho de virilidade do arrebol. E queria dar uma lição erótica em Barbixota.

Madame Sascha topou a pegadinha tesuda. Durante alguns jogos no Maracanã, ela ficaria ao lado do metido a dar furos. Insinuante, morderia os lábios e lhe piscaria os olhos. Em plena decisão, seria certa.

E lhe convidou, ao pé do ouvido, para uma noite daquelas. “Venha com disposição, que vai ser um Mete Flu danado.”

No endereço previamente marcado, a mesma mansão vetusta que servia de bingo clandestino para os amigos de Chiquinho Zanzibar, daqueles que adoram estourar champanhe golpista na sede do club, o safadérrimo chegou. Happybath também havia provado daquele cenário de devassidão e gostado em algumas ocasiões.

O ambiente cheirava a sacanagem, sexo puro do trio. À meia luz, Madame Sascha o esperava ao som da bossa das cantoras do rádio. Uma

enorme cama king size com lençóis de seda grená reinava no meio do salão.

Ela exigiu que tirasse as roupas. Chico mostrou-se ereto, muito afim daquela tão sonhada foda, que poderia lhe render muitos furos de reportagem e a ansiada fama de machudo.

Porém, Madame fez uma última exigência ao mancebo: que raspasse o cavanhaque, todinho. Estava com a mão apertando seu falus erectus com força, o que o fez não negar. O dito cujo saiu do vetusto banheiro com o cheiro da loção escolhida por Chiquinho Zanzibar, mas que acreditava ser da safra de Madame Sascha.

Chegando ao salão, depara-se com ela de quatro, com Chiquinho Zanzibar lhe engatando. Não entendeu nada.

Chiquinho gargalhou vigorosa e caoticamente, e lhe disse que percebia o olhar de tesão de Barbixota ter aumentado, com o arregalar dos olhos. Então disse: “Você quer participar? Sei que sim. Vem aqui, e chupa esse cu gostoso.”. O malandrete não titubeou. Chiquinho Zanzibar desengatou e liberou o furo. Seria o fim da era machona? Nem tanto.

Quando o novo imberbe tentou abocanhar a cloaca do velho safado, tomou um cigoroso jato quente de bosta pastosa quase queimando seus maxilares. Chiquinho Zanzibar

subitamente apertou o botão do smartphone e soltou a gravação clássica da gargalhada do lutador careca. Um momento de puro ecstasy. E disse: “Toma teu furo da Operação Caga Jato, seu pseudo malandro de merda. Agora, pode falar as porcarias das fofquinhas do club com propriedade. Agora, Barbixota, taí seu ex-cavanhaque cheio de cocô pastoso bem fedido. Goza com a boca cheia de merda que eu quero ver. Goza, cuzão filho da puta!”

Completamente sem graça, com o pau completamente à meia bomba, o rosto cagado e fedido, sob a pressão de Chiquinho Zanzibar e a gargalhada lancinante do careca, golfou uma porrinha humilde, bem rala,

praticamente em gotículas. Um gozo de rapazote semivirgem.

Madame Sascha vaticinou ensandecida: “Bebê, senta, chora e veja como os adultos fodem e gozam. Mete Flu é o caralho; aqui você é Flu metido.”

Cuspindo caroços de milho e feijão, Barbixota vai para o cantinho do pensamento, chorando, com o sorriso do cocô fedido e liquidificado, a face desolada de bosta, com Chiquinho Zanzibar assumindo o posto de machão que lhe era de direito, suprimindo os desejos eróticos de uma mulher dada. O velhote porco e depravado a tudo vence. A risada caótica explode certa como um grito de gol. Safada, Madame Sascha também gargalha.

27 - SCUDERIE LE BOFE II - CONFISSÕES

O BLOGAYRO

“Meu nome é Francismar Felisberto Amauri. Sou um conhecido blogueiro tricolor e ninguém chega aos meus pezinhos tratados no salão de Montebello; muitos dizem que eu sou o novo Nelson Rodrigues e, sinceramente, tenho motivos para acreditar, ainda que teatro, artes em geral e literatura não me interesssei (sic) muito – quem é que vai perder tempo com isso? Minha admiração por Zanzibar vem do fato dele ser um dos mais notáveis exemplos da raça humana na Terra: bem nascido e criado, chegou ao topo por seu próprio esforço; é um homem de Deus, católico

praticante; tem uma bela família com sua elegante esposa Esmeralda e seus filhinhos; é um incansável general no combate à corrupção e pela guerra santa contra o comunismo; elegante, educado, plural, logo se vê que ele tem berço. É um liberal e acredita que a livre iniciativa é o caminho para a paz entre os homens na Terra. Depois de ontem, passei a admirá-lo ainda mais. Conversamos, já somos praticamente íntimos e ele me prometeu um cargo no club para o futuro, de acordo com o meu status de celebridade tricolor. Confesso que ele me encantou profundamente com seu olhar experiente, vivido, e acho que pode ser um verdadeiro mentor para mim, apontando os caminhos, abrindo brechas e manobrando sempre que for necessário nos bastidores, ou por

debaixo dos panos. Meu sonho é publicar um livro e, com o meu talento, sinceramente não sei como nestes anos todos nenhuma editora se interessou em publicar meus escritos, que são best sellers por natureza. Imagine, até aquele comunista do Paulo Andel já foi pago para isso, mereço pelo menos o triplo. Mestre Zanzibar vai me dar as dicas E MUITO MAIS.”

O VELHO ESCROQUE

“Quando Filhão me apresentou aquela peça, tive crise de urticária. Detesto viadinho cheio de salamaleques pra falar, de vozinha fina. Entendido gosta de homem macho, pegador, com testosterona e não bichinha doce de fazer cunhetinha. Mas era o que tinha

pra ontem mesmo, e era melhor fazer suruba com carne nova do que repetir prato requentado. Imagine, não sabia nem onde era o Encontros da Gomes Freire! Outra coisa que me irritou foi a toda hora ele vir atrás de mim no banheiro, dando bandeira. Respeito é bom e eu gosto, ainda mais no club. É, fez gostoso, era meio desajeitado mas deu pro gasto. Eu não pagaria, mas como fiz de graça, está feito. Burrinho também, achando que eu ia pagar livro pra ele escrever, coitado! Eu quero é curtir e compartilhar, isso é que dá Ibope. Vou agradecer ao Filhão de toda maneira, foi um bom lanchinho. Tomara que volte no Carnaval, porque Esmê vai para um retiro evangélico de personal trainers em Cabo Frio, argh! Tudo bem

que tem carinha de paraíba mas pelo menos é branco.”

FILHÃO

“Achei que seria uma boa, mas acabei ficando com ciúmes. Eu gosto do Zanzi e sei que ele tem tesão por mim. Mas acabamos tendo uma noite feliz, mesmo que não tenha sido exatamente como eu queria.”

X, AMIGO DO LUTADOR

“Eu fico bolado com esse velho, não por ele ser baitola e nem por ser velho, mas é foda do jeito que ele fica manjando o Toninho e colocando a mão na bunda, dentro da calça, como se estivesse ajeitando a cueca. Na moral, por mim eu

já tinha quebrado ele de porrada lá fora. O cara pode ser homem sexual (sic) mas não precisa ser viado, tem que saber se dar ao respeito. Ele fica manjando outras pessoas também, e é porco: fica toda hora assoando o nariz com a mão, puta que pariu meu irmão. O cara pode ter 50 anos de club mas isso não dá direito a ele de proceder assim”.

GIRARDO, MODELO E LOVERBOY

“Olha, o clima na Sebastiana estava alto astral, numa boa. O Seu Chiquinho me arrumou ingresso e bebida, mas eu não ia descontar se fosse ter programa não, porque ele me dá presentes, mas fica de muquiranagem na hora de acertar o serviço. Ontem eu tava na boa com uma coroa que conheci lá, e vi que ele se

mandou com a turma que eles chamam de Bonde dos Bofes, aí não me pediu nada. Também eu não tava afim de arregaçar entendido ontem não. Deve me ligar antes do Carnaval, ele sempre liga pra fazer uma brincadeira. Não gosto de ir à casa dele porque a esposa fica sempre me olhando atravessada, esquisito.”

ANDRÉ MUMUNHA, EMPRESÁRIO DE
ESPECIARIAS DO ORIENTE (NOME
SOCIAL DE TRAFICANTE)

“Já deixei dois recados no celular do Seu Chiquinho porque ele tem parada pra acertar comigo. Ele compra de tudo, mas enrola a pagar a rodo quando tem muito sacolé na conta. É foda. Por isso que eu trabalho mais para o Doutor

Agnaldo, que compra a purinha e paga cash, sem discutir. Mas pagando, qualquer um serve. Que mal tem? Eu quero é o meu.”

28 – SCUDERIE LE BOFE I

CHARUTO GROSSO

Jantando em casa antes de ir para a Sebastiana, Chiquinho tinha uma noite das arábias. Na TV, passava no Canal Bis um programa sobre uma loja de discos musicais em Beirute. Por coincidência, a refeição era charutos de repolho recheados.

Mordendo delicadamente cada tubo alimentício, ao mesmo tempo em que escutava melodias do Oriente com intensa percussão e vocais poderosos, Francisco quase deixou seu lado feminino aflorar. Viu-se como uma odalisca em dança, mexendo as partes decadentes de seu corpo por inteiro,

vestido por uma bela saia e bustier. Quando começou a dançar com os ombros, foi visto pela cozinheira e imediatamente a defenestrou: “Aqui não é seu lugar, criada! Vaza!”. A pobre funcionária voltou para o outro ambiente enquanto a tia velha disparava sua tradicional risada caótica.

Depois de quatro charutos, um peido libertador ganhou os ares da sala, depois de atravessar a veterana cloaca do nosso Macunaíma trash, ávido por um supositório de dote generoso.

Chega uma mensagem no Whats de Fran: “Oi, tou aqui na festa e você não sabe do babado: um blogayro me procurou e pediu informações sobre você, se podia marcar um chope para

bater um papo. Não é grande coisa mas dá pra fazer. Passei teu número. Se ele te procurar, diz que você está vindo. Ah, se for no esquema Big Bob me chama, tá? Tou bege. Beijo. Decolei.”

A resposta: “E você acha que eu dou papinho para qualquer um? Essa mina não é preta não, né? Aimeodeus! Em meia hora tou aí. Se for trubufu, vou te encher de porrada.”

PAIXÃO ANTIGA

Adentrando o salão da nobreza com sua fantasia de Coringa Melindrosa, Baby Zan praticamente enlouqueceu ao ver o lutador careca num abadã tricolor. O crânio raspado do eterno ídolo de dois metros de altura mexeu com Zan, a

ponto de ele esquecer de responder o blogayro ou mesmo procurar Filhão, que estava ocupado trazendo as Zanzigirls (o grupo de transex que tentara assediar o Careca na Ilha no ano passado) para o ambiente. Abafa, mona!

Zan não consegue se controlar ao ver Gonzalez e assobia versos de desejos ardentes não correspondidos. Ao mesmo tempo, o excesso de charutos de repolho cobra sua conta: sentindo que um peidão pode ser uma merda, ele desce para o banheiro no andar de baixo.

ZANZIBATMAN

Enquanto defecava, Chiquinho resolveu tomar um doce sublingual para abrir a cabeça. Em pouco tempo começou a

enxergar imagens holográficas, enquanto fazia força anal para libertar suas excreções.

A droga fez rápido efeito e imediatamente ele enxergou um Batman no box, em sua versão homoerótica. O cavaleiro das trevas era colorido e feliz, moderno e criativo. Em sua visão psicodélica, Zanzi avistava uma mistura de homem e mulher, lei e crime. As fezes ganhavam forma fora do ânus e, quando finalmente beijaram a água do vaso, CZ sorriu alegremente, tanto por enxergar um homem que lhe aguçava os desejos quanto pelo prazer da roçada na cloaca.

Quando olha para a porta do box, vê um recado pichado: “Faço e desfaço, piso na cara e peço pra me chamar de

de puta feia. Whats 98XX42YU.
Assinado: Blogayro.

Não podia ser coincidência.

A VOLTA AO BAILE

Depois de subir as escadas e novamente adentrar o salão da nobreza, Zanzi vê Filhão e se aproxima, estando o bardo acompanhado:

“Oi, Francisco, tudo bem? Como eu havia dito, este é o entelectual (sic) Francismar Felisberto Amauri, uma verdadeira celebridade da internet, creio que você o conheça. É uma pessoa muito importante.”

O convidado: “Boa noite, Francisco. Que os bons ventos das pérolas ribeirinhas iluminem o caminho deste homem iluminado e diferenciado, que tantos serviços prestou a este club. Sou testemunha dos teus passos como um homem de bem, de Deus, contra a corrupção e o comunismo. Cheguei até você indicado por meu guru, o Doutor Agnaldo Happybath.”

O velho Zanzi:

“Importante é quem chupa minha piroca gostoso. Tá louca, mona? Você fala que nem ET quando quer fazer alguém? Capeta do cão!”

Mister Filhão com sorriso amarelo, Francismar Felisberto não sabia ao

certo onde enfiar a cabeça, enquanto o baile tocava marchinhas da pesada.

O velho Zanzi sentenciava:

“Vocês ficam nessa viagem de parecer inteligentes, mas são um bando de pelassacos. Quero saber quem topa um banho de leite em vez de ficar de caozada. EU QUERO É FUDER, QUERO BANHO DE PORRA!”

Filhão olha Francismar, os dois riem. Chiquinho tenta fazer sua fracassada pose sensual, mas comemora o sucesso da empreitada se aproximando. Em um dos smartphones, a corrida no Uber é marcada: AC 41 x Hotel Emoções, Avenida Gomes Freire.

Chiquinho resmunga: “Não tem careca, vou nessa porra de Felisberto mermo”.

Passam pela portaria da garbosa sede, o porteiro dá uma risada ao ver Seu Chico e a bicha cáustica dispara: “Tá olhando o que, Tarzã? Nessa porra é Scuderie Le Bofe”.

A velha cloaca frouxa sempre vence.

29 – ZANZIFEST: PORQUE SÓ PODE HAVER UM!

A BATALHA FINAL

Dois dias antes do pleito, Agnaldo “Timóteo” Happybath resolve seguir Chiquinho Zanzibar. Não havia sido recebido por ele. Muito pelo contrário: foi dispensado para que não atrapalhasse a leitura de Minha Luta e o sorteio do amigo oculto ariano de fim de ano. Ficou cabreiro, como quem vai fazer cocô e fica na dúvida se são apenas gases. Num pé sujo próximo, toma vários cafezinhos até Chiquinho sair do Edifício Darke na Av. 13 de Maio e entrar num Uber luxuoso. Prontamente o segue. Era por volta das 20h.

Agnaldo Happybath acha que seu carro não é percebido pelo seu perseguido; afinal, mantém sua arrogância de sempre. O Alto da Boa Vista não acabava nunca, num sinistro caminho mata adentro. Chiquinho salta do carro, olha de soslaio e deixa cair um papel no chão. Estava vestido com um sobretudo preto, roupa de gala da SS, e levava uma máscara na mão. Com sua aparição, o portão automático se abre e Chiquinho, como um Darth Vader de plantão, entra triunfante.

Happybath salta do carro, deixando-o ligado, Pega o papel do chão e lê: “Independentemente do resultado, venha à meia noite de sábado a este lugar. Venha só com o que você receberá no pacote que estará no carro que lhe

trará aqui. Você não vai se arrepender. Beijunda de língua!”

Chiquinho Zanzibar circulou livre, leve e solto por toda a sede do club no último sábado, com a destreza em não esbarrar com ninguém que pudesse lhe tirar a vitória. Viu e ouviu muita coisa de gente branca, descolada, de família, de bem, crente em Deus, moralista pela frente e liberada de costas, e, claro, da maioria máscula. Era uma catarse do poder cis-tricolor. Vibrava por ter conseguido vencer, mais uma vez, e sem precisar gastar muito do que já gastara antes. A campanha havia lhe rendido ainda ótimas transas, cocas, bases, e vingancinhas. Quando a confusão era imensa, o cheiro de testosterona o levou a muitos “com lincença” (sic) de

vagalume e mãos bobas para não perder a viagem. Ficou o dia todo, desde cedo, ereto com ondas de arrepio e suspiros mil, apesar de filhas e esposas dos bem apanhados fazendo a fachada de família TFP remix.

Assim que a vitória foi divulgada, sem grandes alardes, seguiu para a Rua Paissandu, pegou um táxi e, por um caminho alternativo, foi para a sua festa da vitória na associação maçônica opus dei nazi-erótica que dirigia. Naquele dia, tudo tinha sido bolado por Zanzibar: da trilha sonora, passando por cada um dos corpos torneados de todos os gêneros, até a última ponta. Ficou dias e dias vendo books e negociando preços e sigilos. Coisa fina e séria, de quem

manja das coisas. Afinal, era dia de festa!

Ainda suado, Happybath recebe um recado de um de seus puxa sacos de plantão que, num carro todo envelopado, de altíssimo luxo, o esperava com um espartano de ébano de lábios rosé, no posto de gasolina da Rua Pinheiro Machado. De longe, viu o zulu elegante, uniformizado, a lhe aguardar. Abriu a porta e lhe disse com voz grossa: “Boa noite! O senhor já sabe o que fazer. Por favor, antes de vestir as roupas, banhe-se com o álcool gel do bebê, sem poupar os lenços umedecidos. Tire a queijada do pênis e os urubuzinhos de fezes com badalhocas do ânus e de regiões próximas. Depois, vista-se e se

perfume todo. O senhor não se arrependerá.”

Num misto de acabrunhamento e tesão, Happybath nem se lembra do fracasso nas urnas e das promessas, que deram tantas esperanças de bons negócios aos parceiros, além do rombo financeiro a lhes ser coberto. Como uma criança indo para o Maracanã ver seu time predileto, aseou-se e vestiu-se impecavelmente. A compensação era esse evento misterioso organizado por Zanzibar, quem sabe até mesmo uma reunião para algum cargo na nova gestão? Só podia ser isso! Seu peito se aprumou como nos velhos tempos da banheira do amor! Sentiu-se poderoso como há muito tempo não experimentava. Voltaria a mandar e

desmandar no club, fazendo seus almoços de mais de duas horas, desses que o sujeito volta de banho tomado e em total êxtase relax, além de justificar todos os que revelaram seus planos na internet.

O portão da mansão se abre quando os faróis apontam, e o motorista lhe ordena, em tom severo e safado, simultaneamente: “Coloca a máscara que está na caixa aí atrás”.

Na porta de um imenso casarão do início do período republicano, cheio de vitrais e guéri-guéis de ricos e chiques tradicionais da vida carioca, Happybath salta, impávido colosso. É recebido por um senhor de uns setenta anos, elegantemente vestido num

impecável fraque, que diz: “O senhor se acha preparado para essa noite? Se sim, queira me acompanhar.” “Claro! Sou Happybath, o grande player, o big boss nessa história toda, senhor da lei e da ordem, do justicamento e santo das causas impossíveis! Eu sempre estou preparado, para tudo.”

Na antessala, tudo à meia luz, móveis grã-finos de madeira de lei, torneada, e o chão de mármore carrara davam o tom do poder reinante por ali. Eis que a sala principal é aberta. Todos de fraque, mascarados, homens, ao redor um altar grená sangrento. A voz de Chiquinho ressoa, firme como nunca antes Happybath a escutara: “Entre, doutor. És nosso convidado de honra, e nos alegre muito tê-lo aqui.” Mesmo de

máscara, sua identidade havia sido revelada e ele não tinha a menor ideia de quem eram as pessoas ao seu redor. As máscaras impediam que a expressão de suas emoções fosse percebida. Pensava: “Tudo nebuloso e excitante para a sua consagração como o novo mandatário do futebol. Como isso o deixava ereto! As eleições tinham sido apenas uma fachada para um suposto processo democrático! Isso mesmo! Serei reconhecido, terei o poder de volta”.

Uma grande parte da sala estava na penumbra, e dela se escuta um órgão começar a entoar o hino do club, cantado por jovens vozes, em latim. Isso mesmo, em latim! Todo de vermelho, do fundo do altar, com uma máscara dourada, surge uma figura com um

cajado. Ao final de cada estrofe do hino, uma pancada do báculo ao chão o faz interromper. Nova batida e a canção continua, fúnebre e excitante como Eros e Tânatos. A noite estava prometendo ser dionisiaca. O hino termina na mesma passada em que a espécie de sacerdote chega ao altar. Ele fala consigo mesmo, baixo, num solilóquio misterioso. Aponta o bastão dourado para Happybath e diz: “Aqui, agora! Venha, já! Todos te queremos. Você veio porque quis, ninguém te forçou.” Dois homens de pele escura, mas com seios fartos e as partes íntimas em forma de vagina, também mascarados, todos com seus músculos torneados por óleos especiais, o vem pegar pelos braços. O guiam educadamente até o altar, para o

que Happybath acreditava ser a sua sagração.

Ao fundo, o coral anuncia “We are the champions”, em arranjo barroco, com J. S. Bach reencarnado ao fundo, em tocatas e fugas de tirar o fôlego. Imediatamente, uma névoa branca sai dos lados do altar. Sem entender muito bem o que está havendo, Happybath identifica, mesmo caído ao chão, atordoadado, Zanzibar chegar de sapatilhas de balé, calça branca Robin Hood, seus pelos do peito à mostra, capa da rainha da Inglaterra, e a coroa nas três cores. Era a festa da vitória. Happybath estava atônito. Babava de raiva. Rios de dinheiro gastos para ser alvo de chacota de Chiquinho Zanzibar, que contava a ser conselheiro. Estava

nas internas do club, ao lado do vovô e do careca tesudo.

“Agora, seu trouxa, espero que você entenda como se faz as coisas. Lei é uma coisa, justiça, outra. Eu sou o único respeitador daquilo que não é pra ser respeitado. Eu não sou moralista. Eu sou sincero em minhas mentiras, e minto de modo sincero, sempre! Cada um desses potros que negocieei está voltando, e vou ganhar cada centavo, sem você saber, em cada negociação. E ainda vou ganhar surra de rola grossa. Eu vou pra Scheren ver pica, e não fingir que vou fazer o time campeão. Eu venci as eleições e sempre vencerei! Eu sou melhor do que você!”

Desce o telão e uma sequência de momentos bisonhos de todos os protegidos de AH são mostrados, ao som de “The Great Pretender”. Chiquinho Zanzibar se deleita com a cena, no mesmo momento em que travestis entram e escolhem seus bofes, depois trans se beijam, lésbicas se entendem, e, com muita calma, por último, algumas mulheres com corpo de primeira dama arrastam uns e outros. As portas laterais se abrem e outras pequenas salas aparecem.

Chiquinho Zanzibar arria suas calças. O outrora poderoso Happybath chora como um menino que é flagrado pela mãe ao se masturbar. Não consegue ver mais nada e sabe que tirar sua máscara pode lhe ser fatal. Da

euforia do possível triunfo, o medo toma conta de seu ser. Travestis eretos, de dois metros de altura, com sapatos de salto alto, passam com bandejas repletas de carreiras de coca e notas de cem dólares, já enroladinhas. Zanzibar tira seu membro cansado, mas ainda guerreiro, e urina em Happybath. Quando este tenta se recompor, olha para frente e só vê o ânus de Zanzibar lhe tascar um jato colossal de lama de fezes quentes. Com a risada caótica de Chiquinho, Happybath desmaia e só acorda horas depois na porta da Igreja Santa Cruz dos Militares, na rua Primeiro de Março, em pleno coração da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, com penas de travesseiros de ganso coladas em seu corpo, fedendo

aos excrementos, porra e sangue. Era fim de linha, fim de festa.

Era a batalha final.

30 - PRONUNCIAMENTO OFICIAL EM CADEIA NACIONAL DE RÁDIO, TV, INTERNET E A CARALHA TODA DO EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOUTOR FRANCISCO DA ZANZIBAR Y ZANZIBAR

De acordo com os princípios constitucionais e a Lei de Imprensa, além da PEC 2469-71, venho publicar o pronunciamento oficial de Francisco da Zanzibar y Zanzibar, o Chiquinho Zanzibar, sobre o resultado do sufrágio eleitoral do club.

“Rio de Janeiro, 24 + 2 de
novembro de 2016

Aos amigos tricolores, sem distinção de classe, cor, origem, política e, naturalmente, sexo.

Venho parabenizar a todos os que construíram esta grande festa da democracia em Orange City, ocorrida neste sábado de sol, calor e gente bonita, bem transada, linda, leve e solta.

Prometo, na condição de Conselheiro desta casa em mais um mandato, empenhar todos os meus esforços na construção de um club maravilhoso, divino e belo, onde tudo será perfeito, da entrada do até nossa principal casa da fraternidade: a sauna.

Cada cantinho da nossa deslumbrante sede terá Francisco

Zanzibar como um vigilante atento, um cão de guarda farejador, um verdadeiro amigo do povo.

Farei a maior gestão de todos os tempos, o maior time de todos os tempos, as maiores festas de todos os tempos, os melhores bons drinks de todos os tempos. O club a partir de hoje é AC/DC: Antes de Chiquinho, depois de Chiquinho. Não se iludam: eu sou FODA. Não importa quem se eleja: o grande vencedor sempre sou EU.

É hora de muita alegria e descontração, em nome da família brasileira, de Deus e da nossa pátria, livre do comunismo.

Quero aqui deixar um abraço carinhoso a todos os torcedores, diferenciados pela natureza: belos, fortes, impávidos colossos, gigantes pela própria natureza. Em especial, aos amigos fraternos do meu grupo predileto de Whatsapp, o Saunahfloo, e também aos do grupo de Facebook Melindrosos Tricolores.

Deus está conosco.

Do seu amigo e seu político,
Francisco da Zanzibar y Zanzibar
Chiquinho Zanzibar
Chiquinho da Zanzibar
Conselheiro do club
Paz, Justiça e Liberdade”



Jornalista com experiência em redações diversas, ALVA BENIGNO nasceu no Rio de Janeiro em 1965. Envolvida com questões ambientais e em diversas searas da política, é radicada em Santa Catarina. É formada em Comunicação pela UFRJ. Tricolor de coração, este é seu primeiro livro solo, tendo já colaborado com outras diversas publicações literárias ao longo de sua carreira.

“Não quero saber se estão fazendo isso pelo bem do club, da gestão, das contas, o caralho de quatro: o que me importa nisso é tirar a gatinha do caminho e trazer meu levadinho. Eu não criei este mundo, eu não vou mudá-lo, é a vida como a vida é. Não me encham o saco com lições de falso moralismo. O mundo é movido a dinheiro e poder. Com o dinheiro onde o dinheiro está, com o poder onde o poder está. Se tiver uma brecha, é claro que eu vou entrar nessa. Quem quiser, que se faça de bonzinho. Eu quero é mais, muitooooo maisss!”

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-919299-2-4



9 788591 929924